



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE MESTRADO**

CLARA MARIA LUNA VARJÃO SCHETTINI

**ONDE ESTÃO AS MULHERES NA HISTÓRIA DAS
RELIGIÕES? Um estudo da agência feminina a partir de A
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**

Recife, 2024

CLARA MARIA LUNA VARJÃO SCHETTINI

**ONDE ESTÃO AS MULHERES NA HISTÓRIA DAS
RELIGIÕES? Um estudo da agência feminina a partir de A
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques.

Recife, 2023

S327o Schettini, Clara Maria Luna Varjão.
Onde estão as mulheres na história das religiões? :
um estudo da agência feminina a partir de a Igreja de
Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias / Clara Maria
Luna Varjão Schettini, 2024.
138 f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Luz Marques.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em
Ciências da Religião. Mestrado em Ciências da
Religião, 2024.

1. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
2. Mórmons. 3. Mulheres - Aspectos religiosos - História.
I. Título.

CDU 289.3

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

CLARA MARIA LUNA VARJÃO SCHETTINI

**A AGÊNCIA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DAS
RELIGIÕES? Um estudo da agência feminina a partir de A
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**

Recife, 28 de fevereiro de 2024.

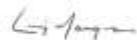


Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral



Sandra Duarte de Souza (Mar 2, 2024 13:20 GMT-3)

Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza



Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques
(Presidente da Banca Examinadora)

Apesar das dificuldades que conheci em toda a minha vida, sinto que estou em um momento de harmonia. Faço o que quero, dou palestras sobre a cordilheira, com uma particularidade: faço isso depois de ter passado mais de trinta anos sem emitir uma palavra sobre o assunto. E essas palestras são gratificantes, porque acredito quando se diz que ***'o passado é o que mais se modifica'***.

(Pablo Vierci, A sociedade da neve, p. 145, 2022)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Marcus e Clara, por sempre acreditarem em mim e por terem me ajudado a concluir essa jornada de estudos e pesquisa com toda logística que uma mãe de três precisa organizar.

À minha irmã, Juliane, por fazer parte da minha rede de apoio. Sua compreensão, socorro, carinho e incentivo foram muito importantes para mim.

Ao meu amado esposo, Guilherme, que me apoiou quando decidi voltar a estudar depois de tantos anos, e desempenhou seu papel de pai e marido de maneira dedicada. Excedeu o que a sociedade espera desse papel.

Às minhas filhas e filho, Luiza (hoje 14), Marina (hoje 12) e Daniel (hoje 7), por todo amor, incentivo, apoio e compreensão. Tenho certeza de que em muitos momentos fiquei ausente, mas eles sempre me apoiaram e ajudaram, especialmente as mais velhas, quando precisei que comidas e arrumações fossem feitas enquanto estava escrevendo, em aulas ou em reuniões.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de sempre aprender e me desenvolver de alguma forma nessa vida, por possibilitar termos sonhos e buscar realizá-los e mostrar que existem possibilidades que nem sonhamos e são possíveis. Por me permitir ter uma família e mostrar o que realmente é importante nesta existência terrena.

Ao Prof. Luiz Carlos, pela orientação e dedicação tão importantes. Tantas vezes que nos reunimos desde a graduação e, embora em algumas eu chegasse sem acreditar muito em meu potencial, em pouco tempo de conversa e umas poucas palavras de incentivo eu voltava a acreditar que poderia desenvolver esse trabalho e que eu tinha potencial para me tornar o que eu almejava. Obrigado por acreditar em mim e pelos tantos elogios e incentivos que eu mesma não era capaz de reconhecer em mim mesma. Tenho certeza de que não chegaria neste ponto sem o seu apoio.

Aos membros da banca examinadora, Prof^a Sandra Duarte de Souza e Prof. Walter Valdevino do Amaral, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação. Especialmente o Prof. Walter, pelas conversas e parcerias. Grata pela possibilidade de participar do grupo CACTOS, que certamente foi uma base para pensar a posição das mulheres na sociedade como um todo e me deu acesso a textos e discussões importantes.

Todos meus colegas do CACTOS, que enriqueceram minhas perspectivas sobre questões de gênero.

Aos Professores da UNICAP, pela dedicação, competência, apoio e todo conhecimento compartilhado. Desde a graduação fui presenteada com professores maravilhosos que moldaram minha forma de entender a pesquisa, o ensino, as religiões e a história. Os Professores e professoras: Luiz Carlos Luz Marques, Helder Remígio de Amorim, Paulo Cadena, Walter Valdevino do Amaral, Tiago da Silva Cesar, Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, Flavio Jose Gomes Cabral, Zuleica Dantas Pereira Campos, Newton Darwin de Andrade Cabral, Maria do Rosário da Silva, Graziela Brito de Almeida, Izabelly Brayner, Silvério Leal Pessoa, Gilbraz de Souza Aragão, José Afonso Chaves, Valdenice José Raimundo, Drance Elias da Silva, José Tadeu Batista de Souza.

À minha amiga Luiza Cavalcanti, pelos trabalhos e disciplinas realizados em conjunto e, principalmente, pela preocupação e apoio constantes. Seus conhecimentos e dedicação foram fundamentais para as implementações de projetos

e participação em eventos. A todos os demais amigos e amigas da UNICAP, obrigado pelo convívio, amizade e apoio demonstrado.

Algumas outras pessoas me ajudaram a concluir essa pesquisa, colegas de pesquisa da história da Igreja no Brasil, escritório e departamentos de história da igreja, pessoas que tinham alguma relação com os pesquisados, eventos e instituições de ensino no mundo todo que promovem eventos sobre esse assunto e os mais diversos autores de artigos, livros e trabalhos acadêmicos que me foram de grande ajuda nesse percurso.

Agradeço muito a minha mãe, Clara Luna Varjão, por me apoiar durante esses anos de estudo. Sem você eu não conseguiria participar dos eventos e me dedicar aos estudos como fiz. Consegui antecipar minha formatura na graduação e entrar antecipadamente no mestrado por seu apoio.

Minha irmã, Juliane, junto com minha mãe, formaram uma rede de apoio forte e constante. Elas são uma inspiração para mim, e me ajudaram a desenvolver meu interesse nas relações de gênero entre homens e mulheres.

Meu pai, que me incentivou e ajudou em momentos de problemas a continuar essa jornada de estudo.

Minha filha, Luiza, durante seis anos ela foi minha parceira nesta jornada, que se iniciou quando ela tinha oito anos, desde então começou a me ver estudando e pesquisando com muita frequência, e terminou depois dela completar quatorze. Ela já me ajuda com alimentação e outras pequenas tarefas necessárias para o funcionamento da casa no dia a dia.

Marina também me ajudou muito esses anos, começamos quando ela tinha seis anos e, com o passar do tempo, ela desenvolveu habilidades que permitiram estudar e realizar tarefas juntas, mesmo que cada uma estando concentrada em sua própria tarefa de maneira individual.

Daniel talvez seja o que menos diferença sentiu, já que desde muito pequeno me viu em frente ao computador e entendeu que esse momento era uma constante aqui na nossa casa. Voltei a estudar quando ele estava com dois anos e nesse ano da defesa da dissertação ele está fazendo oito. Agradeço aos três pela paciência e compreensão ao longo desse tempo.

Por último, gostaria de agradecer ao meu parceiro e amor da minha vida, Guilherme, que me apoiou nesse retorno, depois de abandonar uma graduação e

passar anos afastada desse universo me dedicando à maternidade. Ele me incentivou a me inscrever no vestibular que aconteceria em menos de um mês e me acompanhou ao longo desse processo de formação e continuação para o mestrado. Certamente sem seu apoio nada disso seria possível.

RESUMO

A participação das mulheres nos processos históricos é um tema que tem ganhado destaque nas últimas décadas. Tradicionalmente relegadas a papéis secundários e interpretadas predominantemente sob uma perspectiva masculina, as mulheres nas religiões cristãs, especialmente após a cristianização do ocidente, foram frequentemente consideradas inadequadas para o acesso direto a Deus, posições de liderança e, em alguns casos, foram até mesmo excluídas de registros históricos. Focando especificamente na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, conhecida como igreja dos “mórmons”, denominação que chegou ao Sul do Brasil na terceira década do Século XX, esta pesquisa identificou uma figura feminina pouco reconhecida na história da denominação, Auguste Kulmann Lippelt, direcionando minha atenção não apenas a ela, mas a outras figuras femininas relevantes desse período inicial de a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A dissertação tem como objetivo analisar as condições de vida das mulheres entre 1913 e 1935 dentro da instituição religiosa pesquisada, durante o período de sua chegada no Brasil, por meio de fontes como jornais, registros institucionais, cartas, fotografias e entrevistas. A análise visa compreender como as ações dessas mulheres influenciaram a implementação dessa instituição religiosa no contexto brasileiro. Ao apresentar uma análise dos mecanismos sociais da época, usamos Bourdieu, para identificar a dominação masculina, e Scott, para entender a dinâmica de gênero, especificamente quando ela fala da relação binária entre homens e mulheres. A pesquisa destaca como esses fatores moldaram a relevância dada a essas mulheres nessa sociedade. Finalmente, destaca-se também a marginalização e negligência histórica em relação às mulheres nas narrativas religiosas, conforme observado por Perrot em seu livro “As mulheres ou os silêncios na história”. Assim, este trabalho se configura como um registro histórico acessível para aqueles interessados em aprofundar seu entendimento sobre as mulheres que desempenharam papéis significativos no estabelecimento de sua instituição religiosa em suas comunidades.

Palavras-chave: Religião; Agência de mulheres; Gênero; Poder; Mórmons; A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

ABSTRACT

The participation of women in historical processes is a topic that has gained prominence in recent decades. Traditionally relegated to secondary roles and predominantly interpreted through a male perspective, women in Christian religions, especially after the Christianization of the West, were often considered unfit for direct access to God, leadership positions, and in some cases, were even excluded from historical records. Focusing specifically on The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, known as the "Mormon" church, a denomination that arrived in the Southern Brazil in the third decade of the 20th century, this research identified a little-recognized female figure in the denomination's history, Auguste Kulmann Lippelt, directing my attention not only to her but to other relevant women of this initial period of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. The dissertation aims to analyze the living conditions of women between 1913 and 1935 within the researched religious institution during the period of its arrival in Brazil, through sources such as newspapers, institutional records, letters, photographs, and interviews. The analysis seeks to understand how the actions of these women influenced the implementation of this religious institution in the Brazilian context. By presenting an analysis of the social mechanisms of the time, we use Bourdieu to identify male dominance, and Scott to understand gender dynamics, specifically concerning the binary relationship between men and women. The research highlights how these factors shaped the relevance given to these women in this society. Finally, it emphasizes the marginalization and historical neglect of women in religious narratives, as noted by Perrot in her book "Women or the Silences in History." Thus, this work serves as an accessible historical record for those interested in deepening their understanding of the women who played significant roles in establishing their religious institution in their communities.

Key-words: Religion; Women's-agency; Gender; Power; Mormons; The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints.

ÍNDICE DAS IMAGENS

Figura 1: Panfleto distribuído pelos missionários em Joinville.....	16
Figura 2: Diagrama com as autoridades gerais e os líderes gerais da Igreja.....	30
Figura 3: Quadro organizacional.....	31
Figura 5: Trecho do Registro da Missão Sul-americana.....	64
Figura 6: Trecho do Registro da Missão Sul-americana.....	64
Figura 7: Família Lippelt por volta de 1930. Georgine é a de vestido claro florido a esquerda da foto.....	66
Figura 8: Auguste Kuhlmann Lippelt.....	67
Figura 10: Comprovante da passagem Alemanha/Brasil 21 de setembro de 1923..	68
Figura 11: Heber J. Grant: Sétimo Presidente da Igreja.....	71
Figura 12: J. A. Camacho, Brazil London: Royal Institute of International Affair.....	72
Figura 13: Georgine Lippelt.....	73
Figura 14: Registro manuscrito original dos missionários no Brasil.....	74
Figura 15: Família Lippelt Blind.....	75
Figura 16: Georgina Lippelt Blind.....	76
Figura 17: Robert H. Lippelt (sentado) – Após seu batismo - Ipoméia.....	77
Figura 18: Família Stoof, 1934.....	78
Figura 19: Panfleto de uma palestra no teatro Guarani.....	80
Figura 20: Auguste Kuhlmann Adulta.....	82
Figura 21: Membros de Rio Preto.....	84
Figura 22: Primeira capela do Brasil.....	85
Figura 23: Tabela com número de membros em 1935.....	86
Figura 24: Tabela Censo 2010.....	86
Figura 25: Dados de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.....	87
Figura 27: Notícia de jornal sobre casamento de Daniel e Agda.....	89
Figura 28: Diário oficial de 27 de julho de 1944.....	90
Figura 29: Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012.....	91
Figura 30: Coluna de Daniel Shupe no jornal Diário de Notícias.....	93
Figura 31: Roberta McKnight tradutora oficial do Livro de Doutrina e Convênios para o Português.....	95
Figura 32: Roberta Mcknight Hunt em seu batismo.....	96

Figura 33: Certidão de Casamento Roberta e Jay	97
Figura 34: Trecho da carta do presidente da missão brasileira para a primeira presidência da igreja em 1943	99
Figura 35: Família de Roberta e Jay	100
Figura 36: Membros da igreja nos anos de 1945	104
Figura 37: Bertha Johanna Auguste Just Sell	106
Figura 38: Batismo de Bertha Sell em 14 de abril de 1929	107
Figura 39: Família Sell em 1929.....	108
Figura 40: Primeira presidência da Sociedade de Socorro na América do Sul	108
Figura 41: Família Barsch, 1935	109
Figura 42: Família Barsch	110
Figura 43: Carta do presidente da missão brasileira para a primeira presidência da igreja em 1943.....	111
Figura 44: Martha Toni, seu marido e filha.....	112
Figura 45: Família Otto.....	113
Figura 46: Família indo para igreja.....	114
Figura 47: Gerda Maria Olga Siedschlag	115
Figura 48: Gerda, Guilherme e seu filho	116
Figura 49: Elders Rex Cluff, Melvin Cannon, Reed Bayles, J. Peter Loscher with Buchli family in Joinville	116
Figura 50: Trecho do Sumário da história da igreja.....	117
Figura 51: Sister Busse	118
Figura 52: Certificado de batismo Irmã Busse.....	119
Figura 53: Lilly Busse com os missionários.....	119
Figura 54: Elisabeth Guilhermina Busse	120
Figura 55: Sister Schum, Sister Busse, Brother and Sister Wollenweber, and Elder Emil Schindler	121
Figura 56: Elisabeth Busse aos 90 anos	122
Figura 57: Erma and Helena Siedschlag and Sister Pollack, Curityba	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A RELIGIÃO E SEU LUGAR NA SOCIEDADE	20
1.2 A religião e as mulheres	23
1.3 Um breve panorama sobre A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	27
2. O LUGAR DAS MULHERES DENTRO DA SOCIEDADE	33
2.1 O lugar das mulheres e as teorias	33
2.2 Mudando quem faz o registro histórico.....	42
2.3 Lutando contra o rebaixamento social dentro das religiões reformadas.....	46
2.4 Como era a estrutura social no sul do Brasil (1923-1933).....	54
2.4.1 Joinville	56
3 TRAJETÓRIAS DE MULHERES ‘MÓRMONS’ PIONEIRAS	60
3.1 O panorama político do Brasil no início do século XX	60
3.2 Os Lippelt.....	65
3.2.1 Georgine Luise Lippelt Blind	72
3.2.2 Robert Friderich Heinrich Lippelt	76
3.3 Início oficial no Brasil	78
3.4 Pioneiras na tradução	87
4. MULHERES LÍDERES NO BRASIL	101
4.1 A Fundação da Sociedade de Socorro	101
4.2 A organização feminina no Brasil	104
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
6. REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

A minha trajetória no meio acadêmico, especialmente no campo da pesquisa, teve início durante a minha graduação em História, quando participei do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Nesse período, eu não possuía experiência prévia em pesquisa científica, e minha última presença em uma universidade havia sido há onze anos, em um curso que não cheguei a concluir. Ao me deparar com o universo da pesquisa, estabeleci contato com um dos professores, Luiz Carlos Luz Marques, que me orientou sobre esse processo e me acolheu em sua linha de pesquisa voltada para as religiões no período republicano.

Dessa forma, posso afirmar que a incursão na pesquisa sobre religiões foi fortuita em meu percurso acadêmico. No entanto, a escolha de abordar as mulheres dentro desse campo de pesquisa foi consciente, pois meu interesse pela história das mulheres cresceu ao longo dos meus estudos e pesquisas. Apesar de Cristo, representante maior da religião, ter sua história repleta de mulheres e agregar ela em sua jornada a religião cristã perpetua um entendimento de que a mulher não tem um lugar de protagonismo no seu fazer e na sua história.

Com objetivo de aumentar meu conhecimento sobre as questões de gênero, especialmente ligadas ao papel da mulher na sociedade, integrei um grupo de estudos de gênero, o Cactos, e, no meu segundo ano de pesquisa, concentrei-me em uma figura feminina, Auguste Kuhlmann Lippelt, que surgiu durante o meu primeiro ano no PIBIC. Busquei entender seu papel dentro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias nesse período, Auguste se batizou na Alemanha e, por imposição do seu marido, foi morar no Brasil onde a instituição religiosa da qual ela fazia parte não estava estabelecida.

Neste estágio avançado da graduação, no último ano, comecei a considerar as possibilidades de realizar um mestrado. Após conquistar o primeiro lugar geral no Programa de Iniciação à Pesquisa Científica da UNICAP, decidi estruturar um projeto e aprofundar a pesquisa iniciada durante a graduação.

Ao concluir a etapa da graduação e ao ponderar sobre os próximos passos na minha trajetória acadêmica, a necessidade de iluminar as histórias das mulheres

no contexto religioso emerge como uma motivação essencial para continuar neste caminho. A comunicação, registro e divulgação de novas evidências sobre indivíduos anteriormente negligenciados têm se tornado um objetivo emergente para alguns historiadores. A historiografia, por longo período, concentrou-se em figuras proeminentes, geralmente resumidas a homens brancos detentores de algum tipo de poder. Este movimento desencadeou conflitos no âmbito historiográfico, desafiando a premissa anterior de imparcialidade e neutralidade do historiador.

Registros que desautorizam a generalização de homens brancos, heterossexuais e dominantes como representantes universais, enquanto as mulheres são reduzidas à categoria de donas de casa submissas, provocam uma reconsideração crítica, aspecto extensamente debatido dentro dos estudos feministas e de gênero. Este desafio e resistência a uma narrativa homogênea e generalizante enriquecem a compreensão do passado, ampliando a visão acerca do que foi historicamente legitimado e porque durante tanto tempo apenas uma única perspectiva foi reconhecida.

As mulheres, ao longo dos séculos, foram alvo de controle masculino, uma realidade especialmente evidenciada neste estudo na cultura ocidental. Atualmente, observamos uma variedade de trabalhos que destacam esse controle e o apagamento do protagonismo feminino, especialmente no campo da historiografia.

Elas aparecem menos no espaço público, objeto maior da observação e da narrativa, fala-se pouco delas e ainda menos, caso quem faça o relato seja um homem que se acomoda com uma costumeira ausência, serve-se de um masculino universal, de estereótipos globalizante, ou da suposta unicidade de um gênero: A MULHER (Perrot, 2005, p. 11).

O apagamento ou a representação secundária das mulheres torna-se evidente nas religiões cristãs. Apesar da presença de diversas mulheres nos registros, mesmo que nas entrelinhas, algumas desempenhando papéis-chave, a disparidade na quantidade de trabalhos acadêmicos dedicados a essa temática é notável quando se analisam as estatísticas no campo das Ciências da Religião. Além disso, aquelas

que recebem destaque muitas vezes são interpretadas, segundo perspectivas contemporâneas, de maneira inferior ou subalterna (Ecco, Marinho e Araújo, 2018).

Durante a pesquisa feita por Clovis Ecco, Thaís Marinho e Claudete Araújo que abrangeu o período entre o ano 2000 e 2017 elas e ele levantaram 181 dissertações e teses dos programas de Ciências da Religião disponibilizadas no TEDE. Desses trabalhos 134, o que corresponde a 74%, foram defendidos por mulheres e 47, correspondendo a 26%, por homens. Isso demonstra a grande participação feminina dentro da área de pesquisa, porém, se passamos a analisar a quantidade de mulheres docentes dentro dos programas notamos que essa porcentagem fica quase invertida.

Dentro da UNICAP das 154 dissertações encontradas na biblioteca de teses e dissertações apenas 10 eram voltadas para o tema gênero. Quando analisados os 40 anos de existência dos programas de pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil, dentre os 2.519 trabalhos existentes, somente 245, ou seja 9,75%, abordam estudo das mulheres, feminismo e gênero.

Um exemplo dessa inferiorização e exclusão é encontrado no livro “Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro”, que relata a reação do poeta parnasiano Olavo Bilac ao interesse de sua noiva em tornar-se escritora. A carta de Bilac à sua noiva Amélia de Oliveira revela uma visão condescendente e restritiva: “Eu amo você, mas você não pode desenvolver seus talentos, assim como eu desenvolvo os meus, afinal de contas, você é apenas uma mulher” (Almeida, 2022, p. 64). Esse episódio reflete não apenas a atitude individual de Bilac, mas também ilustra uma mentalidade mais ampla que permeia a interpretação e representação das mulheres nas esferas literária e social, especialmente nesse período (1888). Elas não poderiam exercer funções consideradas públicas, ou desenvolver habilidades em diversas áreas, como a escrita, que podem interferir no papel que elas devem desempenhar dentro da estrutura familiar.

A metodologia empregada nesta pesquisa é fundamentada em referências bibliográficas, sendo uma delas a coletânea “Fontes Históricas” (2008), organizada por Carla Bassanezi Pinsky. Dentre os capítulos consultados, destacam-se aqueles voltados às fontes documentais, com enfoque na abordagem de Carlos Bacellar sobre o uso e o mau uso dos arquivos; nos estudos sobre fontes impressas, escrito por

Tania Regina de Luca acerca da história por meio dos periódicos; e nas considerações sobre fontes orais, conforme apresentadas por Verena Alberti, no capítulo intitulado “História dentro da história”.

O interesse pelo tema foi despertado ao deparar-me com uma cronologia divulgada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em 2008, indicando duas famílias como os primeiros membros a chegarem ao Brasil. Sob a orientação do professor Luiz Carlos Luz Marques, cujas pesquisas abordam “As narrativas do sagrado, suas comunidades, seus agentes, seus espaços e suas celebrações, na história da sociedade brasileira da época republicana”, optei por investigar a chegada dessa instituição religiosa ao Brasil, da qual eu sou integrante. Durante a pesquisa, coletei todos os documentos disponíveis referentes a esse período inicial.

Dentro dessa linha de pesquisa que integro, o papel dos agentes religiosos, mais especificamente as mulheres que agiam dentro de sua religiosidade, se destacam e impactam a maneira em que essas instituições se estabelecem e desenvolvem nas regiões aonde chegam, apesar da tentativa de perpetuar uma ideia de passividade dessas mulheres. Esse mecanismo é percebido por diversos pesquisadores do tema como vemos nesse trecho do artigo da Revista Mandrágora:

Então, as mulheres, historicamente falando, vinham como objetos de uso e consumo nas religiões dentro dos limites religiosos impostos para elas. Assim, encontramos os espaços de poderes e de comando permitidos aos homens, com sua forma específica de crer e agir, e as mulheres apresentando-se como meras consumidoras da religião, construídos por essa ação engendrada numa mentalidade androcêntrica e patriarcal (Ecco, Marinho e Araújo, 2018, p. 29).

A agência feminina dentro das denominações religiosas e seus registros pessoais são fontes importantes para a possibilidade de uma narrativa que não tenha sido construída dentro da instituição religiosa. Buscar e encontrar essas fontes possibilita entender com uma visão diferente do que é predominante nos relatos históricos. A perspectiva feminina, apesar de muitas vezes “contaminada” pela cultura e dominação social do período, possibilita o acesso a detalhes e ações que não seriam levadas em consideração por uma narrativa masculina.

No levantamento do estado da arte sobre o tema, deparei-me com duas dissertações que, embora relevantes, não se alinhavam completamente aos objetivos iniciais da pesquisa que eu estava começando. O trabalho de Herberto Moroni Klein, intitulada “Estandarte para as nações: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na América do Sul (1925-1973)”, e a dissertação de Rubens Lima da Silva, “Os mórmons em Santa Catarina: Origens, conflitos e desenvolvimento”, foram úteis para compreender o discurso predominante sobre o início da instituição religiosa, embora não abordassem diretamente os conceitos de *campo* e *habitus* de Pierre Bourdieu, ou seja, não busca entender o *campo* da região em que essa instituição religiosa chegou, como ela foi recebida, qual o *habitus* religiosos da região, quais resistências enfrentadas e como ele foi modificado com a chegada dessa nova denominação. A família de Auguste Lippelt foi o primeiro grupo de pessoas dessa denominação a chegar na região onde a igreja viria a se instalar mais tarde, e ao chegar, Auguste, a matriarca da família, não escondeu sua filiação religiosa, mas entrou em contato com quem encontrava e falava sobre suas crenças.

Foram identificados documentos relevantes ao entrar em contato com instituições que elaboraram a cronologia da história da igreja e aquelas que possuem documentos do período inicial da igreja no Brasil. Uma lista de jornais que mencionaram ou abordaram essa denominação no período de 1913 a 1935 foi compilada, e cidades citadas nesses documentos foram mapeadas. Um documento crucial para a pesquisa foi o livro de registro da Missão¹ Sul-americana, que estava disponível online no site da igreja. Este registro, escrito em inglês, funcionava como um diário da missão, detalhando o cotidiano dos missionários² que atuavam na América do Sul entre os anos de 1851 e 1935. Ele era feito por cada dupla de missionários, que serviam em lugares distintos, e enviado para o escritório que reunia

¹ Dentro da estrutura eclesiástica, observam-se organizações incumbidas de gerenciar aspectos específicos do serviço religioso. As Missões, em particular, desempenham a função de conduzir atividades proselitistas e prover educação religiosa para aqueles que ainda não são membros da Igreja, sendo essa incumbência realizada por missionários. Esse grupo está presente em diversas localidades ao redor do globo, e a área de atuação de cada missão é determinada pela distribuição geográfica de capelas e membros na região.

² De modo geral, os missionários são jovens membros da Igreja, com idades compreendidas entre 18 e 25 anos, que se voluntariam para um período de dois anos (embora a duração possa variar conforme gênero e contexto histórico). Durante esse período, dedicam-se a serviço missionário em diferentes partes do mundo, compartilhando ensinamentos sobre o evangelho e a Igreja com os residentes das áreas em que são designados.

tudo em um só livro, compilado por uma pessoa que ficava no escritório, esse volume específico totaliza 161 páginas digitalizadas.

Além disso, o site (catalog.churchofjesuschrist.org) proporcionou acesso a diversos documentos, como fotos, cartas, entrevistas, diários e atas de reunião. Esses materiais contribuíram significativamente para a compreensão do início da igreja no Brasil. Ao entrar em contato com o departamento de história da igreja, consegui uma apresentação em PDF, que parece uma espécie de slides, que resumia esse início no Brasil.

Tive a oportunidade de participar de uma reunião sobre a história da Igreja, organizada pelos responsáveis pela documentação histórica da Igreja no Mundo, ocorrida em Recife. Nessa ocasião, obtive os contatos de indivíduos envolvidos na produção de materiais oficiais acerca da história da Igreja. Fiquei sabendo da produção de uma série de livros, intitulados “Santos”, que comporiam vários volumes que seriam publicados aos poucos. Atualmente, em 2023, já existem três volumes publicados, abrangendo a história da Igreja entre os anos de 1830 e 1955. O contato estabelecido, em especial com Jeremy Talmage, propiciou o envio de materiais, como monografias e dissertações, sobre os primórdios da Igreja no Brasil.

Essa conexão foi crucial para a obtenção desses documentos e trabalhos que não haviam sido encontrados na primeira fase da pesquisa. Dentre os arquivos recebidos, destaca-se uma breve autobiografia em inglês escrita por Georgina, filha de Auguste Lippelt. Além dessa biografia, foram disponibilizadas fotos, cartas, panfletos e um áudio gravado por Johann P. Loscher, um dos primeiros missionários no Brasil. Outro áudio, resumindo uma entrevista com uma das filhas do casal Lippelt, Georgine Lippelt Blind, foi providenciado por Gregory A. Prince, estudioso da história da Igreja.

Iniciei o processo de tradução e transcrição desses áudios, originalmente em inglês, e por meio deles obtive informações valiosas sobre a família Lippelt. Em busca de novas fontes, consultei as listas de imigrantes no site da prefeitura de Joinville, procurando pelos sobrenomes Zapf e Lippelt, sem êxito. Posteriormente, encontrei o registro da passagem da família Lippelt para o Brasil no site FamilySearch (<familysearch.org>). Realizei pesquisas na Hemeroteca Digital em jornais da região, focalizando o período da pesquisa com citações da palavra “mórmon”, no entanto, os

jornais mencionados nos registros da Missão Sul-americana, que publicaram artigos sobre a nova instituição na cidade, não estavam disponíveis na Hemeroteca Digital.

Ao tentar contato com o arquivo histórico de Joinville em 2019, não obtive resposta inicial. Continuando os esforços, em 2023, recebi uma resposta informando que possuem arquivos dos jornais da região, inclusive aqueles mencionados no diário da missão, mas que não estão digitalizados, exigindo uma visita presencial. Mais tarde, obtive acesso ao diário manuscrito da Missão Sul-Americana, que foi digitalizado, e continha alguns desses recortes de jornais.

Dentre os documentos obtidos nos contatos com outros historiadores da história da igreja, destaco um panfleto distribuído no início da instituição no Brasil. Iniciei a tradução deste folheto, anexado a uma carta de 1929 de um missionário (Schindler) da igreja em alemão, utilizado para apresentar a igreja aos moradores locais. O panfleto continha uma breve história da vida dele, como ele trabalhava pregando o evangelho, uma explicação sobre a natureza do trabalho (voluntário), o que ele abandonou e um pequeno testemunho dele sobre a igreja. Questões específicas, como o uso da língua alemã e resistências regionais durante o início da igreja no país, despertaram meu interesse, levando-me a pesquisar o contexto histórico mundial e local durante o período da viagem dessas duas famílias para o Brasil.

Figura 1: Panfleto distribuído pelos missionários em Joinville



Disponível: <https://catalog.churchofjesuschrist.org/assets/2e8d6de3-5bd1-4e20-b025-83185a164818/0/7>

Ao longo desse processo de pesquisa, compilei uma extensa quantidade de documentos, fotos e estudos relacionados a diversos assuntos. Dediquei considerável tempo para organizar esses materiais de forma setorizada, facilitando o acesso a esses arquivos. A classificação precisa dessa documentação é crucial para a eficácia do estudo, conforme indicado por Antônio Joaquim Severino (2002), que destaca as formas temáticas, bibliográficas e gerais de documentação. Após quase quatro anos de pesquisa, quando juntamos o tempo do PIBIC e do mestrado, reuni diversos documentos, como cartas, certidões, fotos e outros, organizados de acordo com o tema abordado. Esses documentos foram principalmente obtidos por meios digitais.

Posteriormente, utilizando uma bibliografia relevante, realizei a análise, determinação do que era pertinente e dispensável, e, em alguns casos, fichamento de livros, artigos e outros trabalhos. Todo o material selecionado foi analisado, traduzido e transcrito, utilizando técnicas como paleografia, para possibilitar a confrontação e análise. Embora a ausência de pesquisa em espaços físicos tenha representado um desafio, como o Arquivo Histórico de Joinville, a sede da igreja em Salt Lake City e em São Paulo, foi possível reunir uma extensa variedade de documentos com a ajuda

de diversas pessoas e repositórios digitais. Embora não seja possível precisar o impacto da falta dessas viagens na pesquisa, a quantidade de material coletado é substancial.

Outro ponto aprofundado a partir do segundo ano de pesquisa, ainda no PIBIC, foi a questão de gênero, uma vez que Auguste Lippelt tornou-se a sujeita central de minha investigação. Busquei compreender o papel das mulheres por meio de estudos de gênero, utilizando Joan Scott e sua obra emblemática “Gênero, uma categoria útil de análise histórica”. Investiguei a situação das mulheres tanto no Brasil quanto na Alemanha durante esse período. A questão específica das mulheres imigrantes foi aprofundada, uma vez que há poucos registros sobre elas, especialmente no interior do sul do Brasil. Conforme salientado por Joan Scott, o estudo da história das mulheres começou a ser explorado de maneira adequada apenas “na década de 60, quando ativistas feministas reivindicaram uma história que estabelecesse heroínas, prova de atuação das mulheres, e também explicações” (Scott, Burke (org), 1992, p. 64). O conceito de patriarcado e religião foram importantes para compreender as dinâmicas dentro da instituição pesquisada.

Em novembro de 2021, obtive o contato do marido de uma bisneta de Auguste Lippelt por meio da árvore genealógica da família disponível no site FamilySearch. Este contato levou-me ao neto dela, Henrique Blind, autor do livro “Ipomeia, parte da história da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Brasil.” Me correspondi por e-mail para adquirir o livro, e Henrique foi cordial ao enviar uma cópia.

Ele, que pesquisou durante dez anos sobre esse período da história da igreja, é filho de Georgine Lippelt, filha mais nova da família, que se tornou uma protagonista da pesquisa devido ao fato dos registros mais próximos a Auguste terem sido feitos por ela. Entretanto, ele não é historiador e seu registro tem um viés emocional e objetivo de registrar a história familiar e local.

Descobri, também, que Georgine escreveu um manuscrito em português narrando a história de sua vida. Obtive acesso a esse manuscrito por meio de fotos de todas as páginas, fornecidas por uma neta dela que reside na Alemanha. Iniciei a análise desse documento, buscando mitigar as distorções, como a questão da língua, já que Georgina escreveu em português sem grande domínio do idioma, e as limitações temporais, dado que o relato foi registrado entre 1990 e 1995, quando Georgina tinha entre 70 e 80 anos, visto que ela nasceu em 1914.

Também encontrei um artigo escrito por George Franz Lippelt, filho de Auguste e irmão de Georgina, na revista da igreja, A Liahona, de março de 1968, páginas 58 e 59, onde ele relata a conversão da família de forma resumida, sem nenhum destaque para sua mãe. A história de Auguste foi escrita por Georgine, uma mulher, e somente agora essa história foi usada para desenvolver um trabalho dando destaque a esse relato sobre Auguste feito por Georgine. Outra mulher foi o que possibilitou essa visão sobre esses registros.

A esses documentos, somaram-se vários outros relacionados a outros personagens que viveram nos primeiros anos da igreja no Brasil. Embora muitos desses nomes sejam reconhecidos, meu objetivo na pesquisa foi encontrar as mulheres que fizeram parte desse período histórico, muitas vezes esquecidas, diminuídas ou até mesmo apagadas dessas narrativas. Além disso, várias leituras que não foram diretamente citadas aqui influenciaram a construção desse trabalho e estão presentes nas referências.

No primeiro capítulo falei um pouco sobre religiões e religiosidade na sociedade humana e fiz uma introdução a história de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sua estrutura e principais doutrinas e ensinamentos.

No segundo capítulo, abordei o lugar das mulheres na sociedade do período pesquisado. Iniciei com um panorama que constrói uma visão sobre o fazer histórico e o papel das mulheres nesta área do conhecimento humano. Em seguida, explorei brevemente o início da reforma protestante, identificando as mulheres desse período e as mulheres no início da chegada das religiões protestantes no Brasil. Estendi-me até o período em que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias começou a se estabelecer no país. Todas essas mulheres trouxeram contribuições para suas denominações, mas muitas delas acabaram esquecidas ou minimizadas. Compreender o lugar das mulheres na sociedade do início do século XX facilita a leitura de todos os registros do período e a construção do que significava ser mulher de acordo com os padrões da época.

No terceiro capítulo, o foco recai sobre as pioneiras no cristianismo reformado, especialmente as mulheres dentro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, destacando suas contribuições e as resistências enfrentadas no âmbito pessoal e público. A classificação da igreja como cristianismo reformado é controversa e esse aspecto será discutido no capítulo. Início com um panorama do cenário político

brasileiro, buscando compreender os eventos no país que influenciaram decisões e acontecimentos durante esse período. A narrativa desses eventos, tanto nas fontes oficiais quanto nas fontes pessoais, foi um aspecto que me interessou e que incorporei a este trabalho. Após essa introdução ao que ocorreu entre 1923 e 1935, apresento algumas personagens que tiveram papéis relevantes na igreja nesse período e não são tão, ou nem um pouco, conhecidas. Encerro o capítulo focalizando a história de Auguste Lippelt, responsável por despertar o interesse nesta pesquisa de mestrado, apresentando sua trajetória, e de sua filha, no início da igreja no Brasil.

O quarto e último capítulo trata das mulheres líderes dentro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Brasil nesse início no Brasil. Com base nas mulheres encontradas nos registros oficiais da igreja, especialmente no livro “Santos” e no “Registro da Missão Sul-americana e Brasileira”, elaboro um panorama dessas mulheres, sua relevância na narrativa oficial e examino seu papel como líderes. Além disso, busco esclarecer os papéis existentes dentro da instituição, os que essas mulheres podiam ocupar e como suas ações influenciaram no crescimento e fortalecimento da igreja no Brasil. Identifico também outras mulheres que desempenharam um papel, mesmo que não oficialmente, de liderança dentro da comunidade religiosa, investigando como o *habitus*, a violência simbólica e a construção dos papéis de gênero influenciaram na relevância e importância atribuída a essas mulheres.

1 A RELIGIÃO E SEU LUGAR NA SOCIEDADE

As religiões fazem parte da estrutura das comunidades humanas desde o que é conhecido, segundo determinações acadêmicas, como o período pré-histórico. Conforme indicam estudos, antes do estabelecimento de sistemas de escrita, a espiritualidade, os cultos e o sobrenatural eram transmitidos oralmente e por meio de tradições familiares de uma geração para outra. Segundo Harari (2018), os primeiros vestígios irrefutáveis de religião datam do período entre 70 mil e 30 mil anos atrás, que ficou conhecido como a Revolução Cognitiva (Harari, 2018, p. 39).

O autor discute várias teorias sobre a Revolução Cognitiva, enfatizando a importância da capacidade humana de comunicação. Uma teoria proeminente mencionada é a da fofoca, que, apesar de seu nome inicialmente desacreditado, encontra respaldo em estudos que a legitimam. A habilidade de falar sobre outros indivíduos, discutindo suas qualidades, defeitos, forças e fraquezas, possibilitou a associação entre seres humanos. Contudo, Harari aponta que essa teoria da fofoca estabelece um limite funcional para o tamanho dos grupos humanos, sugerindo que a colaboração efetiva é possível apenas até um limite de cento e cinquenta pessoas. Para superar essa restrição e criar sociedades cada vez maiores, o autor destaca a importância da imaginação, destacando a ficção em particular. Esses grandes grupos necessitam compartilhar a crença em um mesmo mito e valores básicos, frequentemente impostos por uma entidade superior, divina.

A conversação entre seres humanos sobre comportamentos percebidos como inadequados, juntamente com a formulação de discursos e teorias sobre entidades nunca antes vistas, tocadas ou cheiradas, destaca a singularidade da sapiência nessa capacidade (Harari, 2018, p. 43). A Revolução Cognitiva se baseia, em parte, na habilidade de falar sobre entidades e na organização de um sistema que abrange a espiritualidade e o transcendental.

Apesar de argumentos contrários, sugerindo que o tempo dedicado ao transcendental ou à ficção como entretenimento seja uma desvantagem ou perda de tempo, a capacidade humana de imaginação permitiu a criação de um sentimento de coletividade e cooperação mútua com base em mitos ou identidades criadas a partir de uma origem comum. Essa identificação possibilitou a formação de grupos mais

amplos com objetivos comuns, mesmo que os membros sejam estranhos entre si em contextos mais diretos. A união entre estranhos em prol de um objetivo comum é possível graças à imaginação humana, “não há deuses no universo, nem nações, nem dinheiro, nem direitos humanos, nem leis, nem justiça fora da imaginação humana” (Harari, 2018, p. 48).

Harari afirma que ao analisarmos religiões que deixaram vestígios substanciais para investigação, é perceptível que, de modo geral, o exercício do poder era predominantemente realizado por figuras masculinas, com algumas notáveis exceções. Num período anterior, caracterizado pela fase de caçadores-coletores, os registros consistem principalmente em pequenas estatuetas e pinturas rupestres, indicando uma forma generalizada de culto e crenças designadas, de maneira ampla, como animismo pelos estudiosos. Posteriormente, durante o período dos agricultores pré-modernos, surge o que pesquisadores denominam como teísmo, representando a crença em entidades superiores aos seres humanos, conceito que abrange diversas religiões globalmente. Cumpre ressaltar que o entendimento desse período mais remoto, desde os caçadores-coletores até os primeiros assentamentos sedentários, é baseado em suposições e afirmações generalistas que não consideram as particularidades dessas religiões.

Um exemplo arqueológico na Rússia que Harari (2018) apresenta em seu livro destaca-se, em que um homem foi encontrado enterrado com adornos, como um chapéu com dentes de raposa e braceletes de marfim. Embora as interpretações possam variar, tais artefatos sugerem que esse indivíduo possuía uma posição de destaque no grupo, dado que corpos encontrados não apresentavam tantos objetos associados. Outro exemplo que aparece em “Sapiens” é a descoberta de um casal de crianças com diversos adornos que suscita diversas teorias entre os estudiosos, desde sacrifícios até a possibilidade de serem filhas de um líder ou a reencarnação de uma figura importante para o grupo. Embora essas possibilidades levantadas por Harari (2018) não possam ser confirmadas, ele afirma que elas indicam que há aproximadamente 30 mil anos, algum tipo de hierarquia e rituais já estavam presentes na sociedade humana.

Harari destaca a religião como a terceira maior fonte de unificação da humanidade, ao lado do dinheiro e dos impérios, enfatizando que as estruturas

hierárquicas criadas pelos seres humanos são frágeis, tornando-se ainda mais delicadas em sociedades maiores. Nesse contexto, a religião desempenha um papel crucial ao conferir poder sobrenatural a essas estruturas, não sendo uma invenção humana, mas algo imposto por uma entidade superior e inquestionável. As religiões universais e missionárias, mais prevalentes nos tempos atuais, surgiram apenas no primeiro milênio a.C. e desempenharam um papel significativo no processo de unificação global e no surgimento de impérios universais e moeda universal.

No contexto específico desta pesquisa, o enfoque recai sobre a religião cristã, na qual o poder patriarcal é uma constante e tem origens registradas no Velho Testamento. A narrativa desse texto sagrado, atribuída a Moisés, inicia com a criação do mundo. Contudo, historiadores, arqueólogos e outros pesquisadores sugerem que os livros que compõem a Bíblia foram escritos por diversas pessoas, uma vez que uma parte narra a morte de Moisés. Niel Asher Silberman e Israel Finkelstein em seu livro “A Bíblia desenterrada” reúnem uma série de achados que apontam para essa conclusão de uma autoria coletiva. Diversas teorias sobre a coletânea e edição desse relato sagrado existem, mas há consenso de que essa compilação ocorreu séculos após os eventos relatados.

A narrativa reflete a mentalidade e cultura do período e da sociedade, reconhecendo que nenhum registro é neutro ou imparcial. Em 1886 Elizabeth Cady Stanton, escritora e ativista dos direitos das mulheres, usa esse mesmo argumento, alegando que a Bíblia não foi escrita diretamente por Deus, mas “por seres humanos em contextos específicos” (Santos e Musskopf, 2018, p. 339). Essa ilusão de imparcialidade é uma herança antiga vinda da sociedade patriarcal que coloca o homem como o normal e fonte de medida para tudo.

No Novo Testamento, registro que foi feito muitos anos após a morte de Cristo pelos seus discípulos, podemos ver uma mudança na narrativa. Liniker Xavier (2018) destaca em sua pesquisa que, ao contrário do que vinha acontecendo de maneira geral no Velho Testamento, as mulheres começam a aparecer mais na história de Cristo e foram importantes no período do seu ministério. Jesus estava próximo aos grupos que na época eram marginalizados, e a figura feminina pertencia a esse grupo. No texto do apóstolo Mateus essa presença pode ser vista frequentemente “[...] Jesus

contradiz os costumes locais e passa a interagir com as mulheres de forma até então inédita para os padrões da época” (Xavier, 2018, p. 16).

Apesar da ruptura de paradigma evidenciada por um exemplo paradigmático, a religião cristã ainda perpetua uma concepção que limita o protagonismo feminino em sua prática e história. A indagação inicial proposta por Almeida ressoa ao longo do texto: “Por que as mulheres, apesar de seus notáveis serviços, não são consideradas dignas de menção ou, pelo menos, não são contabilizadas entre aqueles que contribuíram para o bem-estar espiritual e moral do Brasil?” (Almeida, 2022, p. 17). Identificar as mulheres que desempenharam papéis significativos no desenvolvimento e operação de diversas denominações cristãs e compreender por que não recebem o devido destaque em suas funções torna-se crucial.

1.2 A religião e as mulheres

A pesquisa apresentada se desenvolveu, primariamente, a partir de uma mulher que participava ativamente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, comumente conhecida como “mórmons”. Essa igreja iniciou oficialmente suas atividades no Brasil em 1928, na cidade de Joinville, Santa Catarina, com a chegada de dois missionários, William Fred Heinz, que era norte-americano, e Emil A. J. Schindler, alemão. Eles foram enviados da sede da missão América do Sul, localizada em Buenos Aires, na Argentina (Lopes; Lopes [sd]). A escolha por essa localidade se deu pela presença de uma colônia alemã. Nessa localidade existiam duas famílias que já haviam sido batizadas na Igreja em seu país de origem e se estabeleceram no Brasil anteriormente à chegada dos missionários. A primeira família, os Zapf, chegou ao Rio Grande do Sul em 1913, enquanto a segunda, os Lippelt, chegou à região de Porto Alegre em 1923. É a partir desta segunda família que comecei a desenvolver minha pesquisa.

A filha mais nova dos Lippelt, Georgine, narra que sua família entrou em contato com a presidência da Igreja em Salt Lake City, Utah, EUA, expressando o desejo de iniciar atividades religiosas em seu novo país. A Igreja já estava interessada em começar suas atividades no Brasil, mas as cidades que eram visitadas não tinham a receptividade mínima esperada. Notou-se uma abertura maior entre os colonos

alemães que moravam no sul do país que já tinham uma tradição de religiões reformadas³. Algumas questões merecem destaque, como o fato da proibição de ordenação ao sacerdócio a pessoas negras. Grande parte da população brasileira era negra, contando com o que o IBGE denomina como pardo.

Até 1978 a igreja não ordenava pessoas que tivesse antepassados afrodescendentes nem permitia sua participação nas ordenanças⁴ templárias. Durante minha pesquisa, ao ler algumas cartas e entrevistas, essa questão apareceu de maneira rápida, como um comentário de alguns missionários e membros. Existem alguns trabalhos que abordam essa questão, como no artigo de Darron Smith “The persistence of racialized discourse in mormonism” entre outros. A igreja tem uma página⁵ dentro de seu site que fala um pouco sobre essa questão, na qual explica um pouco sobre a história e argumenta sobre a igreja ser conduzida por homens que refletem a sociedade da qual fazem parte. O fato dessa região do Brasil ser de maioria branca certamente influenciou a decisão de escolher esse lugar para o início do trabalho missionário.

Apesar de em 2008 a igreja produzir uma “linha do tempo” da história da Igreja no Brasil, distribuída em junto a Revista oficial da instituição no Brasil, que tem o nome de A Liahona, e nessa publicação o fato de o marido de Auguste não ser membro da instituição e o contato dela com o escritório da Igreja não foi destacado. Foi durante minha pesquisa de PIBIC (2019-2021), que descobri como Auguste Kuhlmann Lippelt (1880-1952) tomou a iniciativa de entrar em contato com alguns líderes da igreja e foi “agente-chave” dessa comunicação com A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e na busca de estabelecer essa instituição em sua nova morada.

³ Após a Reforma Protestante uma série de outras instituições surgiram dentro dessa vertente do cristianismo. Alguns estudiosos das religiões cristãs fazem subdivisões para agrupar algumas dessas instituições. Tentarei resumir essa classificação. Dentro desse ramo pós-reforma estão as igrejas: Anglicanas, Anabatistas e Protestantes. A partir dos Protestantes houve uma nova ruptura, surgindo um novo ramo denominado de Restauracionista. É dentro desse ramo que alguns estudiosos classificam A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, entre outras denominações. Existem várias questões sobre essa classificação, que não serão abordadas neste trabalho, recomendo a leitura na publicação do ISER, organizada por Christina Cunha e Renata Menezes de 2014. Atualmente os “mórmons” são classificados no censo como neocristãos.

⁴ Cerimônias nas quais são feitos convênios/promessas entre os membros e Deus.

⁵ Disponível em: <<https://www.churchofjesuschrist.org/study/manual/gospel-topics-essays/race-and-the-priesthood?lang=por>>. Acesso em: 02/01/2024.

Diante dessa descoberta, o tema de pesquisa para o Mestrado em Ciências da Religião visa destacar o papel da mulher nas religiões reformadas enquanto “operadora social do sagrado” (Marques, 2006). Auguste superou desafios relacionados a seu gênero, condição de imigrante e papel de mãe de família, enfrentando a oposição de um marido radicalmente contrário à sua fé, uma Igreja que, como muitas outras, centralizava suas práticas no gênero masculino, onde somente os homens podiam receber o sacerdócio. Além disso a sociedade no interior do sul do Brasil no início do século XX, o “campo religioso” era dominado pelas Igrejas Luterana e Adventista, com seus *habitus* (Bourdieu, 2007), ao persistir em viver de acordo com suas convicções religiosas como vemos nos relatos de Georgine, dos missionários do período, dos recortes de jornais e no registro oficial da igreja.

Identificamos alguns trabalhos acadêmicos dedicados à história de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, notadamente as dissertações de mestrado de Morôni Herberto Klein (2003) e Rubens Lima da Silva (2008), além do livro “Ipoméia: Parte da história da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Brasil,” elaborado por Henrique João Blind (2012), descendente de Auguste. Existem muitos artigos sobre o tema que buscam entender a religião, seu funcionamento, doutrinas e ritos. Um dos mais antigos foi escrito em 1976 por Maria de Fátima de Andrade Quintas, “Os mórmons em Pernambuco: uma sociedade fechada”. Todos esses trabalhos cumprem seu objetivo com as informações que se tinha no momento, e questionam comportamentos e doutrinas da religião. Contudo, é importante salientar que nenhum desses estudos abordou a temática sob a perspectiva das Ciências da Religião. Além disso, o apagamento do papel das mulheres dentro da história da instituição não foi elemento chave desses trabalhos.

A Ciência das Religiões tem uma perspectiva, dentro do espaço acadêmico, interdisciplinar. Ela busca compreender e analisar as manifestações religiosas, das mais variadas, através de métodos científicos. Assim, os estudos buscam englobar além da visão teológica, uma abordagem descritiva, fenomenológica e sem juízo de valores, apesar de entender que toda análise e estudo é feita por pessoas que carregam vieses e visões de mundo. É focalizada na observação dos fenômenos religiosos (fenomenologia) e na análise crítica e interpretação desses fenômenos.

A Ciência das Religiões se dedica em explorar as práticas, crenças, rituais, textos sagrados, instituições e a influência das religiões na sociedade. Para alcançar esse objetivo utiliza métodos de outras áreas, como antropologia, sociologia, filosofia, psicologia, história, literatura etc. Esse tipo de abordagem, multidisciplinar, tem o objetivo de aumentar as possibilidades de compreensão e contextualizar as mais variadas manifestações religiosas do mundo.

Como pesquisadores desse campo buscamos ter uma postura que não tenha um viés apologético ou proselitista, o foco é compreender as dinâmicas internas e externas que fazem com que essa manifestação religiosa se configure como tal. Além disso, a Ciência das Religiões busca entender como essas religiões influenciam a identidade cultural, os conflitos sociais, as decisões políticas, interação entre diferentes tradições e como elas causam transformações históricas na sociedade.

Essa perspectiva de pesquisa incentiva um fazer crítico e reflexivo, promovendo a troca entre diferentes visões e possibilitando uma maior compreensão do fenômeno religioso e duas diferentes manifestações e vivências ao longo da história humana e em diferentes lugares do mundo.

A Igreja em questão se destaca por manter registros minuciosos de seus membros, acessíveis através da Internet no acervo denominado Church History Catalog⁶ em Salt Lake City. Essa fonte permite investigações detalhadas sobre a pioneira agente do sagrado, Auguste Kulmann Lippelt, sua família e os primeiros convertidos no Brasil.

Notavelmente, nenhum dos trabalhos anteriores se concentrou no papel desempenhado por Auguste Kulmann Lippelt enquanto mulher nos primórdios da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Brasil. Este estudo buscará destacar como, apesar da condição socialmente considerada inferior das mulheres, ela desempenhou um papel crucial no estabelecimento e disseminação de sua fé no Brasil, e como, talvez devido ao seu gênero, não recebeu o reconhecimento merecido. Esta lacuna não surpreende, pois se enquadra em um padrão histórico recorrente nas diversas vertentes religiosas.

⁶ Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/?lang=eng>>. Acesso em: 13/01/2023.

1.3 Um breve panorama sobre A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias teve sua origem na cidade de Palmyra, Estados Unidos da América, durante a primavera de 1820, e foi formalmente organizada em 6 de abril de 1830, na cidade de Fayette, Nova York, EUA. Sua fundação ocorreu em um período no qual um considerável fluxo de migrantes europeus dirigia-se às Américas em busca de prosperidade e terras.

Esse contingente populacional expressava sua espiritualidade de maneiras diversas, proclamando suas crenças em praças e ruas conforme suas interpretações das escrituras bíblicas. Diante da diversidade de pregações, muitos se sentiam perdidos, buscando orientação ao ouvir vários pregadores. Foi nesse contexto que o fundador da igreja, Joseph Smith Jr., se encontrava.

A narrativa oficial da igreja relata a busca de Joseph por respostas ao deparar-se com o versículo cinco do capítulo um do livro de Tiago, no Novo Testamento. Em um local isolado, ele faz uma oração, buscando direção para a escolha entre as diversas denominações existentes. Nesse momento, ele recebe a visita divina de Deus e Jesus Cristo, que o instruem a restaurar a igreja de Cristo, dando início à formação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O período entre a primeira visão e a fundação oficial foi marcado por diversas experiências sobrenaturais, segundo os registros da instituição, incluindo visitas de seres celestiais e a incumbência de traduzir um livro de origem nativo-americana. Este livro, conhecido como O Livro de Mórmon, tornou-se um dos pilares fundamentais da instituição, compilado pelo profeta Mórmon, cujo nome é atribuído à obra. Juntamente com a Bíblia Sagrada, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor, essas escrituras constituem as fontes primárias das doutrinas e ensinamentos da referida religião.

Os membros da igreja são comumente denominados “mórmons”, devido à inclusão do Livro de Mórmon entre suas escrituras sagradas. No entanto, esse epíteto pode induzir erroneamente à ideia de que os Mórmons não são cristãos. Em decorrência desse equívoco, em 2001, o então presidente da igreja, Gordon B. Hinckley, esclareceu:

À medida que a Igreja se expande por muitos países, culturas e línguas, o uso do nome revelado A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, torna-se cada vez mais importante na responsabilidade que temos de proclamar o nome do Salvador por todo o mundo, por este motivo, nós pedimos que, ao falarmos da Igreja, utilizemos seu nome completo sempre que possível. (...) Não aprovamos que se refiram à Igreja como “A Igreja Mórmon”, “A Igreja dos Santos dos Últimos Dias” ou “A Igreja SUD”⁷ (Hincley, 2021).

Deste modo, optei por empregar neste trabalho a nomenclatura considerada apropriada pelos membros e líderes da instituição. Com o intuito de propiciar uma compreensão prévia dos capítulos subsequentes, procederei a uma concisa exposição sobre a estrutura da referida igreja. No processo de sua fundação, houve a organização progressiva de posições e hierarquias. Contudo, é imperativo compreender que, nos primeiros anos, os membros da comunidade eclesiástica frequentemente mudavam de localidade, seja por escolha própria ou devido a perseguições, além da reduzida quantidade de adeptos. Esses fatores ocasionaram uma variação nos cargos durante os estágios iniciais, se comparados à estrutura atual. Apesar do arranjo organizacional existente hoje, desde a sua origem, a igreja era conduzida por um profeta, característica preeminente que a distinguiu das demais instituições contemporâneas, fundamentada em sua crença na continuidade de revelações divinas.

Na atualidade, a igreja é composta por 15 apóstolos, sendo que o mais sênior, ocupante da posição de profeta e presidente, seleciona dois apóstolos adicionais para desempenharem a função de conselheiros, constituindo, assim, o mais elevado escalão hierárquico, denominada de primeira presidência. Subsequentemente, situam-se o Quórum dos Doze Apóstolos e os Setenta de Área. Além deles existem outras lideranças que estão nesse patamar mundial, como o bispado presidente e as presidências das auxiliares, que são a Sociedade de Socorro⁸, a Escola Dominical⁹, as Moças¹⁰, a Primária¹¹ e os Rapazes¹².

⁷ Carta da Primeira Presidência d’ A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aos membros 23/fev/2001. Escritório da Primeira Presidência.

⁸ Mulheres acima de 18 anos.

⁹ Homens e mulheres acima dos 18 anos.

¹⁰ Moças entre 12 e 18 anos.

¹¹ Crianças entre 3 e 11 anos.

¹² Rapazes entre 12 e 18 anos.

Essa configuração se reproduz, em parte, no âmbito local, onde existem presidências de área responsáveis, por vezes, por um país ou vários países, dependendo do número de estacas e missões dentro daquele território. Cada presidência de área é composta por uma presidente e dois conselheiros. Dentro dessas áreas, há missões formadas por um presidente, dois conselheiros e secretários. A missão é encarregada das atividades proselitistas em uma determinada área geográfica. O tamanho dessa área geográfica é com base no número de estacas e membros da localidade.

Figura 2: Diagrama com as autoridades gerais e os líderes gerais da Igreja

AS AUTORIDADES GERAIS E OS LÍDERES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS | OUTUBRO DE 2023

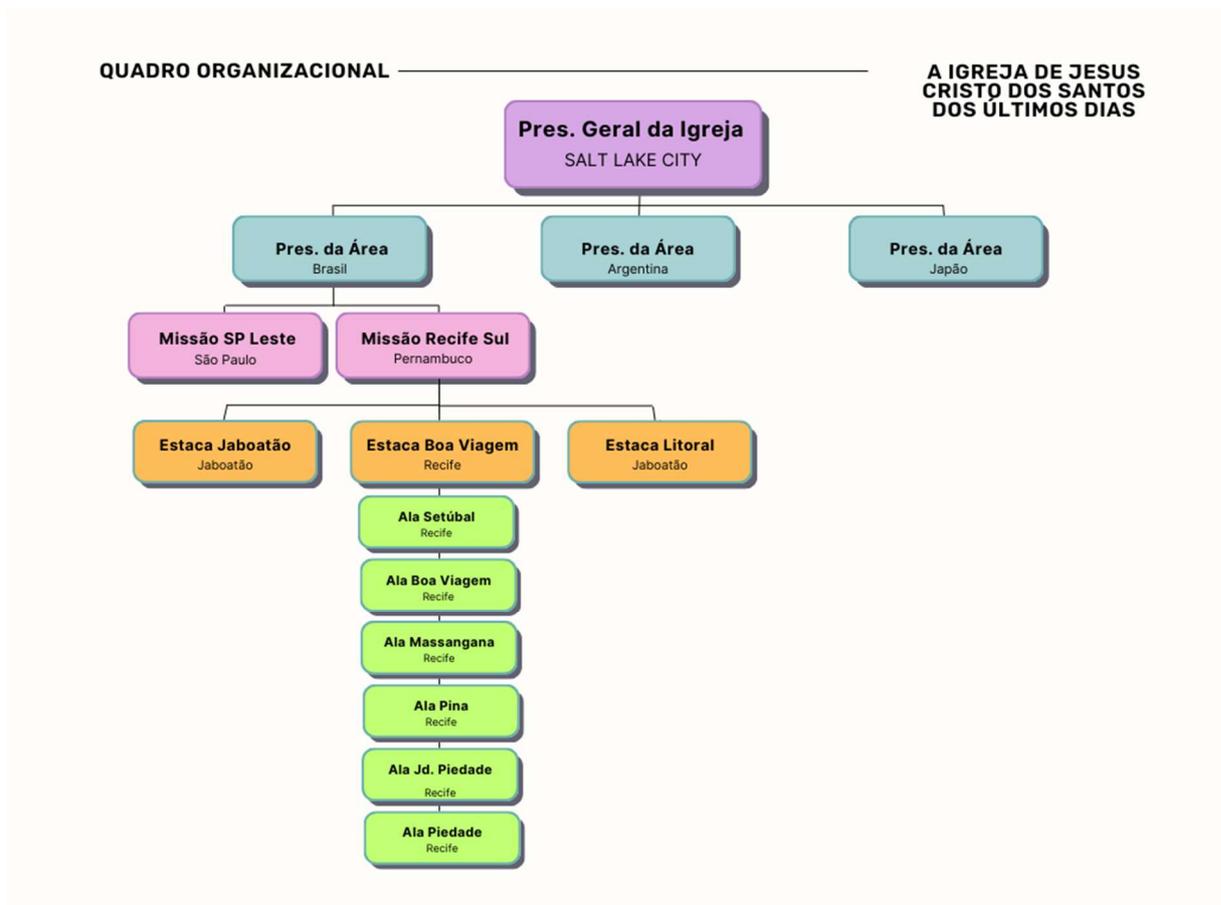


Disponível em: <<https://www.churchofjesuschrist.org/learn/global-leadership-of-the-church?lang=por>>

As estacas, por sua vez, constituem organizações locais, sendo que, geralmente, cada estaca é composta por 5 a 7 alas. A liderança da estaca é composta por um presidente de estaca, seus dois conselheiros, secretários e a presidência das auxiliares, composta pelas organizações da sociedade de socorro, escola dominical,

primária, moças e rapazes. Cada presidência desta conta com um ou uma presidente, dois conselheiros ou conselheiras, e um secretário ou secretária. Para facilitar o entendimento o diagrama a seguir demonstra essa estrutura:

Figura 3: Quadro organizacional



Dentro das alas a maioria da estrutura da estaca se repete. O bispo é o líder maior da ala, com dois conselheiros e secretários. E a presidência das auxiliares, com presidente e conselheiros, que são o Quórum de Élderes, a Sociedade de Socorro, a Escola Dominical, as Moças, os Rapazes e a Primária.

Essas organizações foram sendo estabelecidas aos poucos durante a história da igreja. Com o passar dos anos a instituição foi se espalhando para diversos lugares, inclusive na Europa. Países como Inglaterra e Alemanha foram uns dos primeiros fora da América a receber missionários da igreja.

Como podemos ver dentro de toda essa estrutura, o número de cargos disponibilizados para mulheres é ínfimo, existem movimentos nos Estados Unidos

onde as mulheres da igreja questionam isso, um desse movimentos originou uma revista que completa 50 anos em 2024, a “Exponet II: Mormon feminist magazine”¹³. A questão de raça não é mais uma doutrina na igreja, atualmente todos os homens podem receber o sacerdócio e ocupar cargos de liderança dentro da instituição, temos líderes gerais negros e negras, apesar de até os dias atuais não ter nenhum apóstolo ou presidente negro. Mas em todos os outros cargos de liderança eles estão presentes, mas ainda como minoria. Muitos membros cobram um pedido de desculpas das autoridades por esse período da história da religião, algo que ainda não foi feito. Recentemente foi publicado mais um ensaio que fala sobre essa questão na revista Dialogue: A journal of Mormon Thought¹⁴ intitulado “Considerations for an apology for afrodescendants in Brazil”¹⁵ que em tradução livre seria “Considerações para um pedido de desculpas aos afrodescendentes no Brasil” escrito pelo pesquisador brasileiro Fernando Pinheiro.

¹³ Disponível em: <<https://exponentii.org/>>. Acesso em: 03/12/2023.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.dialoguejournal.com/>>. Acesso em: 13/03/2024.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.dialoguejournal.com/articles/considerations-for-an-apology-for-afrodescendants-in-brazil/>>. Acesso em: 10/04/2024.

2. O LUGAR DAS MULHERES DENTRO DA SOCIEDADE

Mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó. Nestas seis palavras existe o que o coração humano encerra de mais doce, de mais puro, de mais estático, de mais sagrado, de mais inefável.

(Jornal do Comércio, Desterro, 27 jul.1891)

Nesta seção inicial, realizarei uma análise abrangente acerca do papel das mulheres na sociedade, de seu apagamento histórico, focalizando especificamente nas relações de poder, particularmente dentro do contexto da religião cristã reformada. Além disso, elucidar os principais conceitos que foram usados nessa pesquisa.

2.1 O lugar das mulheres e as teorias

Ao longo de séculos, as mulheres ocuparam uma posição social de submissão e propriedade em relação aos homens. Conforme observado por Bourdieu (2020), é notável como essa ordem consegue persistir ao longo do tempo, apesar de suas injustiças e arbitrariedades serem evidentes. As justificativas biológicas apresentadas para essa dominação masculina têm sido inconsistentes e contestáveis em várias ocasiões. No entanto, por razões que parecem ocultas, ela parece dispensar justificção. “A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça [...]” (Bourdieu, 2020, p. 24). A perpetuação dessa ordem pelos diversos campos da vida social fortalece a ideia de que isso é normal ou natural. Essa ideia é reproduzida tanto pelos dominados quanto pelos dominadores, não por coerção física, mas por meio de um mecanismo de reprodução que envolve a educação social, intelectual e religiosa, moldando o comportamento considerado aceitável de acordo com o sexo biológico.

Bourdieu, um sociólogo francês renomado (1930-2002), é reconhecido por suas teorias e conceitos divulgados em suas obras, sendo o conceito de violência simbólica um dos mais destacados. Em sua perspectiva, Bourdieu argumenta contra a ideia de uma abordagem universal na compreensão da história, enfatizando a importância de contextualizar e evitando considerar indivíduos ou eventos de forma

espontânea como universais, devido aos riscos inerentes. Sua contribuição foi significativa para esta dissertação, abrangendo não apenas as noções de campo e *habitus*, mas também o conceito de dominação masculina, apresentado em sua obra homônima.

Nesse conceito de Bourdieu a ideia de que a dominação masculina, a qual preconiza que os homens devem exercer domínio sobre as mulheres, é perpetuamente reproduzida e defendida como algo inerentemente natural, encontrando-se difundida em diversas esferas da sociedade. Bourdieu rotula essa naturalização como violência simbólica, ressaltando que a escolha dessa terminologia exige uma interpretação cuidadosa, uma vez que o termo “simbólico” é frequentemente associado a algo de menor importância. Contudo, Bourdieu esclarece que a utilização desse termo foi deliberada devido ao caráter imperceptível dessa forma de violência. Esta última enraíza-se nas estruturas sociais que perpetuam e legitimam a violência de dominação como algo preestabelecido, resultado de um incessante trabalho de reprodução.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de mais que instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e avaliar, ou ver e avaliar o dominante (alto/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é produto (Bourdieu, 2020, p. 64-65).

No livro, Bourdieu apresenta exemplos que ilustram a naturalização da dominação, como a escolha de parceiros amorosos pelas francesas, destacando a preferência por homens mais velhos e altos, um padrão também observado em outros países ocidentais, inclusive pela autora desta dissertação. Quando tal padrão não é seguido, ocorre um tipo de “rebaixamento social”, pois espera-se que o homem seja “superior” à sua companheira em diversos aspectos. Esse “rebaixamento” é percebido tanto pelos homens quanto pelas mulheres na relação que se afasta do padrão

estabelecido. Essa forma de dominação simbólica pode ser aplicada a vários contextos, como o trabalho doméstico, que por muito tempo foi associado à ideia de que não era adequado para um “homem de verdade”, embora essa concepção tenha sido desconstruída em parte nas sociedades contemporâneas ainda resiste em parte das estruturas familiares.

Essa força simbólica está presente em cada pessoa que vive nessa sociedade, sem coerção física. Bourdieu chega a usar a palavra magia para essa força, mas deixa claro que parece magia, mas na verdade, esse poder recebe o apoio de diversas instituições poderosas da nossa sociedade. “Ninguém escraviza ou domina o outro sem impor um processo de inferiorização que justifique o tratamento sub-humano dado a uma pessoa que do ponto de vista biológico também é um ser humano” (Castro in: Holanda, 2020, p. 149).

Essa construção não se limita à mente ou à fantasia do imaginário coletivo, mas sim a um sistema de estruturas bem fundamentadas e duradouras, registradas nas coisas e nos corpos das pessoas. Bourdieu argumenta que a ruptura com essa estrutura só é possível “com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes” (Bourdieu, 2020, p. 75). O que por muito tempo foi defendido como natural e eterno é, na verdade, resultado de um processo de naturalização promovido por instituições como a Igreja, a família, os espaços educacionais, os esportes, os meios de comunicação, entre outros.

Assim se constitui o habitus, determinando como cada gênero deve se comportar e quais papéis deve desempenhar naquela sociedade em um determinado período da história. As mulheres eram privadas de direitos, vistas como incapazes de realizar funções que exigiam raciocínio lógico e liderança, mantendo-as por muito tempo em uma condição em que até sua educação era diferenciada, voltada para atividades como bordado, música e etiqueta, devido à percepção de sua suposta incapacidade. Virginia Woolf, já em 1938, abordava essa construção considerada natural em seu livro “Three Guineas”:

Inevitavelmente, nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas de nós temos razões de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril,

inscreve no chão signos em giz, místicas linhas de demarcação, entre as quais os seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais. Lugares em que, ornado de ouro ou de púrpura, enfeitado de plumas como um selvagem, ele realiza seus ritos místicos e usufrui dos prazeres suspeitos do poder e da dominação, enquanto nós, “suas” mulheres, nos vemos fechadas na casa da família, sem que nos seja dado participar de nenhuma das numerosas sociedades de que se compõe a sociedade (Woolf apud Bourdieu, 2020, p. 13).

Essa demarcação mística se manifesta em diversos estratos sociais, sendo que, em todos eles, as mulheres ocupam o papel de submissão. Seu papel é consistentemente definido como alguém que desempenha atividades consideradas inferiores em relação aos homens de suas famílias, algo de menor valor social e econômico. A constância desse papel ao longo da história, conforme registrado, com poucas exceções, é mantida por instituições que exercem diferentes pesos e funções ao longo do tempo. Compreender essa estrutura e essas instituições é crucial para entender como isso se desdobrou para as mulheres no contexto da religião cristã reformada. Só houve um rompimento quando “[...] as relações simbolicamente construídas entre os sexos foram abaladas em suas estruturas pela emergência de um lado social feminino que rejeitava as noções solidificadas dos conceitos de superioridade e inferioridade” (Almeida, 2007, p. 53).

Essa ideia de construção do lugar de inferioridade das mulheres é exposta por muitas pesquisadoras. Lola Aronovich, no prefácio do livro “A criação do patriarcado” de Gerda Lerner, afirma algo muito parecido ao que vemos Bourdieu falando em seus textos, mas, ela introduz o conceito de patriarcado. “O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores.” (Aronovich, 2019, p. 24).

A educação feminina começou a se destacar em diversas localidades e, após algum tempo, foi equiparada entre ambos os gêneros. No entanto, a prática cotidiana evidenciou que o propósito da educação das mulheres visava capacitá-las para desempenhar funções como dona de casa, esposa e mãe, e não para buscar emprego remunerado. Após superar a barreira do acesso à educação, foi necessário superar também a limitação de acesso à esfera pública. Mulheres assumindo diversos papéis

dentro das Instituições de Ensino Superior começaram a surgir ou ganhar destaque, marcando o início de uma nova dinâmica histórica.

Algo que gostaria de destacar nesta parte do texto é a interseccionalidade, que como já comentei anteriormente, sendo assim, as afirmações feitas neste trabalho se limitam a um grupo específico de mulheres. Mulheres negras e indígenas na sociedade americana já estavam no espaço público e trabalhavam fora de casa nas funções de cuidado e de trabalho braçal desde o início da ocupação do continente. O movimento e luta que estou falando um pouco aqui é das mulheres brancas que buscavam ter alguma liberdade sobre suas vidas tentando romper com as proibições que lhes eram impostas. As proibições e limitações de outras mulheres, dependendo de sua cor, classe, religião etc. eram outras.

Outro conceito recorrente em minhas pesquisas, desde a graduação, é o conceito de *campo*, que, "(...) busca compreender a configuração e formação do tecido social" (Oliveira, 2013, p. 131). De acordo com Bourdieu, ao formular o *campo*, o historiador pode compreender melhor anacronismos presentes na investigação histórica, pois diferentes *campos*, como o político, religioso, econômico, cultural e intelectual, possuem regras, princípios e hierarquias próprias. Bourdieu destaca que os *campos* são definidos por meio de conflitos e tensões relacionados à sua delimitação e são compostos por redes de relações ou oposições entre os atores sociais que deles fazem parte (Chartier, 2002, p. 140).

Portanto, o *campo* pode ser compreendido como um espaço abstrato de posições e relações, onde os participantes buscam troféus que possuem valor exclusivamente dentro desse contexto, seguindo regras e estratégias que fazem sentido somente no interior desse *campo*. Bourdieu rejeita tanto a ideia de isolamento do indivíduo quanto a de universalidade, promovendo uma análise sutil das determinações sociais. Ele repudia a perspectiva idealista que nega uma origem específica para um fato ou criação, ao mesmo tempo em que se opõe ao determinismo social simplista. Existe uma luta pelo poder de definir quem tem o direito de ocupar esses espaços de decisão sobre o que deve ser seguido e vivido, uma vez que essa definição pode variar de acordo com a pessoa que detém o poder, não havendo uma classificação única e objetiva. Dessa forma, a definição depende do espaço social em que ocorrem essas produções simbólicas.

Complementando o conceito de *campo* temos a categoria de *habitus*, significativa por evidenciar que os sujeitos possuem uma história e que, ao mesmo tempo em que as experiências tendem a confirmar esse *habitus*, ele está aberto a modificações diante de novas vivências. O *habitus* é o princípio gerador e unificador das práticas e ideologias de um grupo de agentes, estando diretamente vinculado à prática. Representa uma grade de leitura do mundo, por meio da qual os seres humanos interpretam o ambiente ao seu redor.

Sintetizando, o conceito de *habitus* pode ser compreendido como a subjetividade socializada, permitindo enxergar certa homogeneidade de gostos e disposições entre indivíduos que compartilham uma mesma trajetória social e são regidos por regras socialmente impostas, mesmo que de maneira implícita. O *campo* está intrinsecamente relacionado ao *habitus*, pois a estrutura do *campo* é definida pelos *habitus* dos indivíduos que buscam maior influência, ou que já a possuem, determinando as regras da sociedade ou localidade em questão.

Em Ipoméia e região, localidade onde a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias começou a se instalar no Brasil, a religião estava firmemente estabelecida com pessoas de grande influência na liderança. O *habitus* trazido pela Auguste Lippelt, por seus filhos e pelos missionários foi incorporado ao campo religioso local, e assim como modificaram a estrutura desse campo, seus *habitus* também foram influenciados pelos costumes desse novo ambiente ao qual passaram a fazer parte.

Os conceitos que serão empregados nesta pesquisa revelam-se particularmente adequados para a investigação dos efeitos de um evento específico em uma região ou cidade. Nesse sentido, aplicamos as noções propostas por Pierre Bourdieu, como *habitus* e *campo*, a fim de compreender como essa religião foi acolhida na cidade em que os primeiros membros se estabeleceram no Brasil. Dessa maneira, buscamos analisar as resistências e apagamentos enfrentados por Auguste e outras mulheres, influenciados pelo *habitus* da época. É fundamental compreender esse contexto, pois trata-se de um aspecto central para elucidar que se trata de um

produto de um trabalho social de dominação e inculcação ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas linhas de demarcação mística, conhecidas e reconhecidas por todos, que o

mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um *habitus*, lei social incorporada (Bourdieu, 2020, p. 63-64).

Além dos conceitos de *habitus*, campo e dominação masculina, o conceito de gênero, da historiadora Joan Scott me auxiliou a compreender como as diversas formas de feminismo ao longo da história foram e continuam sendo relevantes, cada uma à sua maneira, gerando mudanças sociais em diferentes graus. Esta pesquisa busca evidenciar as diferenças e as consequências das ações de algumas mulheres durante a primeira metade do século XX no campo religioso brasileiro, especialmente no interior de Santa Catarina.

Joan Scott contribuiu para nossa compreensão do estudo de gênero, elucidando como as características e papéis das mulheres são socialmente estabelecidos e justificados como uma ordem natural relacionada à questão biológica. Esse entendimento é essencial para esta pesquisa e para entender como foi construído esse apagamento. Nosso objetivo é compreender o papel de homens e mulheres na sociedade, tanto no espaço público quanto no privado. Ao empregar esse conceito, foi necessário cautela, especialmente em relação à generalização com base no sexo biológico.

Em uma entrevista¹⁶ realizada em fevereiro de 2009, durante um evento na Universidade de Berkeley, Scott aborda a ambiguidade na percepção dos eventos e dos sujeitos históricos. Ela destaca o tema de seu livro “The Politics of the Veil” para ilustrar a generalização presente na sociedade ocidental em relação aos membros da religião islâmica. O Ocidente tende a categorizar todos os membros dessa religião, destacando as diferenças de gênero e utilizando o véu como símbolo de desigualdade. Essa abordagem tenta dissociar o Ocidente desse tipo de desigualdade, negando sua existência na cultura ocidental. No entanto, ao conversar com algumas mulheres islâmicas, percebe-se que o véu não é uma imposição ou símbolo de inferioridade, mas uma expressão de devoção a Deus, semelhante ao uso do quipá por homens judeus. É crucial ressaltar que essa perspectiva não se aplica a todas as mulheres, pois nenhuma generalização pode abarcar a diversidade da realidade em que vivemos.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MrknwNI818Y&t=2847s>>. Acesso: 23/07/2023.

A generalização que utiliza o véu como ícone da opressão masculina sobre as mulheres islâmicas cria uma ilusão de que o Ocidente, por não impor o uso do véu, é uma sociedade mais igualitária. No entanto, ao observarmos o número de mulheres em cargos de poder, percebemos que essa igualdade não é efetiva. Scott destaca que essa abordagem desvia o foco, levando muitas mulheres ativistas a lutarem pelo direito de não usar o véu, enquanto outras questões essenciais são deixadas de lado.

O discurso e as palavras estruturam as relações de poder de maneira quase mágica, como afirmou Virginia Woolf (2006), e frequentemente não conseguimos perceber essa estrutura. A busca pela igualdade, quando baseada na ideia de identidade, implica a renúncia a características como religião, etnia, classe e ocupação. No entanto, segundo Scott, há uma categoria que não pode ser ignorada: o sexo, que é natural e inescapável para muitos. Na perspectiva francesa, apesar do discurso de igualdade, liberdade e fraternidade da Revolução Francesa em 1789, as mulheres só conquistaram o direito de voto em 1944, e a equidade de gênero na política ainda não foi plenamente alcançada. Portanto, surge a questão: o que significa verdadeiramente igualdade? Sandra Duarte de Souza, uma pesquisadora destacada no campo de gênero e religião, aborda a desigualdade enfrentada pelas mulheres na sociedade, questionando o conceito de igualdade.

A explicação das desigualdades de gênero como desigualdades naturais foi argumento fundamental para manter as mulheres afastadas do saber, pela educação formal, e do campo do trabalho formal. Esse quadro tem mudado em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, e as mulheres têm tido uma participação crescente em ambos os campos. Isso não significa, porém, que as representações de gênero não se façam presentes na maneira como homens e mulheres se relacionam com a educação e o trabalho (Souza, 2008, p. 174-175).

Gostaria de incorporar à análise das áreas do cotidiano mencionadas no artigo a dimensão religiosa. No contexto do início do século XX, que é o foco desta pesquisa, as mulheres eram moldadas por padrões de comportamento enraizados por décadas, onde lhes faltava voz, direitos de propriedade e autonomia na escolha do próprio destino. Conforme observado por Joan Scott em seus estudos, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os

sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1989, p. 21). As relações de poder predominantes naquele período, e até recentemente, relegavam a mulher ao âmbito privado, vedando sua saída dessa esfera. Como destaca Bourdieu (2020), as relações de poder invisíveis são as mais impactantes, pois, por sua falta de visibilidade, encontram poucas resistências. Desde a infância, mulheres e homens são educados por instituições e em seus lares sobre os papéis que devem desempenhar na sociedade. Assim, a estrutura social restringe as mulheres em termos de possibilidades de participação social, com o poder invisível firmemente arraigado e estabelecido na sociedade. O conceito de gênero nos auxilia na compreensão e decodificação das complexas relações sociais, revelando como esse conceito legitima e constrói relações sociais em diversos lugares e momentos históricos.

Em muitas sociedades, o poder e a autoridade são associados ao masculino, refletindo-se em leis e normas que colocam as mulheres em posições inferiores e restringem sua liberdade em vários aspectos da vida, como na esfera privada, na política, na saúde, na vestimenta, entre outros. A compreensão de como o controle sobre as mulheres é utilizado por governos e outras esferas requer uma análise do contexto geral da construção e consolidação desse poder. Auguste Lippelt estava sujeita a muitas dessas normas impostas às mulheres de sua época. No entanto, ela resistiu à pressão e às restrições impostas por seu marido no contexto religioso, rompendo com o paradigma de submissão nessa área. Como salienta Joan Scott:

Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (Scott, 1989, p. 28).

Mesmo nesse cenário onde os papéis de cada gênero pareciam bem resolvido e sólido, houve rompimento, alternativas negadas ou reprimidas foram combustível para esses rompimentos e mudanças de *habitus*.

2.2 Mudando quem faz o registro histórico

O início da transformação no fazer histórico ocorreu por meio de uma série de novas correntes historiográficas que se propuseram a criticar e revisar o status quo. Uma dessas abordagens emergentes ficou conhecida como “história vista de baixo”, feita por Edward Palmer Thompson (2001) e Christopher Hill (1987), cujo propósito era explorar não apenas as grandes figuras e os eventos históricos consagrados, mas também buscar a perspectiva de indivíduos comuns, como soldados, carteiros e camponeses, tornando-se figuras de interesse para esses historiadores. Jim Sharpe (1992) destaca em seu capítulo no livro “A escrita da História” a descoberta e a análise da correspondência trocada entre um soldado na Batalha de Waterloo e sua esposa abrirem novos horizontes na historiografia do meio do século XX. Pessoas que anteriormente não tinham voz começaram a ser ouvidas, e as histórias de padeiros, comerciantes, artesãos, entre outros, passaram a integrar as fontes históricas, sendo comparadas e levadas em consideração.

Nesse hall de excluídos foi, cada vez mais, se notando silêncios que por séculos eram naturalizados pelos detentores do fazer histórico, entre eles, o silêncio das mulheres como disse Michelle Perrot (2005). Contudo, precisamos pensar nas diversas dificuldades que se apresentam nessa nova fonte, ou melhor, na escassez dessas fontes. Quanto mais retrocedemos na história, menos documentos escritos por aqueles na base da pirâmide social encontramos. Enquanto Thompson, ao estudar e publicar sobre a classe trabalhadora em seu livro “A formação da classe operária inglesa” dividido em três volumes entre os anos de 1963 e 1980, teve acesso a um número significativo de documentos, períodos mais antigos frequentemente carecem de tais registros, uma vez que as classes inferiores não mantinham diários ou correspondências, sendo a maioria delas não alfabetizada. Além disso, é imperativo estar atento às generalizações, considerando a diversidade presente na educação, gênero, situação econômica e envolvimento político desses grupos sociais. Ao examinarmos um membro dessa classe, é crucial compreender que a realidade é percebida através da perspectiva e visão de vida desse indivíduo, do qual conhecemos apenas uma fração.

Apesar desses desafios, especialmente a escassez de fontes escritas de membros da população comum em períodos anteriores, os pesquisadores encontraram outras fontes de interesse, como registros de tribunais da inquisição, registros civis e inventários, alimentando estudos e enriquecendo a visão historiográfica desses períodos, como exemplificado no clássico “O queijo e os vermes”. Carlos Ginzburg (2006). Em sua pesquisa, ele reconstrói por meio dos registros da inquisição a mentalidade e o modo de vida dos camponeses no interior da Itália por volta de 1532. Apesar das limitações de objetividade nessa fonte, registrada com o viés da Igreja Católica, Ginzburg destaca sua utilidade quando devidamente tratada.

Além de proporcionar uma nova perspectiva anteriormente negada aos interessados na história da civilização, a história vista de baixo permitiu o confronto com os documentos existentes de cada período, formando um panorama mais complexo dos eventos. Essa abordagem também levou a uma reflexão sobre quem não estava sendo ouvido até então, questionando quem são os personagens do cotidiano que, por diversas razões, não puderam expressar suas experiências. Como expresso por Yaa Gyasi (2017) em seu livro “O caminho de casa”, o narrador, ao contar uma história, o faz através de suas próprias lentes, destacando a importância da diversidade de perspectivas na compreensão histórica:

Nós acreditamos na história de quem detém o poder. É ele que acaba escrevendo a história. Por isso, quando se estuda História, é preciso sempre fazer perguntas. Que história não está sendo contada? De quem é a voz que foi reprimida para que essa voz pudesse se fazer ouvir? Quando vocês tiverem descoberto essas respostas, precisarão encontrar aquela história também. A partir daí, começarão a formar um quadro mais nítido, apesar de ainda imperfeito (Gyasi, 2017, p. 337).

Além de proporcionar uma origem para aqueles que não pertencem à elite, essa perspectiva contribui para corrigir e ampliar o conhecimento e compreensão do que ocorreu no passado da humanidade. Uma abordagem adicional que reformulou a visão prévia sobre o que era considerado digno de registro foi a história das mentalidades, que buscou compreender o cotidiano, a vida privada e os indivíduos.

Chartier (1990, p. 32) ao refletir sobre o trabalho de Lucien Febvre argumenta que essa vertente historiográfica estava preocupada com as crenças, valores e representações específicas do período ou grupo estudado. Essa metodologia privilegia o modo de agir e pensar dos indivíduos, não sendo um objetivo tangível, mas sim subjetivo, abarcando sentimentos, medos e crenças. A concepção de longa duração de Braudel se enquadra nessa abordagem de análise das mentalidades, pois essas mentalidades levam tempo para se consolidar e definir, requerendo uma extensão temporal considerável para serem estudadas.

Nos anos subsequentes a esses estudos, tornou-se evidente a necessidade emergente de estabelecer um campo de estudos voltado para as questões de gênero, impulsionado pela opressão do público feminino e pelo fortalecimento da luta política feminista, reconhecendo que não há uma teoria neutra. Os esforços persistentes para promover uma reflexão crítica em relação à inadequação das teorias existentes que explicam a desigualdade entre mulheres e homens visam uma compreensão mais aprofundada da posição variante das mulheres na história e no feminismo. Em 1975, Gayle Rubin, ao discutir a política econômica relacionada ao sexo, entre outras questões, afirmou, utilizando uma perspectiva marxista, que:

É justamente esse “elemento histórico e moral” que determina que a “esposa” esteja entre as necessidades do trabalhador, que as mulheres, e não os homens, façam os trabalhos domésticos, e que o capitalismo seja herdeiro de uma longa tradição em que as mulheres não falam com deus. É este “elemento histórico e moral” que apresentou ao capitalismo uma herança cultural de formas de masculinidade e feminilidade (Rubin, 1975, p. 164).

O espaço atribuído às mulheres, caracterizado pela propriedade, servidão e falta de dignidade ao longo de um extenso período, definia sua posição em uma sociedade em transformação durante o século XX. Ao investigar essa história, é crucial compreender que a busca por compreender quem são as mulheres e qual é o seu papel no desenrolar dos acontecimentos não será homogênea. Assim como todos os seres humanos, o sexo feminino é diverso, e o que podemos observar ao estudar esse recorte é o que era constante e socialmente imposto a essas personagens.

Os historiadores e historiadoras das mulheres procuram obter reconhecimento intelectual dentro das normas acadêmicas, ao mesmo tempo em que questionam a legitimidade das suas disciplinas e da produção de conhecimento. Eles lutam contra os padrões estabelecidos, nos quais a prioridade é dada à história do “macho” branco, sem consideração por outros pontos de vista. Esse novo olhar, com o surgimento da presença e da voz feminina nos espaços da produção histórica, representa uma mudança a partir do século XIX. Nesse sentido, existem muitos espaços vazios e silenciosos no passado, conceituados por Michelle Perrot como um “oceano de silêncio”.

Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor, da qual, segundo Michelet, elas “detêm o sacerdócio”. O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento (Perrot, 2005, p. 9).

A história das mulheres não deve ser percebida exclusivamente como um reflexo da política feminista. A linha tênue entre o trabalho acadêmico e a luta política precisa ser reforçada com o propósito de aprimorar as condições destinadas ao público feminino e contribuir para uma reconfiguração da história existente, ampliando-a e posicionando as mulheres como “objetos de estudo, sujeitos da história” (Scott, 1992). O gênero é uma construção social que transforma características biológicas em características sociais, como destacou Christiane Klapisch-Zuber ao afirmar que “transforma machos e fêmeas em homens e mulheres” (Klapisch-Zuber in Durby e Perrot, 1993, p. 11).

Diversos campos foram impulsionados por esse movimento, buscando a voz das mulheres nos diversos espaços sociais. Especialmente as historiadoras começaram a explorar possíveis fontes que permitissem revelar as experiências dessas mulheres. Durante muito tempo, as mulheres, vistas como pertencentes ao âmbito privado, não estavam presentes na maioria das fontes consideradas oficiais, e quando apareciam, eram descritas por homens. A história é moldada pelo olhar de quem a registra, e nesse olhar, ocorrem destaque e apagamento, evidenciando o interesse de quem segura a caneta. O interesse pelas atividades das mulheres não

existiu por muito tempo. Assim, as fontes em que as mulheres são as protagonistas da fala e que oferecem informações diversas sobre seu cotidiano são, em geral, as cartas e diários pessoais.

No século XX, ocorreu um movimento para reposicionar as mulheres no espaço privado, após todas as transformações provocadas pela revolução industrial na última metade do século XIX. Amaral e Marques, em seu estudo sobre associações de mulheres católicas em Pernambuco, citam uma revista feminina da época que afirma: “A contribuição da mulher, por sua vez, seria a de manter a felicidade e a harmonia dentro do lar. [...] A mulher no pensamento divino complementa o homem, é sua companheira, sua auxiliar” (Amaral e Marques, 2013, p. 296). As associações religiosas desempenharam um papel fundamental ao direcionar as mulheres para esse papel, sendo responsáveis por preservar a moral e os “bons costumes” das famílias, padrões estabelecidos por essas instituições religiosas comandadas por homens. Essas associações possibilitaram a disseminação dos padrões e da ética católica na sociedade, especialmente entre a elite cultural e social, criando uma identidade entre seus membros, cujos valores eram propagados e desejados por uma grande parcela da sociedade civil, além dos limites das instituições religiosas.

2.3 Lutando contra o rebaixamento social dentro das religiões reformadas

Tornando-se vosso marido, Emílio tornou-se vosso chefe; cabe-vos obedecer, assim o quis a natureza (Rousseau, 1979, p. 418).

Após analisar o contexto da posição das mulheres na sociedade ocidental, notamos que o papel delas, especialmente antes da Reforma Protestante, era limitado às atividades domésticas, submissão ao marido, cuidado dos filhos, castidade e silêncio na igreja. Mulheres que ousavam publicar suas experiências religiosas eram fortemente perseguidas e atacadas por homens, tanto dentro quanto fora da igreja, naquela época. Narrativas, muitas vezes infundadas, eram disseminadas na sociedade, descrevendo suas ações e estilo de vida, uma vez que não se conformavam com o papel que “deveriam” desempenhar. Nesse ponto, é importante salientar um recorte de raça, essa pesquisa tem foco em figuras femininas brancas nesse período da história das religiões brasileiras. Outras realidades femininas, que como já dito são diversas, não podem ser analisadas dentro desse padrão de

expectativa. Mulheres pobres, negras, e de outras instituições religiosas tinham outras cobranças e expectativas sobre seu comportamento e tiveram suas experiências ocultadas nos registros históricos, especialmente no quesito religião.

Rute Salviano de Almeida e Jaqueline Sousa Pinheiro (2021) abordam algumas dessas mulheres em seu livro “Reformadoras”, mencionando figuras como Maria Dentièrre, Catarina de Parr, Catarina Zell, Margarida de Navarra, Olympia Morata e Jane Grey, entre outras. Suas histórias ganharam maior visibilidade graças aos esforços de resgate protagonizados pela história das mulheres e pela pesquisa de gênero.

Maria Dentièrre, nascida nos Países Baixos em 1495, foi abadessa¹⁷ e, posteriormente, casou-se com um ex-padre que se tornou pastor, contribuindo para a tradução da Bíblia do hebraico. Sua defesa de que todas as mulheres deveriam conhecer os ensinamentos de Cristo a colocou em conflito com sua própria denominação, que rejeitava a pregação feminina. Uma de suas publicações foi interceptada na gráfica onde estava sendo produzida, o responsável pelo estabelecimento foi preso e as cópias de “A epístola muito útil” confiscadas e destruídas. Depois desse episódio qualquer publicação de autoras foi proibida pelo conselho de Genebra até o fim do século XVI. Em 2002 decidiram reparar, de alguma forma, essa perseguição sofrida por Dentièrre e ela teve seu nome registrado no memorial da Reforma em Genebra.

Catarina Zell, nascida em 1497, também enfrentou resistência de seus colegas de fé. Casou-se aos 26 anos com Mateus Zell, padre que foi excomungado pela Igreja Católica por não seguir os padrões da instituição. Ativa como conselheira e pregadora, ela desafiou as convenções da época, tinha como propósito melhorar a sociedade ao seu redor e mesmo depois da morte do marido continuou servindo. Acabou perseguida por líderes luteranos que reprovaram uma mulher com vida pública e foi intitulada por Ludwig Rabus de “perturbadora da paz da igreja”. Sempre que criticada rebatia e usava as escrituras em seus exemplos e ensinamentos. Teve diversas publicações entre livros e panfletos e era convidada para falar em casamentos e sepultamentos. Acolhia os rejeitados e especialmente mulheres e

¹⁷ Prelada ou superiora de mosteiro ou abadia.

crianças deixadas por conta da perseguição aos reformadores, enfrentou a todos que quiseram impor a ela uma posição que a impedisse de fazer o que acreditava ser o certo.

Jane Grey, nascida em 1537, envolveu-se em uma trama entre nobres e poderosos ingleses que lutavam para manter o protestantismo ou voltar ao catolicismo. No meio desse conflito ela acabou chegando ao trono quando depois de uma série de estratagemas do primeiro-ministro, John Dudley, o rei do período, Eduardo VI, deserdou as irmãs. Sendo Jane Grey prima do herdeiro do trono que faleceu ainda jovem, saiu da quarta posição na linha de sucessão para a primeira. Antes de ser deserdada, a outra opção, Maria Tudor, meia irmã do rei, era católica, o que muito preocupava o primeiro-ministro.

Para John Dudley, a opção que garantia uma rainha protestante era conseguir colocar Jane no trono. Com esse objetivo usou sua influência para tirar as duas meias-irmãs do rei da linha de sucessão. Com a morte do rei, Jane foi declarada rainha, mas seu reinado só durou dez dias. Maria, que era vista pelo povo como a verdadeira rainha, conseguiu apoio e marchou para Londres com soldados e depôs Jane do trono. Depois disso ela acabou presa por decreto de Maria I e condenada à morte, assim como várias pessoas próximas a ela. A rainha quis parecer misericordiosa e mandou um capelão para pregar e convencer Jane de seus erros teológicos. Entretanto, apesar de jovem, Jane se recusou a aceitar o que lhe era imposto e acabou sendo executada aos 16 anos.

Renata, princesa da França e duquesa de Ferrara, nascida em 1510, converteu-se ao protestantismo e enfrentou perseguições durante as guerras religiosas. Filha de nobres e parente de reis, ela se converteu ao protestantismo e quando começaram as perseguições aos reformadores, especialmente pelo seu cunhado, Francisco I, ela passou a proteger e acolher os perseguidos. Sua Linhagem real a dava poder dentro de seu território, onde era Duquesa. Entretanto, quando começou a aumentar os julgamentos da inquisição, após o Concílio de Trento, o medo de uma intervenção do Papa em seu território fez com que seu marido expulsasse os protestantes.

Todos ao seu redor tentam dissuadi-la da fé reformada e ela chegou a ser impedida de ver seus filhos, ameaçada de perder terras e ficou presa dentro de seus

aposentos até que aceitar assistir a uma missa. Apesar disso falou ao marido que eles podiam obrigar seu corpo, mas não o seu espírito. Trocou cartas com Calvino e durante as guerras religiosas na França deu abrigo a diversas pessoas e se questionava sobre a violência aplicada, que ia contra os ensinamentos de Cristo. Na noite de São Bartolomeu estava em Paris e conseguiu ajudar a resgatar alguns protestantes

Em outras pesquisas vemos mais exemplos de mulheres ativas no trabalho religioso. Algumas das esposas dos reformadores tiveram papel importante na história da Reforma Protestante. Elas desempenhavam um papel que destoava do que a sociedade desse mesmo período acreditava ser adequado a uma mulher, pois acolhiam os perseguidos, tinham acesso à leitura das escrituras etc. Apesar disso, o seu papel não foi mudado no entendimento dos reformadores, as mulheres deveriam ser submissas aos homens e, segundo Lutero, “o domínio da mulher jamais produziu alguma coisa de bom” (Bretano apud Almeida e Pinheiro, 2021, p. 104).

Andando um pouco mais nos anos, já no século XIX, no livro “Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro” também de Rute Salviano de Almeida (2022) encontramos outras mulheres que desempenharam papéis relevantes dentro de suas religiões como o exemplo de Sarah Poulton Wilson que nasceu na Inglaterra em 1825 e desde muito jovem ensinava na escola dominical em sua congregação onde seu pai era um dos líderes. Ao se casar ficou conhecida como Sarah Kalley, ela e o marido foram para o Brasil fazer um trabalho missionário voluntário, chegaram ao Rio de Janeiro em maio de 1855 e abriram uma escola dominical bíblica para crianças.

Seu principal objetivo era abrir uma escola primária, pois, para a religião protestante, a alfabetização era algo importante. Os fiéis protestantes eram incentivados a estudar e interpretar as escrituras. Entretanto, o governo brasileiro não concedia a permissão de abertura da escola primária. Essa permissão só chegou em 1872, quando eles abriram a Escola Evangélica de Instrução Primária onde Sarah chegou a dar aulas de geografia e história em uma classe noturna.

Mais duas personagens que viviam nesse período no estado de São Paulo. A primeira, Flora Maria Blumer de Toledo, conheci através de um encontro do grupo de estudo Mandrágora quando foi apresentado um documentário, “Esquecendo Flora”, escrito e dirigido por Beto Oliveira, que fala sobre ela. Ao pesquisar mais encontrei um

artigo escrito por Victor Mitsukazu Nakanishi (2023) que apresenta um pouco sobre a história dessa mulher. Flora era uma mulher negra que nasceu na condição de escravizada em Porto Feliz no ano de 1834. Aos 41 anos foi vendida para uma família de protestantes que morava em Piracicaba, interior do estado. Muitos desses protestantes norte-americanos vieram para o Brasil depois da derrota do Sul escravagista, onde alguns deles viviam e não aceitavam a reconstrução que o país vinha sofrendo em decorrência das medidas implementadas pela União (conjunto dos estados do norte que ganharam a guerra). Outro ponto que precisa ser dito é que o imperador do Brasil no momento, Dom Pedro I, estava atendo as consequências dessa guerra, que tinha como um fator importante o fim da escravidão, e que poderia influenciar a ordem social nos outros países da América. Com a derrota dos confederados, estados do Sul, acredita-se que cerca de 3.000 imigrantes chegaram ao Brasil a fim de manter seu modo de vida escravagista ao sul do continente.

Na região de Santa Bárbara, interior de São Paulo, onde se instalaram os primeiros imigrantes sulistas, o protestantismo se desenvolveu bem e com isso aconteceu a instalação de uma escola, fundada em 1869, na cidade de Campinas, para uma educação adequada dos membros da religião. Essa instituição ficou conhecida como Colégio Internacional e funcionou até 1893. A instituição onde Flora trabalhou era outra, em outra cidade, mas era fruto dessa visão protestante sobre a importância da educação para seus fiéis sem o viés da igreja católica.

A escola em questão era o Colégio Piracicabano, metodista e instalado na cidade de Piracicaba em 1881, cidade que Flora chegou depois de ser vendida em 1875 para um marceneiro alemão, Pedro Blumer. As aulas começaram em 1881, no final do ano, graças a chegada da missionária, nossa terceira personagem, Martha Watts, que havia sido solicitada pelo reverendo local. Martha Watts era uma norte-americana que, diferente da maioria das mulheres do período, veio fazer o trabalho missionário no Brasil sozinha. Era solteira e foi a primeira missionária a ser enviada por uma organização feminina metodista que defendia o sufrágio feminino e combatia o consumo de álcool.

Ao chegar no Brasil em maio de 1881 começou a organizar tudo para a abertura de uma escola em Piracicaba que foi chamada de Colégio Piracicabano e contou com apoio não só dos religiosos locais como de alguns políticos da região. Em

setembro do mesmo ano a instituição de ensino foi aberta e teve dificuldades de adesão no princípio, mas com o tempo mais alunos chegaram. A escola aceitava alunos de ambos os sexos, apesar de as alunas não ficarem muito tempo. A maioria das famílias achavam que elas, as meninas, só precisavam do básico para exercer suas funções femininas.

Com necessidade de contratar uma cozinheira para a escola Marta pagou a alforria de Flora através de um advogado, que viria a ser o presidente da república brasileira mais tarde, Prudente de Moraes. A partir daí não se tem muitos registros sobre a vida de Flora, se sabe que aprendeu inglês e viajou com um reverendo aos Estados Unidos. Permaneceu na igreja até 1892 quando morreu e promoveu grande comoção entre os alunos. Não existe nenhum registro feito por ela ao longo de sua vida que tenha sido encontrado, tudo que sabemos sobre ela vem do que Martha registrou em suas cartas. Ela foi a primeira mulher negra, que se tem registro, a se filiar a uma igreja protestante no Brasil. No caso de Martha, depois de vários anos no Colégio Piracicabano ela participou de escolas em outras cidades do país e aos 64 anos de idade, em 1909, faleceu nos Estados Unidos após cair e quebrar a bacia e, durante alguns exames, descobrir um câncer.

Para finalizar irei apresentar Jacobina Mentz Maurer que conheci através do artigo de Marlise Regina Meyer e Daniel Luciano Gevehr (2019). Ela foi uma imigrante alemã na colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, casada com João Maurer. Ela destoa um pouco dos exemplos anteriores pois não tinha a chancela de uma instituição religiosa na sua vivência espiritual. Junto com seu marido tinha práticas de curandeirismo e promovia cultos com interpretação da Bíblia. Nesse período em que viviam na região do morro do Ferrabraz, por volta de 1870, entre os imigrantes alemães existiu um grupo que não prosperou nesse novo território, e, por falta de instituições oficiais, começaram a se reunir na casa do casal Maurer. Esse grupo ficou conhecido como movimento messiânico dos Mucker (1868-1874).

Com o passar do tempo a narrativa usada pelas autoridades da região afastaram Jacobina de uma origem germânica e a associava com o que na época se conhecia como caboclo, o que eles consideravam uma degeneração da origem europeia causada pelos trópicos, comparando-a com uma 'índia velha' nos registros do período. A ação de interpretar a bíblia, fato somente permitido aos pastores e

padres, fez com que ela fosse vista como um tipo de criminosa que enganava os outros. Jacobina não possuía formação para esse tipo de ofício, isso foi usado no conflito entre protestantes e católicos, os últimos começaram a alertar a população para o perigo do protestantismo que permitia que uma mulher protestante e analfabeta usasse a palavra de Deus.

Por causa dessas acusações os líderes religiosos protestantes e intelectuais alemães começaram a tentar desvincular sua imagem à dessa mulher, que liderava essa 'seita de fanáticos' segundo relatos da época, colocando Jacobina e seu grupo como não civilizados em suas publicações. Um padre jesuíta, Ambrósio Schupp, construiu a narrativa colocando essa mulher como uma fanática, e, até os anos de 1957, essa era a versão disponível para quem tentava estudar ou mesmo se informar sobre esse movimento. Foi então só nesse período que essa visão começou a ser questionada por Leopoldo Petry. No relato do padre o fato dela ser uma mulher já a condenava, moralmente, e essa visão sobre a dúvida moral em relação às mulheres é ratificada nesta mesma região por diversos casos de denúncias feitas por mulheres, que aparecem no registro judicial, e que em muitas delas a condição feminina fez com que essas acusações não fossem julgadas em favor das mulheres, seu testemunho era passível de dúvida.

Os artigos e escritos da época reproduzem o preconceito e "moralismo" vigente naquela sociedade. Houve um foco nessas narrativas difamatórias na personagem de Jacobina, vários problemas da colônia foram ligados a ela, como adultérios, roubos, infanticídio, incêndios etc. Sua imagem foi ligada à loucura, possivelmente devido a um diagnóstico que supostamente recebeu aos 12 anos de idade de um médico, que recomendou o casamento como remédio. Seu crime foi não se portar de acordo com o papel que era atribuído ao sexo feminino desse período. O caso de Jacobina transpassa a condição feminina, pois sua condição de imigrante, sua religião sem um vínculo institucional e sua classe social somaram para o desfecho desse acontecimento de perseguição e julgamento.

Ela e seu marido foram detidos, ela na Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre, e seu marido ficou preso por 45 dias, e mais tarde foi preso novamente. Isso gerou violência por parte dos 'seguidores' Mucker, que chegou a agrupar 700 simpatizantes em alguns períodos, segundo relatos. Tudo isso resultou em um

extermínio do grupo pela força oficial do império liderada pelo Coronel Genuíno Sampaio. Após o massacre foi aberto um processo que, depois de seis anos, resultou na absolvição de todos, os algozes foram inocentados, assim como as vítimas que foram assassinadas e que no período eram acusadas de charlatanismo e outros crimes de violência. Esse episódio foi abafado por muito tempo na região.

Esses relatos motivaram uma exploração mais aprofundada do conceito contemporâneo de interseccionalidade, fundamental para a compreensão das questões de gênero, ao considerar simultaneamente classe social, religiosidade, raça e gênero. Segundo Collins e Bilge (2021), a interseccionalidade é uma ferramenta analítica essencial para entender as complexas interconexões desses elementos na compreensão das experiências vividas por diferentes grupos sociais.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins e Bilge, 2021, p. 16-17).

Nessas narrativas biográficas, torna-se evidente que as mulheres, ao longo de distintas épocas e locais, enfrentaram restrições em relação à expressão de sua religiosidade e à obtenção de posições de liderança, particularmente durante a transição do século XIX para o século XX. Mesmo aquelas de camadas sociais mais privilegiadas e consideradas “nobres” deparavam-se com obstáculos que limitavam suas práticas religiosas conforme suas convicções. Em tempos remotos, a participação ativa e a liderança religiosa eram, muitas vezes, vetadas a mulheres, e durante a transição supracitada, a questão de gênero continuava a impor barreiras apropriadas.

Independentemente da riqueza e da nobreza das mulheres retratadas, muitas eram relegadas a funções secundárias, e mesmo quando desempenhavam papéis proeminentes, seus nomes frequentemente permaneciam obscuros ou não recebiam

o devido reconhecimento. Ao contemplarmos o aspecto racial, identificamos exemplos adicionais que evidenciam a exclusão de determinadas mulheres. A consideração desses aspectos e a abordagem dessas questões proporcionam um campo vasto para futuras pesquisas e investigações, os quais, embora não sejam objeto desta dissertação, emergem como temas relevantes e necessários a serem mencionados.

2.4 Como era a estrutura social no sul do Brasil (1923-1933)

O contexto histórico no qual se desenrola a narrativa da protagonista desta pesquisa é o interior de Santa Catarina, notadamente na região que corresponde à atual cidade de Joinville e seus arredores. Nos primeiros anos do século XX, marcados pelo advento da República no Brasil, as manifestações sociais e a instabilidade desempenharam um papel significativo na construção da história nacional. A mencionada região, predominantemente habitada por imigrantes alemães, viu suas características culturais, espirituais, modos de trabalho, entre outros elementos, exercerem influência fundamental na formação cultural e social de Joinville. Dentro desse cenário, segundo Joana Maria Pedro (2004), as mulheres desempenharam papéis diversificados, embora ainda submetidas à autoridade masculina em seus contextos familiares. Além de suas funções tradicionais, essas mulheres contribuíram ativamente para a economia local, algo menos comum em outras regiões, ao mesmo tempo em que eram encarregadas de manter a moral e os bons costumes vigentes na época, algo que deveria ser aplicado e seguido pelos demais membros familiares. Em uma sociedade na qual valores medievais perduravam, as casas das famílias constituíam unidades econômicas fundamentais, exigindo a preservação de seus valores.

A casa da família nessa sociedade na qual os valores conservadores ainda dominavam precisava manter sua boa reputação, pois era também a unidade econômica de base dessas pessoas. O papel de esposa, mãe, dona de casa estava diretamente ligado ao de mulheres que produzem, envolvendo isso uma rigidez de valores que garantiam a educação de todos seus filhos e agregados, mas também confirmava a boa fama de todo o empreendimento familiar que possibilita a sobrevivência daquele grupo que vendia seu excedente de produção proveniente da agricultura familiar. Como disse Joana Maria Pedro sobre as mulheres no sul do Brasil,

ainda no final do século XIX os homens dessa região do país eram majoritariamente nômades, e “é recorrente a representação de mulheres sozinhas comandando estâncias, fazendas, negócios, em vista da constante ausência dos homens” (Pedro, 2004, p. 280).

Um exemplo desse papel público exercido por essas mulheres era a negociação do excedente de produção de suas “fazendas” com outros proprietários ou com o pequeno comércio local. Mesmo exercendo esse papel de negociação, a liberdade das mulheres não se estendia ao espaço jurídico, e ao público como um todo. Muitas delas chegaram nesse novo país e foram surpreendidas por uma vida totalmente diferente do que havia sido divulgado em sua terra natal. Muitos relatos e registros do período descrevem a região do sul do Brasil como mata e céu, e nada mais. No começo do século XX, depois desse um primeiro período de ocupação das terras pelos imigrantes, onde as mulheres precisaram exercer papéis que a colocavam no espaço público, e depois de alguma organização urbana acontecer, foi sendo, propositalmente, construída uma imagem de qual seria o papel das mulheres nessa sociedade com o intuito de promover uma separação.

A ideia de que homens e mulheres eram complementares e que a educação dessas mulheres deveria ser direcionada para a sua função especificamente doméstica foi divulgada e ganhou força na sociedade desse período. Assim, uma mulher que ficava em casa e cuidava do seu lar passou a ser sinônimo de prestígio social e sua característica eram listadas nos diversos jornais da época. A figura feminina ligada à maternidade e ao amor foram fortes nos meios de comunicação no final do século XIX e início do XX, e com o surgimento de uma elite comercial essa figura ficou muito mais nítida e consolidada e usada como fonte de poder político.

“Eram as elites urbanas que pretendiam delimitar espaços sociais e estabelecer modelos de comportamento e de família, que se prestavam a legitimar a desigualdade, ou seja, criar referências que as distinguem do restante da população” (Pedro, 2004, p. 288). A população mais pobre que precisava que suas mulheres trabalhassem para manter a casa da família foram aos poucos sendo colocadas à margem nessa sociedade que cada vez mais se organizava e elaborava novos mecanismos de poder.

Essas mulheres que cuidam da propriedade familiar e do que advém dela podem ser vistas no relato da filha de Auguste Kullmann Lippelt. Georgine, filha mais nova do casal Lippelt, mostra em seu relato que o pai era ausente no cotidiano da família e passava longos períodos fora, em busca de trabalho e trabalhando. Descreve como ela, a mãe e os irmãos eram responsáveis por manter as terras produtivas e funcionando.

Assim que chegaram foi preciso preparar o terreno, levantar a casa e cultivar a terra. Nesse início dos trabalhos, que precisava de mais força física, o patriarca da família estava presente. Entretanto, depois desse início, a manutenção da propriedade, que era pesada também, além de exigir uma rigidez e resoluções de problemas, foi desempenhada pela matriarca. Essa atividade desempenhada pelas mulheres dessa região destoava do que era visto como adequado para as mulheres em outras partes mais urbanas do país. E nesse ponto que a generalização é perigosa e precisamos ter um olhar interseccional. Essa ausência do homem da casa possibilitava uma certa autonomia dessas mulheres. No caso de Auguste, segundo sua filha, ela conseguia fazer momentos de estudo das escrituras, convidar vizinhos para reuniões religiosas e fazer suas práticas religiosas com mais liberdade. Esse papel de protagonismo religioso não se mantém após a chegada dos missionários e da institucionalização da religiosidade da família Lippelt.

2.4.1 Joinville

Os registros históricos referentes à ocupação da região do estado de Santa Catarina frequentemente destacam os pioneiros, majoritariamente homens e imigrantes responsáveis pela ocupação do território. No entanto, ao analisar esses relatos, é imperativo buscar informações sobre as mulheres que estavam presentes nesse mesmo período e que constituem parte do grupo designado como “imigrantes pioneiros”. Essa empreitada se revela desafiadora, pois, apesar da pretensa imparcialidade dos historiadores da época, percebe-se frequentemente a expressão de suas opiniões nas narrativas, conferindo ao imigrante um papel de agente civilizador que trouxe progresso a uma região supostamente atrasada devido à “preguiça” de seus habitantes, conforme observado nas obras do historiador Carlos Ficker, que, em 1965, escreveu a história da cidade com esse viés preconceituoso.

A alusão a moradores “preguiçosos”¹⁸, antes da imigração, que é divulgada como marco fundador da cidade em 1851, evidencia a presença prévia de brasileiros na localidade que eram vistos dessa maneira por não terem a mesma cultura e modo de vida dos imigrantes. O discurso exaltando os imigrantes alemães é notável em diversos registros, como na passagem de Carlos Gomes de Oliveira, que descreve Joinville como uma cidade brasileira com características físicas distintas, atribuindo-as à origem alemã, além de ressaltar atributos como trabalho árduo e disciplina herdados dos antepassados. “É, pois, hoje, uma cidade brasileira com madeixas louras e olhos azuis, em boa parte, denunciando a origem. E conservando os predicados que distinguiam os antepassados, pelo trabalho, pela disciplina que tanto a enobrecem” (Oliveira apud Silva, 1997, p. 20).

A ideia de superioridade racial alemã, fortalecida durante o nazismo, encontra suas raízes em teorias disseminadas nesse período. Apesar de o texto de Oliveira ser de 1984, resquícios desse pensamento persistem. O autor destaca a superioridade intelectual, física, cultural e laboral dos imigrantes alemães que chegaram na segunda metade do século XIX. Teorias eugenistas e higienistas exerceram influência significativa na história mundial e, especificamente, na história brasileira.

Esse movimento não começou no meio do povo, mas teve um terreno fértil em um grupo seleto de estudiosos, em sua maioria médicos, que fundaram organizações que divulgavam essas “teorias” como a Sociedade Eugênica de São Paulo (1917), a Sociedade Brasileira de Higiene (1923), a Liga Brasileira de Higiene Mental (1923), essas organizações não duraram muito tempo, mas deram respaldo as ideias da elite do período. Apesar da sobreposição desses dois movimentos, higienista e eugenista, é necessário entender suas diferenças, que eles não eram dominantes na sociedade daquele período e que dentro dele, entre seus membros, havia divergências, assim como na maioria dos movimentos que acontecem no mundo. Outro ponto que merece destaque é que não podemos tentar entender esses movimentos sem prestar atenção na sociedade do período e quais eram os conhecimentos disponíveis e alcançados até então.

¹⁸ Juízo de valor dos autores do período.

O movimento higienista, ao ganhar força nas escolas com ênfase na educação sobre higiene pessoal, trouxe benefícios duradouros à sociedade. No entanto, muitos defensores dessa abordagem limitavam-se ao ensino desses costumes nas escolas, sem reconhecer que esses cuidados ultrapassavam as questões educacionais. A falta de acesso à educação, a necessidade de contribuir para o orçamento familiar desde cedo e a escassez de recursos básicos, como água encanada e materiais de limpeza, prejudicavam grande parte da população. Enquanto isso, a eugenia, fundamentada na teoria de Charles Darwin, preconizava aprimorar a espécie por meio do controle reprodutivo de tipos considerados anormais ou inferiores. A convergência desses movimentos, justificada sob o argumento de construir uma nação forte, contribuiu para a marginalização de povos indígenas, brasileiros e afro-brasileiros, os quais eram vistos como inferiores e preguiçosos na história de Joinville, centrada na chegada dos imigrantes alemães.

Apesar das expectativas alvissareiras da ordem e do progresso do século XX, a higiene, a moralidade e religiosidade, a pureza, os ideais de preservação da raça, da sobrevivência social, estamparam no sexo feminino seu emblema de manutenção da sociedade tradicional e as mulheres continuaram sendo submetidas a padrões comportamentais que serviram para impor barreiras à sua liberdade, autonomia e principalmente sobre a sexualidade (Almeida, 2009, p. 151).

Nesse período de transição de mão de obra e na busca por outras fontes de trabalhadores, uma alternativa cogitada para as lavouras brasileiras era a utilização de asiáticos, considerados, no entanto, como mão de obra inferior. No senado, em 1879, os chineses foram mencionados como uma possibilidade, uma vez que, apesar da suposta “falta de inteligência”, eram reconhecidos por sua força muscular e disposição para aceitar salários mais baixos em comparação aos europeus, proporcionando maior lucratividade aos proprietários de terra.

Vale ressaltar que os indígenas e africanos, que não se submetiam ao trabalho extenuante e de longas jornadas, eram frequentemente rotulados como preguiçosos e inferiores. Curiosamente, os europeus, que recusavam essas condições, buscavam seus direitos e almejavam vir para a América para se tornarem proprietários de terra, não eram submetidos aos mesmos adjetivos. Esses registros históricos evidenciam o

viés daqueles que detinham o poder na época, fornecendo insights para a compreensão das diversas políticas implementadas no país.

Nesse cenário, podemos entender um pouco as características da região em que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias iria começar a se instalar no Brasil. A receptividade que a igreja teve nessa região pode ter sua origem nessa composição social do interior do sul brasileiro. Além da questão racial, abordada anteriormente, essas pessoas que não se adequavam ao padrão que estava sendo construído pela nova elite regional se sentiam à margem da sociedade. A princípio, esse foi o público-alvo dos missionários que chegariam à região. Em diversos relatos, feitos pelos próprios missionários do período, aparece a afirmação de que os mais pobres eram mais abertos a escutar a mensagem que eles buscavam compartilhar. Então além do recorte racial (europeus), de classe (mais pobres) outra característica da maioria dos primeiros conversos era o gênero, feminino.

Essas mulheres que estavam presentes, e eram maioria, no princípio da instituição no Brasil desempenharam papéis importantes tanto de maneira oficial como de maneira autônoma. Algumas delas serão apresentadas no próximo capítulo.

3 TRAJETÓRIAS DE MULHERES 'MÓRMONS' PIONEIRAS

[...] libertar-se de categorias abstratas e de idealidades universais como 'a condição feminina' [que] é uma preocupação que decididamente enfatiza o interesse em desconstruir valores ideológicos e em perseguir trilhas do conhecimento histórico concreto que, reduzindo o espaço e o tempo a conjunturas restritas e específicas, permitem ao estudioso a redescoberta de papéis informais, de situações inéditas e atípicas, que justamente permitem a reconstituição de processos sociais fora do seu enquadramento estritamente normativo (Dias, 1992, p. 39).

Ao analisar a obra de ficção “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”, escrita por José Saramago, destaca-se a atenção voltada à descrição do relacionamento entre José e Maria no início do livro, bem como à maneira como o autor aborda os costumes da época dentro desse contexto conjugal. É recorrente, para os habitantes do século XXI, imersos em uma era marcada não apenas por avanços tecnológicos, mas também por transformações nas relações sociais, que, ao estudar e ler sobre períodos históricos remotos, emitam julgamentos à luz de suas próprias construções sociais contemporâneas. Entretanto, ao abordar um texto redigido há mais de dois mil anos, que serviu de base para a narrativa ficcional de Saramago, é imperativo que se leve em consideração a necessidade do autor de se aprofundar na compreensão do cotidiano daquela época e localidade específicas. A postura de um pesquisador ou pesquisadora, mesmo de alguém interessado na história, requer essa diligência, levantando questões como: Qual período está sendo estudado? Qual é o contexto global? Em que região do mundo isso se desenrola e quais são os costumes característicos desse local naquele período?

3.1 O panorama político do Brasil no início do século XX

No cenário brasileiro dos primeiros anos do século XX, uma complexidade substancial se delineava. Em seus primórdios na década de 1900, o Brasil ainda carregava consigo resquícios do século anterior, mantendo-se como uma nação marcada pelo sistema escravocrata, cuja economia centrava-se predominantemente

na exportação de matérias-primas. As sequelas de questões como dívidas externas, a Guerra da Cisplatina, revoltas locais e a concentração de terras em poucas mãos, herdadas do período monárquico, resultaram em um prolongado período de instabilidade econômica e política.

Todavia, ao final do século XIX, eventos como o término da escravidão - pressionado pela Inglaterra em prol da expansão do mercado consumidor interno -, o estímulo à imigração europeia, o início do cultivo do café, uma relativa estabilidade política e o redirecionamento de investimentos anteriormente destinados ao tráfico de escravizados culminaram em um crescimento significativo do Produto Interno Bruto (PIB) e da economia brasileira. Nos primeiros anos do século XX, o café destacava-se como o produto crucial na economia nacional, exercendo sua influência também no cenário político por meio da “política do café com leite”. Setores como a extração de borracha e as indústrias também prosperaram nesse período.

Entretanto, a proeminência do café gerou um dilema quando a Bolsa de Valores de Nova Iorque colapsou em 1929, resultando na diminuição da demanda por parte dos Estados Unidos, um dos principais compradores do produto brasileiro. Essa crise teve repercussões no Brasil, contribuindo para o surgimento da Revolução de 1930 e o declínio da chamada Primeira República. Auguste chegou ao Brasil durante o período conhecido como República Oligárquica (1894-1930) ou “café com leite”, sendo que, em 1923, ano da chegada da família Lippelt ao país, o presidente em exercício era Arthur Bernardes.

Após um intenso período de polarização social, caracterizado pelo embate entre os apoiadores militares e a elite política, que alternava o poder entre as elites paulista e mineira, Arthur Bernardes, integrante desse sistema político “café com leite”, concorreu à presidência da República enfrentando a resistência militar que respaldou Nilo Peçanha. A vitória de Bernardes, contudo, transcorreu em um clima de polarização, marcado por vazamentos de cartas na imprensa, supostamente redigidas pelo presidente eleito e desfavorecendo figuras proeminentes do exército, como Hermes da Fonseca, ex-presidente da República, além de acusações de fraudes eleitorais, contribuindo para um ambiente tenso no país. Posteriormente, foi constatado que tais cartas eram falsas, mas tal revelação só ocorreu algum tempo depois.

Ademais, antes de Arthur Bernardes assumir a presidência, foi declarado estado de sítio em decorrência da Revolução Tenentista de Copacabana (1922), resultando na suspensão dos direitos constitucionais, medida que perdurou até o término de seu governo. No ano da chegada dos Lippelt ao Brasil, a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul teve início, mobilizando militares e outros estratos sociais na tentativa de “libertar” o governo de um governador que se mantinha no poder, utilizando mecanismos antidemocráticos, conforme alegavam. Após quase dez meses de conflitos e a perda de mais de mil vidas, a intervenção do presidente da República levou a uma trégua com concessões de ambos os lados.

No ano subsequente, em 1924, uma nova Revolta Tenentista eclodiu em São Paulo. Durante três semanas, a capital do estado foi ocupada por militares que visavam depor o presidente do país, então considerado inimigo número um pela hierarquia militar. Apesar de alguma organização, a revolta apresentou falhas, como a falta de corte nas comunicações, o que permitiu rápida mobilização da capital nacional para combater os rebeldes. Este episódio, marcado por um bombardeio ordenado por Artur Bernardes que resultou em mortes, inclusive civis, foi considerado desastroso por muitos historiadores. Após o início das negociações, um grupo de rebeldes fugiu para o Paraná, unindo-se em 1925 a um grupo insatisfeito com os resultados das negociações pós-revolução de 1923 no Rio Grande do Sul.

A partir de 1923, teve início o movimento conhecido como Coluna Prestes, como registrado na época. Essa peregrinação pelos quartéis do Rio Grande do Sul, após diversos conflitos, culminou, em dezembro de 1924, na ordem para que os apoiadores de Prestes marchassem para o norte e se unissem aos rebeldes paulistas em Guaíra. Após desertos e batalhas no caminho, a Coluna chegou ao Paraná em 1925, onde, após uma reunião envolvendo o tenente Prestes, o major Miguel Costa e os generais Isidoro e Bernardo Padilha, decidiram seguir em direção ao Mato Grosso. O propósito desse movimento, conforme indicam os registros, era difundir pensamentos revolucionários pelo interior do Brasil, conscientizando a população sobre a exploração pela elite detentora do poder. Ao longo de dois anos, a Coluna Prestes percorreu o interior do país, enfrentando resistências e batalhas, mas acabou por se configurar como uma utopia inalcançada, levando seus líderes a saírem do país. A maioria deles retornou somente em 1930, ano em que alguns deles

ingressaram na política, apoiando o então presidente Getúlio Vargas. Entretanto, Luís Carlos Prestes não retornou, e durante seu exílio na Bolívia, aproximou-se do marxismo, iniciando uma nova luta e propagação de seus ideais comunistas.

A Revolução de 1930, também conhecida como Golpe de 1930, marcou um ponto crucial na história brasileira, alterando o curso dos eventos políticos que vinham se desenrolando, com o revezamento entre as oligarquias mineira e paulista. Embora Júlio Prestes tenha vencido as eleições presidenciais em 1930, tal vitória não foi reconhecida por um grupo composto principalmente por militares e por aqueles que haviam fugido nas revoltas anteriores, alegando fraude eleitoral. Quem assumiu o poder foi o candidato Getúlio Vargas, que chegou ao Rio de Janeiro acompanhado de muitos apoiadores, alguns dos quais viajaram a cavalo do Sul até o Rio de Janeiro, percorrendo cerca de 1500 km. Ao chegar à capital nacional, Getúlio fez uma entrada triunfal no palácio do governo. Dessa forma, é possível ter uma visão abrangente do período pesquisado, compreendendo toda a instabilidade e as disputas pelo poder que ocorriam no Brasil. Importa também compreender o que posteriormente ocasionará a mudança na aceitação da língua alemã dentro do país. Alguns anos após esses eventos, a necessidade de combater o nazismo e a suspeita do uso da língua para articular ações em outros países levaram à obrigatoriedade da tradução das escrituras para o português, tema que será abordado no próximo tópico.

Este episódio de 1930 é descrito nos registros da Missão Sul-Americana¹⁹, ocupando integralmente o espaço do dia 3 de outubro de 1930. Nessa ocasião, o presidente da missão, Reinhold Stoof, estava tentando retornar do Brasil para Buenos Aires. Segundo o registro (p. 121), uma revolução eclodiu no Rio Grande do Sul, liderada pelo Dr. Oswaldo Aranha, devido à não aceitação da vitória de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais, pois ele teria a maioria dos votos. Essa informação é controversa, pois não existem provas ou documentação sobre esse acontecimento.

¹⁹ No período existia apenas uma missão em toda América do Sul que organizava para onde os missionários iriam e o trabalho que realizavam dentro do continente. As missões são responsáveis pelo trabalho de proselitismo. Tudo isso era registrado em livros que recebiam os relatos de cada região onde os missionários estavam e mais tarde todos eles foram reunidos, compilados e datilografados.

Figura 4: Trecho do Registro da Missão Sul-americana

Oct. 3 - A revolution broke out in Porto Alegre, State of Rio Grande do Sul in Brazil. Before that date the revolutionists, under the leadership of Dr. Oswaldo Aranha, had secured the support of military leaders of the whole country, of the police chiefs who were members of the "Liberal Allianz", of journalists, etc. The cause of the revolution was the Federal Government's non-recognition of the election of Dr. Getulio Vargas who gained the majority of votes in the election for the presidency. Protests were ignored even by the Congress. After having been fruitless all manifestations and interpellations, dissatisfaction caused the revolution. In support of the garrison of Porto Alegre, the troops in the States of Minas Geraes and Parahyba joined the revolution. The other states, in a short time, were gradually occupied by the revolutionists who showed good discipline and who were received with enthusiasm by the population in nearly all the cities. At last, the large cities, Sao Paulo and the Capital, joined the

Disponível no Registro da Missão Sul-americana, p. 121.

Ainda segundo o registro os protestos foram ignorados pelo congresso, desencadeando a revolução, com as tropas de Minas Gerais e Paraíba unindo-se às de Porto Alegre, e gradualmente, outras cidades foram sendo ocupadas pelos revolucionários, sendo recebidos com entusiasmo, conforme a narrativa registrada pela missão da igreja. O período foi caracterizado pela dificuldade de deslocamento entre as cidades, prolongando a permanência do Presidente e da Sister Stoof no Brasil para 36 dias, ao invés dos 18 inicialmente planejados, devido à Revolução. Alguns missionários, que desejavam retornar de Rio Preto para Joinville, também enfrentaram obstáculos, mas conseguiram vagas em um trem ocupado pelos revolucionários em 20 de outubro de 1930, que, segundo o relato, os trataram de maneira hospitaleira, evidenciando a visão positiva sobre esse evento e seus participantes.

Figura 5: Trecho do Registro da Missão Sul-americana

Oct. 20 - The Elders in Rio Preto were unable to return to Joinville after the outbreak of the revolution, but on the 20th of October they took advantage of an opportunity of boarding a train occupied by revolutionists who treated them very well. They reached their destination after a journey of five days.

Oct. 30 - After many difficulties, Brother Reinhold Stoof and his wife returned to Buenos Aires, being away 36 days instead of 18 days as was originally planned.

Disponível no Registro da Missão Sul-americana, p. 122.

Essa visão otimista em relação a Revolução de 30 é algo subjetivo e que, provavelmente, refletia a opinião do autor do relato e do ciclo social onde ele estava inserido. No âmbito institucional não existe nenhum registro de benefício adquirido após a Revolução. Como eles estavam trabalhando nesse período no Sul do Brasil,

que foi onde se originou esse movimento, é possível que seja um reflexo do que viam nas ruas das cidades por onde circulavam.

3.2 Os Lippelt

A protagonista e inspiração inicial de minha pesquisa, Auguste Kuhlmann Lippelt, residia na Alemanha com sua família. A situação desse país no início do século XX é amplamente conhecida e é um dos temas frequentemente abordados nas aulas de história, com inúmeros livros, artigos, filmes, séries e pesquisas disponíveis. A Segunda Guerra Mundial tem recebido mais atenção do público em geral do que a Primeira Guerra Mundial, o que, por vezes, leva a uma confusão entre os estudantes sobre as causas da Grande Guerra, atualmente conhecida como Primeira Guerra Mundial.

A família de Auguste Lippelt estava vivendo na Alemanha pós-Primeira Guerra, enfrentando um cenário de devastação, desemprego, fome, altos impostos e concentração de terras nas mãos de poucos. A autoestima do povo alemão foi prejudicada pelo Tratado de Versalhes, que culpou a Alemanha pelo conflito, impondo reparações e restrições. Diante dessas dificuldades, muitos alemães migraram para o Brasil em busca de terras e auxílio financeiro.

A Família Lippelt vivia em Bremen, Alemanha. O pai, Robert Lippelt, era pintor e professor de dança e música, enquanto a mãe, Auguste Kuhlmann Lippelt, era dona de casa e demonstrava uma grande fé cristã. Após a morte de um dos filhos e uma mudança de hábitos na família, Auguste e alguns dos filhos foram batizados na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A autorização do marido era necessária na época, e embora Robert Henrich Lippelt não tenha se convertido, a família enfrentou desafios devido à aversão dele a religiões. Ele, Robert Henrich Lippelt, não quis ser batizado e não simpatizava com nenhuma religião. Com o passar do tempo, membros de outras religiões que sabiam da aversão do patriarca da família às religiões traziam informações negativas sobre a igreja e isso fez com que ele proibisse a família de ir às reuniões por um período. Mesmo proibida temporariamente de frequentar reuniões, a firmeza de Auguste em suas crenças permaneceu, continuando a ensinar seus filhos sobre o evangelho.

Figura 6: Família Lippelt por volta de 1930. Georgine é a de vestido claro florido a esquerda da foto



Disponível em: https://www.familysearch.org/photos/artifacts/12456672?cid=mem_copy

O patriarca da família resolveu emigrar para a América, inicialmente para a região do Texas e posteriormente para o México. Tendo conhecimento da presença de membros da Igreja nessas localidades, e após aconselhamento de amigos, decidiu seguir para o Brasil, atraído pela percepção de que era uma região economicamente acessível e próspera, com colônias alemãs e sem estabelecimento da religião “mórmon”. A decisão de deixar a Alemanha ocorreu em um período de pobreza generalizada no país, especialmente após a Primeira Guerra Mundial. É amplamente reconhecido que as punições impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes contribuíram para o cenário que eventualmente levou à Segunda Guerra Mundial, fortalecendo discursos nacionalistas extremistas na Alemanha.

A região para a qual a família de Auguste se dirigiu ao chegar no Brasil era conhecida como Colônia Dona Francisca, referência à princesa Francisca Carolina. Embora outros grupos étnicos também tenham povoado a região, a presença e os costumes alemães predominavam, moldando a identidade local. É importante destacar que, apesar da propaganda de auxílio e liberdade, a elite local buscava mão de obra mais barata para dominar as terras da região.

Figura 7: Auguste Kuhlmann Lippelt



Disponível em: https://www.familysearch.org/photos/artifacts/3176413?cid=mem_copy

Auguste Kuhlmann Lippelt nasceu em 5 de março de 1880, em Bremen, Alemanha. Embora não haja informações disponíveis sobre seus pais, registros fornecidos por sua filha oferecem vislumbres sobre sua história. Casou-se na Alemanha em 1903, aos 23 anos, e em 1923 emigrou para o Brasil. Em 1918, na Alemanha, o movimento feminino ganhava força, concedendo o direito de voto às mulheres acima de trinta anos. Contudo, não há registros indicando que Auguste tinha conhecimento ou envolvimento com esse movimento. Ao deixarem a Alemanha, a família levou consigo apenas utensílios básicos e roupas, deixando a maior parte de seus pertences para trás.

A viagem da família Lippelt para o Brasil ocorreu a bordo do navio denominado Madeira, demandando aproximadamente trinta dias de travessia marítima. Após desembarcarem no Brasil, em 1923, realizaram a primeira parada no Rio de Janeiro, contudo, o patriarca da família não se agradou da cidade, direcionando-os, então,

para Porto Alegre, onde permaneceram por oito meses. A decisão de mover a família de sua cidade de residência, segundo o registro da filha mais nova, Georgine, visava afastá-los da religião que o patriarca repudiava, além de perseguir o sonho de se tornar proprietário de terras, reflete aspectos patriarcais da sociedade desse período.

Figura 8: Comprovante da passagem Alemanha/Brasil 21 de setembro de 1923

Handwritten: 23/20

FIGURA 2

Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft,
 Gesellschaft & Hamburg &.

3 Stellen der Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft mit dem unterzeichneten Namen (als Passagier oder Besatzungsmitglied) in der ...

Die Beförderung sowie Unterbringung für die Fahrt nach ... am ... in ...

MADEIRA

bei ...

Nr.	Nachname	Vorname	Alter	Wohnort	Wohnort	Wohnort	Wohnort	Wohnort	Wohnort
1	Robert	Ruppold	34	Brasil	Bremen	Bremen	Brasil		
2	Auguste		37						
3	Edmund		11	Brasil					
4	Emil		9						
5	Auguste		12						
6	Antonie		12						
7	Georg		11						
8	Georgine		9						

COMPROVANTE DA PASSAGEM DA ALEMANHA AO BRASIL EM 21 SETEMBRO 1923

Disponível em: BLIND, Georgina. *Stories of my life. Resume of Historical Stories of events that happened in my life.* Ipoméia, 1989.

Durante a estadia em Porto Alegre, Robert e seu filho mais velho saíam para trabalhar, deixando a responsabilidade da família, incluindo a matriarca e um filho de 9 anos, encarregado de todas as tarefas domésticas. Nesse período, alguns membros da família adoeceram, culminando quase na morte de um dos filhos, cuja recuperação foi considerada um milagre pela família. Durante o período de internação, conforme relato de Georgine, o pai, ao retornar e encontrar o filho doente, chegou a demonstrar certa fé na recuperação milagrosa. Entretanto, uma vez que o filho se restabeleceu e algum tempo transcorreu desde o episódio, a religiosidade foi novamente deixada de lado.

Apesar da persistência da concepção vigente na sociedade de que as mulheres deveriam permanecer nos espaços privados, Auguste desafia essa

estrutura ao não se submeter integralmente aos desejos do marido, inserindo-se no mundo exterior e exercendo influência sobre aqueles ao seu redor. Ela usa mecanismos para sobrepujar os desafios que caíam sobre ela devido sua condição de mulher nessa localidade, sendo um desses desafios o isolamento.

As mulheres que permaneceram isoladas nas colônias – muitas das quais escolheu os maridos ou os pais, e não por vontade própria [...] principalmente quando tem certa cultura e quando lhes falta o contato social com as famílias vizinhas. Estas mulheres sofrem profundamente com a solidão na floresta [...] (Alencastro; Renaux, 1997, p. 326).

Auguste Kuhlmann Lippelt recorria ao proselitismo religioso como uma estratégia para mitigar a solidão que enfrentava. Constantemente compartilhava os ensinamentos do evangelho com conhecidos e vizinhos, os quais, gradualmente, se interessavam pelas mensagens que ela disseminava. Inicialmente, residiam em uma cidade onde havia interação com outras pessoas, e apesar das dificuldades linguísticas do português, alguns habitantes falavam alemão na localidade. Isso provocou desconforto em seu marido, motivando a mudança da família para o interior do estado, especificamente para Cruz Machado, uma área remota no meio da floresta, situada ao longo da linha ferroviária que conecta o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

A viagem era realizada por meio da estrada de ferro, e durante o trajeto no trem, encontraram um homem chamado Christiano Blind, que informou sobre a baixa fertilidade da terra em Cruz Machado. Recomendou que a família se estabelecesse próximo a um local chamado Rio das Antas, cerca de 12 km da estação de trem. As bagagens volumosas foram transportadas de barco pelo rio do Peixe, enquanto o restante foi carregado em mochilas nas costas. Relatos de missionários que visitaram a residência da família Lippelt na região indicam que a casa era simples, com parte do solo coberta de terra batida e uma placa no exterior que dizia “Casa am Welt Ende”, uma fusão de português e alemão que se traduz para “casa do fim do mundo”. Inicialmente, o acesso era possível apenas a pé ou a cavalo. Segundo a biografia de

Georgine, filha mais nova da família, na Alemanha possuíam uma casa de dois pavimentos, evidenciando a significativa mudança na vida familiar.

Através da autobiografia de Georgine Lippelt Blind, temos conhecimento de que eles chegaram a Rio Preto, atualmente conhecida como Ipoméia, no outono de 1924. Durante esse período inicial, habitavam tendas e subsistiam de frutas e pinhões. Após a construção da primeira casa, feita de madeira e pedras locais, o pai passava semanas viajando para trabalhar próximo à linha do trem. A concepção de ser um pioneiro desbravador foi apreciada pelo patriarca da família Lippelt, que se tornou uma das primeiras famílias a estabelecer-se naquela região. No entanto, tal empreendimento não foi simples para Auguste. Sua filha relata que,

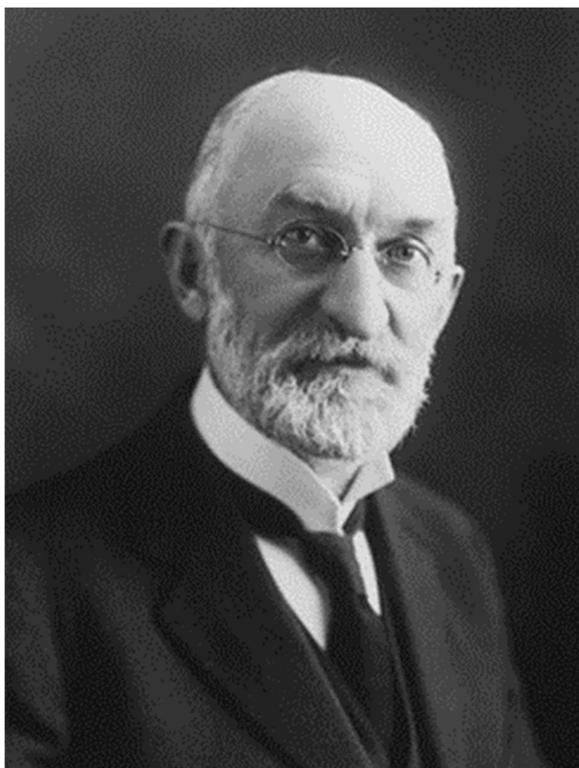
nós, crianças, éramos felizes na floresta, nós podíamos brincar e gritar. Entretanto, não foi fácil para nossa mãe. Ela era uma mulher da cidade, sempre teve empregada e todo conforto de uma casa. E agora ela estava em uma floresta, com uma vida na selva e com um marido que ficava fora de casa grande parte do tempo²⁰ (Georgina Lippelt Blind, *Historical stories of my life*, p. 11).

A região de Rio Preto, devido à sua fertilidade, atraiu rapidamente outras famílias, originando assim a formação de um vilarejo. Durante as ausências de seu marido, Auguste promovia reuniões bíblicas e compartilhava os ensinamentos do evangelho. Notavelmente, o patriarca da família Lippelt foi o único membro que não se submeteu ao batismo na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nesse ínterim, Auguste, buscou meios de entrar em contato com a liderança da igreja. No relato de sua filha diz que ela estava munida do endereço do escritório da igreja nos Estados Unidos, obtido por meio da revista *Der Stern* (A Estrela) que trouxe da Alemanha, outros relatos afirmam que ela escreveu a amigos na igreja para conseguir esse endereço. Porém, todos eles afirmam que ela entrou em contato com o então presidente, Heber J. Grant, solicitando materiais para instruir seus filhos e o envio de

²⁰ Tradução livre feita por Clara Varjão Schettini. Original em inglês.

missionários. A resposta indicou que ela entrasse em contato com a Missão Sul Americana, sediada em Buenos Aires, Argentina, sob a presidência de Reinhold Stoof.

Figura 9: Heber J. Grant: Sétimo Presidente da Igreja



Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/manual/presidents-of-the-church-student-manual/chapter-7-heber-j-grant-seventh-president-of-the-church?lang=por>

O cenário religioso da região, especialmente em Joinville, estava consolidado com as figuras do pastor luterano Hans Muller e do adventista Mr. Kaltenhaeuser. Um dos pastores, não identificado no relato, visitou a região de Rio Preto e, ao tomar conhecimento da presença de uma família “mórmon”, iniciou uma campanha discriminatória contra o grupo. Isso incluiu instruir alguns jovens a atacar a família. A estimativa de membro de cada religião no Brasil em 1940, alguns anos depois da chegada dos Lippelt em Rio Preto, quando a população nacional era de aproximadamente 41.236.588 pessoas era a seguinte:

Figura 10: J. A. Camacho, *Brazil London: Royal Institute of International Affair*

Catholics	39, 177, 880
Protestants	1, 074, 857
Spiritualists	463, 400
Buddhists	123, 353
Jews	55, 666
Orthodox	37, 953
Mohammedans	3, 053
Shintoists	2, 358
Positivists	1, 099
Others: none and undeclared	296, 969

Disponível em: Peterson, 1961, p. 76

Cabe destacar que a religião dos Lippelt não contava com um representante oficial na localidade, e o pai da família, que trabalhava a certa distância de casa, passava dias afastado. Uma situação descrita por Georgine revela a resistência dos líderes religiosos locais à nova expressão religiosa introduzida por Auguste na região. Durante a infância, Georgine e seu irmão foram detidos por policiais locais, acusados injustamente de manterem um relacionamento amoroso. Após perceberem a inocência das crianças e a falta de fundamentos na denúncia, os policiais os liberaram. Posteriormente, a mãe recebeu a visita do chefe de polícia, que a aconselhou a esquecer o incidente e afirmou que a denúncia partiu do pastor local. Havia uma estereotipação de sua religião e junto a isso intolerância religiosa por parte do líder local.

3.2.1 Georgine Luise Lippelt Blind

A maior parte das informações acerca da família Lippelt provém de dois relatos elaborados pela sétima e última filha da família, Georgine. Seu nascimento ocorreu em 7 de novembro de 1914, na cidade de Bremen, Alemanha. Georgine chegou no Brasil aos nove anos de idade, já tendo sido batizada na Alemanha em 19 de abril de 1923. Desde tenra idade, assumiu responsabilidades significativas no seio familiar. Em um episódio em Porto Alegre, quando seu irmão estava hospitalizado e seus pais estavam ausentes devido ao trabalho, Georgine, mesmo jovem, tornou-se a

responsável por visitar diariamente seu irmão doente. Ela enfatiza ter sempre possuído uma mente forte, disposição e coragem para o trabalho.

Figura 11: Georgine Lippelt



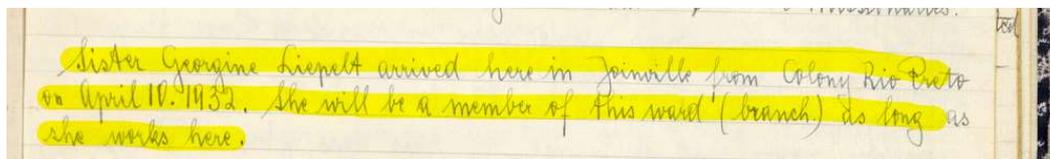
Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/3176151>

Aos 15 anos, Georgine tomou a decisão de se mudar para Joinville, uma cidade de maior porte e onde a presença da igreja era mais notória, com o objetivo de trabalhar e residir no local. Apesar do apoio materno, seu pai manifestou-se contrário à decisão, afirmando que não daria auxílio financeiro para a passagem de trem, na esperança de desencorajar a filha. Contudo, Georgine conseguiu um dinheiro emprestado com um dos missionários e partiu para residir em Joinville, em seu registro ela não fala que fugiu, apesar das dificuldades que enfrentou ao chegar à Joinville por falta de apoio financeiro do pai, ela não fala nada sobre uma proibição.

Ao chegar na cidade, perto das 10 da noite, já estava sem dinheiro e dormiu no jardim de um hospital, debaixo de uma palmeira. Ela recebeu ajuda de membros da igreja, como a família Otto, e conseguiu um emprego que só permitia ela ir à igreja a cada duas semanas. Incomodada com essa situação continuou procurando até que

conseguiu um emprego em uma casa de família que permitia que ela frequentasse todos os domingos, onde ela trabalhou até o casamento.

Figura 12: Registro manuscrito original dos missionários no Brasil



Disponível no Registro manuscrito original dos missionários no Brasil, p. 211.

Georgine casou-se com Heinrich Blind, que ela havia conhecido quando sua família estava indo de trem para Rio Preto. Ao ser pedida em casamento, ela colocou a condição dele se batizar na igreja, o que ele aceitou. Eles foram morar em Ipoméia/Rio Preto, onde adquiriram um pedaço de terra que usavam para plantar e criar animais. Tiveram sete filhos e ajudaram a criar oito sobrinhos e sobrinhas. Eles moravam a oito quilômetros da capela e Heinrich chegou a ser presidente do ramo²¹.

Graças a dedicação de Georgine, sua posição de enfrentar padrões do lugar da mulher, sair para trabalhar, decidir onde morar, que igreja frequentar e com quem se casar, temos acesso a grande parte da história que conhecemos sobre a chegada dos Lippelt no Brasil. Tudo isso é fruto do trabalho de registro e divulgação feito por Georgine. Ela escreveu uma biografia em inglês, tinha um caderno com anotações em português, e falava sobre isso para seus descendentes. Um dos seus filhos escreveu e publicou um livro que conta parte da história da igreja em Ipoméia (que antigamente se chamava Rio Preto).

Certamente o exemplo da mãe, ao resistir ao controle do marido em relação a sua religiosidade, fez com que Georgine tivesse a coragem de pedir o dinheiro para comprar sua escritura, decidir ir morar em uma cidade maior onde poderia frequentar a igreja, desafiar o homem que pediu ela em casamento a se batizar para que o matrimônio acontecesse, entre outras coisas que ela fez ao longo de sua vida.

²¹ Corresponde a uma ala, com um número menor de membros e portadores do sacerdócio.

Figura 13: Família Lippelt Blind



Disponível em: https://www.familysearch.org/photos/artifacts/136073488?cid=mem_copy

O poder patriarcal, que é um poder presente na maioria das religiões cristãs, limita a liberdade de decisão das mulheres e apaga sua presença nos registros do estabelecimento e desenvolvimento das instituições. Ao ter acesso a história que era contada até o começo do século XXI sobre a maioria das religiões cristãs poderíamos afirmar o mesmo que Gerda Lerner falou em uma entrevista (1993) “nas minhas disciplinas, os professores me falavam de um mundo em que ostensivamente a metade da raça humana faz tudo o que é importante e a outra metade não existe”.

Essa sensação de inexistência das mulheres é sentida em muitos momentos até os dias atuais, ao estudar a história elas mal aparecem e os autores estudados, em sua maioria, são homens. Georgine escreveu sua própria história, passou para as outras gerações, entretanto, o artigo publicado na revista oficial da igreja narrando parte da vida da família Lippelt foi a escrita pelo seu irmão George. Pela narrativa de Geogine, ela e o irmão eram bem próximos, e no próprio artigo publicado ele demonstra isso. Mas sua história nunca chegou a ser publicada.

Figura 14: Georgina Lippelt Blind



Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/3095712>

Sua vida foi dedicada ao serviço familiar, além dos filhos e da casa, ela cuidou de parentes, irmãos doentes, do próprio pai, cunhado e marido. Ela também serviu como missionária no templo²² de São Paulo por duas vezes quando já era viúva. Essa missão é feita normalmente quando a pessoa é mais velha, aposentada, e trabalha voluntariamente no templo para que as reuniões e ordenanças feitas lá aconteçam. Georgine faleceu em 3 de agosto de 2002 aos 88 anos de idade.

3.2.2 Robert Friderich Heinrich Lippelt

Georgine narra em sua autobiografia que, aproximadamente duas décadas após o falecimento da mãe, seu pai, já idoso, residia em São Paulo com seus dois irmãos mais velhos, Heinrich e Eduard, os quais haviam se distanciado da igreja. Possivelmente, devido a relação de repressão e violência durante a infância e adolescência, e a resistência de Georgine em aceitar as ordens do pai, havia um distanciamento entre os dois, nada disso é explicitado no relato dela. O que ela deixa claro é que a precariedade de vida e a escassez de recursos nesse ambiente, onde o

²² Os templos dos santos dos últimos dias são considerados casas de Deus, um lugar de santidade e paz, separado das preocupações do mundo. Os templos fornecem um local onde os membros da Igreja fazem promessas solenes e assumem compromissos com Deus. Eles também são o local onde os mais sublimes sacramentos de fé ocorrem — o casamento de casais e o “selamento” de famílias para toda eternidade. Disponível em: <<https://noticias-br.aigrejadejesuscristo.org/artigo/templos>>. Acesso em: 02/01/2024.

pai vivia com os irmãos, preocupavam Georgine, a caçula da família. Nesse período, seu pai passou pelos primeiros sintomas de um derrame cerebral, levando Georgine a decidir que seria mais adequado transferi-lo para residir em Santa Catarina, onde ela morava, para que ele recebesse os cuidados necessários.

Figura 15: Robert H. Lippelt (sentado) – Após seu batismo - Ipoméia



Disponível em: BLIND, Henrique João. Ipoméia: Parte da história da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Brasil. Videira: Êxito, 2012, p. 76.

Apesar das circunstâncias, Georgine manteve-se ativa na igreja, e seu pai, ao notar um livro de Mórmon em uma mesinha na casa da filha, expressou o desejo de seguir o mesmo destino que Auguste, sua falecida esposa. Não sabemos o que conduziu ele para essa resolução, se o derrame mudou seu comportamento em relação a religião, já que encontramos estudos e relatos de mudança de personalidade e comportamento em pessoas após episódios de derrame cerebral. Ou se a consciência da proximidade da morte fez com que esse homem repensasse alguns de seus comportamentos violentos ao longo da vida em relação às mulheres da

família, especialmente sua esposa. Independente da razão, algum tempo depois desse episódio, ele optou por se tornar membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aos 84 anos. Georgine conta que o pai frequentou a igreja até os 86 anos, idade em que veio a falecer. Sua conversão, segundo relato da filha, foi considerada um verdadeiro milagre no âmbito familiar.

3.3 Início oficial no Brasil

Figura 16: Família Stoof, 1934



Disponível em: https://www.familysearch.org/photos/artifacts/135068852?cid=mem_copy

O presidente Reinhold Stoof, de origem alemã, mantinha uma relação prévia com a família Lippelt desde seus tempos na igreja na Alemanha. Auguste enviou a carta ao escritório da missão e continuou a realizar reuniões para o estudo das escrituras, convidando os vizinhos a participar das discussões sobre o evangelho. A ausência frequente de seu marido, decorrente de suas atividades laborais distantes, facilitava sua liberdade para estudo e pregação do evangelho. Em 1927, Reinhold Stoof organizou uma viagem ao Brasil para explorar oportunidades missionárias. Inicialmente, visitou São Paulo, uma das maiores cidades do país, para avaliar a viabilidade do trabalho missionário nessa localidade. Posteriormente, dirigiu-se a

Joinville, a maior cidade próxima à região onde Auguste residia e com expressiva presença de imigrantes alemães.

A falta de tradução dos livros da igreja para o português, aliada ao fato de que a maioria dos missionários, incluindo o presidente da missão, eram alemães, levou-os a concentrar seus esforços nas colônias alemãs no Brasil. Em setembro de 1928, os primeiros missionários, os élderes William Fred Heinz e Emil Anton Joseph Schindler, acompanhados pelo presidente da missão, deslocaram-se para Joinville, uma cidade com cerca de 12 mil habitantes, com o objetivo de iniciar o trabalho missionário entre os imigrantes alemães na região.

Após o retorno do presidente a Buenos Aires, em 26 de setembro de 1928, o pastor adventista Mr. Kaltenhaeuser atacou a igreja durante uma palestra, utilizando “todas as velhas mentiras” (South American Mission, 1928, p. 86). Simultaneamente, o pastor luterano Hans Mueller publicou, em 1º de outubro, um artigo contrário à igreja em um jornal evangélico de Joinville. Os missionários enviaram um Livro de Mórmon ao pastor para, segundo eles, melhor informação, e apesar dos ataques, a frequência nas reuniões dominicais aumentava semanalmente. Durante uma visita do presidente Stoof, em 1930, Mr. Karl Kaltenhaeuser proferiu novas acusações, publicadas no jornal Kolonie-Zeitung, resultando em uma palestra realizada em 29 de julho em um teatro local, que contou com a presença de cerca de 450 pessoas.

Figura 17: Panfleto de uma palestra no teatro Guarani



Palestra para apresentar a igreja à população de Joinville, 21 de setembro de 1928, disponível em: Registro manuscrito original missionários brasileiros p. 8.

O relato, feito pela Georgine, sobre o contato de Auguste com o presidente Stoof existe, no entanto, a carta correspondente não foi localizada nos arquivos da missão ou do escritório central da igreja. Além do relato de Georgine, o registro da missão não faz menção a essa correspondência. O que consta nos registros da missão é que o Presidente Stoof tinha conhecimento da presença dessa família em Rio Preto. George Franz Lippelt, filho de Auguste, escreve um artigo onde afirma que trocava correspondências com amigos da igreja na Alemanha junto com sua irmã, Geogine, e credita o fato de os missionários terem encontrado sua família ao então presidente do ramo em Bremen, irmão Demmel.

Em 1º de agosto de 1930, há um registro indicando que o presidente partiu de Joinville para visitar uma família de membros da igreja que emigraram da Alemanha oito anos antes e residiam no interior do estado de Santa Catarina, nas florestas virgens da vila de Rio Preto (p. 120). Não há informações sobre como o presidente obteve esse conhecimento, mas, de acordo com o relato de Georgine, pouco tempo

após o envio da carta, o presidente Stoof visitou a família. George afirma que quando os dois, ele e Georgine, estavam indo para o rio das Antas encontraram um estranho na rua, ele era o presidente Stoof.

A localidade de Rio Preto apresentava dificuldades de acesso, conforme mencionado no diário da missão, indicando que a vila se situava nas montanhas, com a principal via de acesso sendo o rio das Antas, a certa distância de Joinville. Após alguns anos (não é possível precisar o intervalo, pois o ano de envio da carta não está registrado), o presidente Stoof dirigiu-se à região onde Auguste residia. De acordo com a biografia escrita por Georgine, durante essa visita, foi realizada uma reunião na casa deles, coincidindo felizmente com a ausência do patriarca da família. O registro da missão sul-americana confirma essa visita e informa que, nessa ocasião, foram conduzidas três reuniões em torno do dia 4 de agosto de 1930, uma das quais contou com a participação de 35 pessoas. Ao tomar conhecimento da presença dos missionários na região, Robert Lippelt expressou sua insatisfação, mantendo sua postura contrária a qualquer religião ao longo da vida de sua esposa, conforme relatado por Georgine. A reação do patriarca ao descobrir a presença dos missionários na região foi:

Quando meu pai soube que tinham missionários em Ipomeia ele ficou furioso com minha mãe. Ele quis saber como isso tinha acontecido e ela explicou tudo. Nosso pai quis queimar todos os livros da igreja. Nós precisamos esconder eles para que em sua ausência pudéssemos lê-los (Blind, 1989).

Herr Lippelt fremira de fúria ao saber das novas: 'Então, saímos da Alemanha e deixamos de ir para o Texas por causa desta seita, e agora ela vem atrás de nós!' (Lippelt, 1968, p. 59).

Figura 18: *Auguste Kuhlmann Adulta*



Disponível em: Church history catalog

Depois dessa visita no mês de agosto, missionários foram enviados para Rio Preto em 23 de setembro de 1930, nessa ocasião eles ficariam na casa da família Lippelt, e chegaram a fazer uma reunião sacramental na casa da família. Entretanto, as reuniões foram feitas, no dia 28, na casa de outra pessoa, Herrn Rheinhold Gustav Burghadt, e isso se repetia algumas outras vezes, possivelmente isso acontecia nos momentos em que o patriarca da família Lippelt estava em Rio Preto.

Apesar das ameaças proferidas pelo marido, nenhuma das promessas feitas se concretizou, e a igreja foi estabelecida na cidade, permitindo que a família retomasse a frequência às reuniões. Georgine compartilha a história em que conseguiu três porcos pequenos, cuidou deles até crescerem e pretendia vendê-los para adquirir recursos financeiros para comprar uma Bíblia. Seu pai, no entanto, desejava abatê-los para obter carne e gordura. Eventualmente, o pai forneceu o montante necessário para a compra da Bíblia, ficou com os porcos e comprometeu-se a não destruir mais livros da igreja. Este episódio destaca Auguste Kuhlmann Lippelt como uma figura notável, rompendo com o *habitus* da geração anterior no contexto

sociocultural entre 1910 e 1930. Nesse período, o movimento de modernidade começava a desafiar a ideia de que as mulheres deveriam se restringir aos espaços privados. Auguste exemplifica uma mulher que não se submete totalmente às vontades do marido, inserindo-se no mundo e influenciando aqueles ao seu redor.

Ademais, além dos incidentes de perseguição e resistência anteriormente relatados, o registro da missão sul-americana documenta diversos outros, incluindo publicações em jornais e reuniões destinadas a disseminar informações falsas. Em um desses episódios, ocorrido em 12 de novembro, o pastor Kaltenhaeuser realizou uma palestra ilustrada sobre “os mórmons”, gerando, paradoxalmente, aumento do interesse na população e resultando em vários batismos em Joinville. Em julho de 1930, o mesmo pastor adventista publicou um artigo contra a igreja no jornal local “Kolonie-Zeitung”. Em resposta, os missionários organizaram uma palestra em um teatro de Joinville para refutar as acusações, atraindo cerca de 450 pessoas, conforme os registros da missão. Em 1934, ao expandirem as áreas de pregação, o jornal “Neue Deutsche Zeitung” publicou um artigo intitulado “Mormon storm over Europe” (Tempestade Mórmon sobre a Europa). Em 20 de março do mesmo ano, o jornal “Der Kompass” de Curitiba veiculou um artigo com o título “Mormon will die Welt erobern” (Os Mórmons querem conquistar o mundo), indicando uma reação à recente chegada da religião à região.

Cartas de missionários desse período relatam as perseguições enfrentadas no cotidiano. O novo *habitus* introduzido no interior sul do Brasil precisou se adaptar a esse novo campo, superando desafios para se integrar ao *habitus* de algumas pessoas da região, constituindo assim uma nova organização desse campo. Muitos membros transferiram-se para locais onde já residiam outros membros, estabelecendo um campo em que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tornou-se parte integrante do *habitus* local.

Figura 19: Membros de Rio Preto



Feb 4, 1934 Rio Preto
Members of Rio Preto:
front: Adele Sell, Augusta Lippelt, Schw. Zapf.
2nd row: Frau Grubel, Hedwig Busch, Schw. Bauer
& child Amalie, George Lippelt & ~~Har~~ Niece Amalie,
Rudi & Robert Zapf.
3rd row: Rudolph Busch, Gotthilf Bauer,
Robert Haack, Max Zapf
PH
4435
7

Primeira fila: Adele Sell, Auguste Lippelt, Schev Zapf. Segunda fila: Fran Grubel, Hedwig Busch Schew Bauer & Amalie criança, George Lippelt & Neice Amalie, Rudi & Robert Zapf. Terceira fila: Rudolph Busch, Gotthilf Bauer, Robert Haack & Max Zapf. Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/record/c276afab-58c8-4b0e-a32e-3e402e078f54/0?view=browse&lang=eng>>.

Conforme mencionado anteriormente, em 1928, os primeiros missionários, William Fred Heinz e Emil A. J. Schindler, chegaram ao Brasil. A primeira reunião oficial da Igreja ocorreu em agosto de 1930. Em outubro do mesmo ano, foi adquirido o terreno para a construção da primeira capela brasileira, ao custo de \$662,51, incluindo os impostos.

Figura 20: Primeira capela do Brasil



Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/record/c276afab-58c8-4b0e-a32e-3e402e078f54/0?view=browse&lang=eng>>.

A localização próxima à residência onde as reuniões eram realizadas até então foi estrategicamente escolhida. Essa capela não apenas marcou o pioneirismo como a primeira capela no Brasil, mas também representou a primeira propriedade da Igreja na América do Sul. Em 25 de outubro de 1931, a capela foi dedicada na presença de seis missionários, noventa e oito membros e pesquisadores. O Élder Peter Loscher, que desempenhava o papel de missionário na região, foi designado como presidente do ramo Joinville.

Posteriormente, a Igreja prosseguiu em seu crescimento, culminando na abertura da Missão Brasileira em 1935, com sede em São Paulo. Anteriormente, o Brasil estava sob a jurisdição da Missão Sul-Americana, cuja sede localizava-se em Buenos Aires. Segundo a tabela feita por Peterson (1961) o número de membros desse período eram:

Figura 21: Tabela com número de membros em 1935

Alas	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Total
Joinville	14	48	8	10	91
Porto Alegre	2	1	0	0	3
Rio Preto	8	9	4	9	34
São Paulo	1	8	0	0	9
Total	25	66	12	19	137

Disponível em: PETERSON, John DeLon. *History of the Mormon missionary movement in South America to 1940. A thesis submitted to the faculty of the University of Utah in partial fulfillment of the requirements for degree of Master Of Arts, november 1961, p. 77.*

Em outros trabalhos existe a afirmação de que em 1935, eram apenas 148 membros. Contudo, pouco mais de duas décadas depois, em 1958, esse número havia crescido substancialmente para 1.454 membros. Conforme os dados do censo brasileiro de 2010, a quantidade de indivíduos que se autodeclararam membros da Igreja totalizou 226.509. Entretanto, segundo registros internos da própria instituição, abrangendo todos os membros batizados, inclusive aqueles afastados, o contingente ultrapassa 1,3 milhão de membros, distribuídos em todo o território nacional.

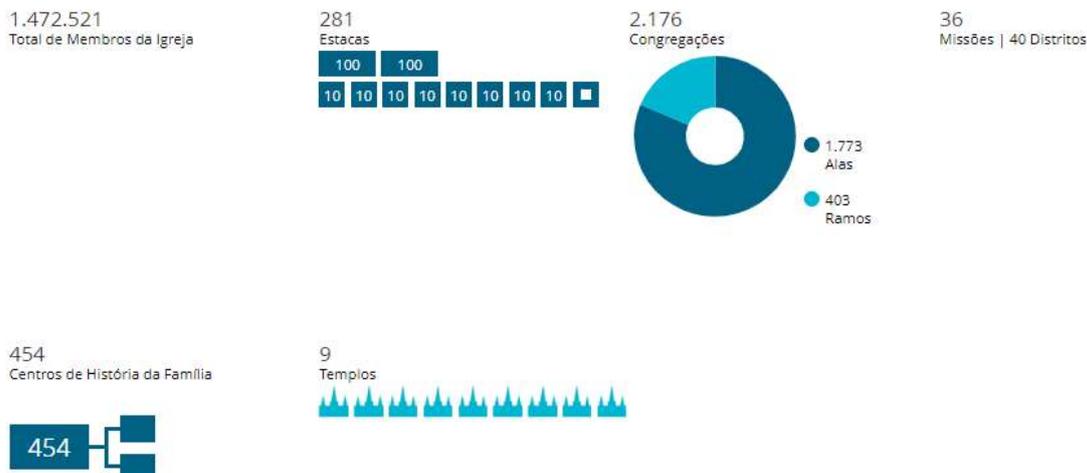
Figura 22: Tabela Censo 2010

Tabela 137 - População residente, por religião	
Variável - População residente (Pessoas)	
Brasil	
Ano - 2010	
Religião	
Total	Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
190.755.799	226.509
Fonte: IBGE - Censo Demográfico	

Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>>.

Figura 23: Dados de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Brasil



Disponível em: <<https://noticias-br.aigrejadejesuscristo.org/fatos-e-estatisticas>>.

Ao analisar esses números da tabela que aparece na figura 20 vemos a diferença de quantidade entre mulheres e homens membros da igreja nesse período, as mulheres totalizando 72,52% dos membros adultos. A adesão feminina era expressivamente maior que a masculina. Em correspondência com a primeira presidência da igreja, em 1942, o então presidente da missão brasileira, William Seegmiller disse, ao enfrentar o desafio de uma mudança rápida do alemão para o português por determinação do governo brasileiro, que sentia muito em informar que eles não tinham nenhum sacerdócio em toda missão que pudesse conduzir a igreja e que a maioria dos membros mais antigos eram mulheres²³ que tinham dificuldade com o português. A religião era um dos poucos espaços públicos onde era permitido a presença das mulheres, talvez isso explique a maioria feminina na congregação.

3.4 Pioneiras na tradução

Ao redirecionar o foco para minha pesquisa, desde os tempos da graduação, deparei-me com os nomes de mulheres que, de diversas maneiras, contribuíram para a propagação e fortalecimento de sua denominação, notadamente no contexto desta

²³ Tradução do original: I am sorry to state that we have no priesthood at all in this mission that could be depended upon to conduct the affairs of the church. Most all of our older members are women.

investigação, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A primeira mulher que se destacou foi Auguste, cujos detalhes foram apresentados anteriormente. Contudo, para além dela, identifiquei outros nomes, sobre os quais há escassa informação e poucos registros escritos. Entre essas figuras, destacam-se Agda Soares Vieira e sua mãe, identificada na fonte como Dona Maria. A pesquisa permitiu a obtenção do nome completo desta última por meio do registro civil de casamento de Agda com Daniel Shupe, sendo ela denominada Maria Ferreira Soares. Diante da escassez de informações disponíveis, reconheci a necessidade de contextualizar historicamente as existências dessas mulheres que permaneceram, em grande parte, invisíveis.

Todas as informações disponíveis sobre essas mulheres foram obtidas por meio de uma entrevista conduzida pelo Programa de História Oral, vinculado ao Departamento de História de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em Salt Lake City, Utah. Este programa tem como propósito entrevistar diversas pessoas consideradas relevantes para a história da Igreja, incluindo Daniel Gay Shupe, um dos responsáveis pela primeira tradução do livro de Mórmon para o português. A entrevista em questão foi conduzida por Gordon Irving em 22 de fevereiro de 1973, e a transcrição foi realizada por Patricia Jarvis. Durante essa entrevista, Daniel Shupe narra detalhes significativos de sua vida, com enfoque especial nos eventos relacionados à sua fé religiosa, os quais permeiam toda a sua existência. Durante esse relato Daniel fala sobre sua ex esposa brasileira. Quase não existem registros da existência de Agda, a não ser poucos recortes de jornal e a entrevista de Daniel, sua imagem é ainda algo desconhecido.

Figura 24: Notícia de jornal sobre casamento de Daniel e Agda



Disponível em:

<[https://www.familysearch.org/photos/artifacts/21653177?p=32728705&returnLabel=Daniel%20Gay%20Shupe%20\(KWCW-7JY\)&returnUrl=https%3A%2F%2Fwww.familysearch.org%2Ftree%2Fperson%2Fmemories%2FKWCW-7JY](https://www.familysearch.org/photos/artifacts/21653177?p=32728705&returnLabel=Daniel%20Gay%20Shupe%20(KWCW-7JY)&returnUrl=https%3A%2F%2Fwww.familysearch.org%2Ftree%2Fperson%2Fmemories%2FKWCW-7JY)>.

Quando investiguei com mais profundidade informações sobre essas mulheres, Agda e sua mãe, encontrei recortes de notícias de jornais na seção de recordações relacionadas a Daniel no site do Family Search, incluindo uma notícia que menciona seu casamento com Agda. Além disso, identifiquei no mesmo site o registro do casamento do casal, ocorrido em 31 de dezembro de 1931. O livro do cartório, devidamente digitalizado, revelou-se um manuscrito com letras por vezes desafiadoras de decifrar, característico dos registros cartoriais daquela época. Entretanto, não obtive informações substanciais acerca de Agda, à exceção de sua nomeação em um concurso para professora do ensino primário. Registra-se a ausência de fotografias e de outros registros sobre sua vida.

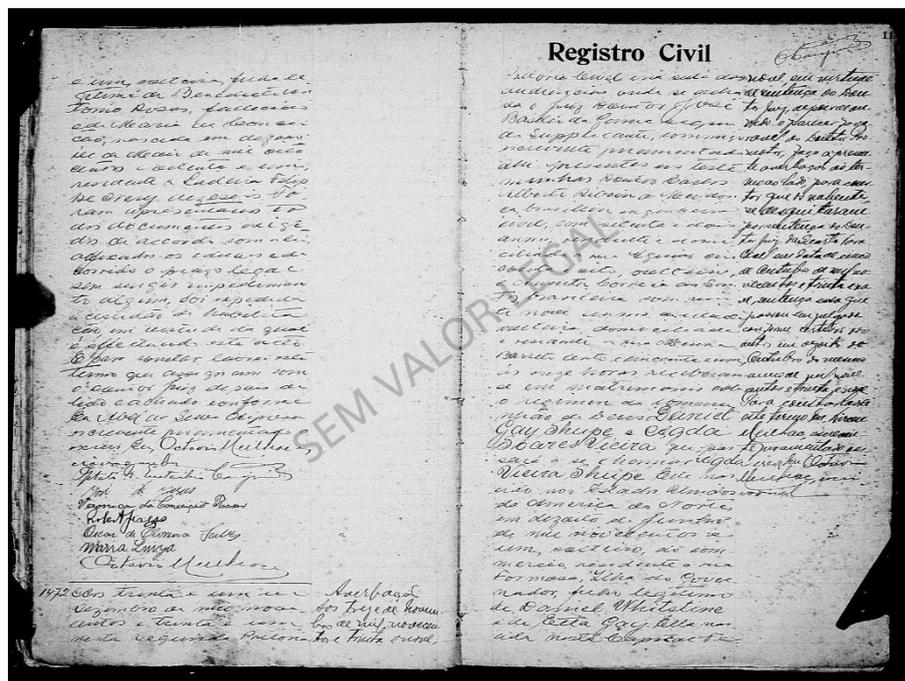
Figura 25: Diário oficial de 27 de julho de 1944

DESPACHOS DO SR. SECRETARIO GERAL DE ADMINISTRAÇÃO	
Núcleo. — Matrícula:	
1.133 — 29.982 — Ondina Raimundo Guimarães — Mecanógrafo, extr. mens. — 25 dias, art. 153, a partir de 18-7-44.	ri
1.212 — 01.487 — Dulce Maria Fontenelle Borelli — Of. Adm., extr. mens. — 60 dias, art. 153, a partir do dia seguinte da publicação.	Di
1.521 — 28.859 — Artur Ferreira Martins — Motorista, P. 25 — 15 dias, art. 153, a partir do dia seguinte da publicação.	A
1.704 — 01.016 — Ione Regis do Nascimento — Enfermeiro, C. 32 — 90 dias, art. 153, a partir de 17-7-44.	de
1.720 — 34.734 — Benedita Coríntias Pinto Dias — Trab., extr. mens. — 30 dias, artigo 153, a partir de 24-7-44.	ti
2.701 — 06.371 — Dina Fines Chaseliow — Farmacêutico, extr. mens. — 15 dias, artigo 153, a partir de 29-7-44.	fe
2.960 — 02.565 — Manuel Aires de Melo — Trab., P. 13 — 30 dias, art. 153, a partir de 21-7-44.	de
3.354 — 10.810 — Agda Soares Vieira — Prof. de Curso Prim., C. 51 — 60 dias, artigo 153, a partir do dia seguinte da publicação.	di

Disponível em: <http://museu.in.gov.br/documents/271518/471699/DO_2_19440727_173.PDF/85bcd9c6-c0ec-b555-0261-c0bab58ce467?t=1574875969317&download=true>.

A seção da entrevista de Daniel que capturou minha atenção refere-se ao seu período no Brasil durante os anos 1930. Nesse intervalo, ele contraiu matrimônio com uma mulher que não pertencia à Igreja, mencionada por ele como Guida na entrevista, enquanto morava no Rio de Janeiro. Seu nome completo era Agda Soares Vieira, e sua ocupação era a de professora. Daniel omite o nome completo da sogra, identificada como Dona Maria. Com base nos relatos da entrevista, ficamos cientes de que o pai de Agda, Pedro de Faria Vieira, conforme registrado no documento de casamento do casal, desempenhava atividades profissionais para o governo durante o governo de Getúlio Vargas. O relato que destaque está relacionado à tradução do Livro de Mórmon para o português, realizada por Daniel. Vale mencionar meu interesse especial nesse relato, uma vez que ele afirma que sua esposa e a sogra desempenharam papéis significativos nesse processo de tradução.

Figura 26: Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012



Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QGJ1-7S4Y>: Sat Nov 04 02:53:54 UTC 2023>.

Ao compreender o processo de tradução e a participação dessas duas mulheres nesse empreendimento, o entrevistador indaga sobre a ausência de seus nomes nos créditos da tradução. Daniel relata que o presidente Rulon Howells o incumbiu da tarefa de traduzir o Livro de Mórmon, e quando questionado se a presença de uma esposa que falava português influenciou tal escolha, Daniel responde afirmativamente, acrescentando que o presidente chegou a solicitar a participação dela no processo. Mais adiante, Gordon pergunta sobre a extensão do papel desempenhado por sua esposa e sogra nessa tradução²⁴. Daniel responde que “não acredita que poderia ter realizado o trabalho completamente sozinho. Nem tentaria. Eu escrevia muito por conta própria e, em seguida, perguntava: como soa na sua língua? E elas diziam, está bom, mas não é como nós tentaríamos expressar, então faziam algumas alterações na construção e assim por diante. Quanto ao significado em si, normalmente elas não faziam modificações”²⁵.

²⁴ Transcrição original: How big of a part did your wife and mother-in-law play? (p. 39).

²⁵ Transcrição original: I don't think I could have done Much of it absolutely alone. I wouldn't have tried. I'd write a lot of it myself and then I'd say “How does this sound in your language?” They'd say, “Well, it's pretty good, but it doesn't quite sound like the way we would try to talk,” and so they'd change a few words in the construction and do on. The meaning itself they'd usually try to change (p. 39).

Neste trecho da entrevista, evidencia-se a relevância desempenhada por ambas no processo de tradução. O livro foi publicado em São Paulo, com a participação de outro tradutor, não filiado à igreja, Williams Lane. Daniel sugere que essa segunda tradução, conduzida por Williams Lane, visava à confirmação e à maior confiabilidade da tradução. O entrevistador observa que os nomes de Williams e Daniel constam na lista de tradutores, enquanto os da esposa e da sogra não aparecem, indagando se há alguma razão para esse fato. Daniel expressa desconhecimento sobre o motivo e pondera que acredita que os nomes delas deveriam constar nos créditos, embora não saiba se Agda solicitou a omissão de seus nomes, ressaltando que tal discussão não ocorreu²⁶. Essa afirmação de Daniel, de não saber se ela solicitou a omissão, parece mais uma desculpa para a falha existente na falta de crédito dado a essas mulheres.

A tradução do Livro de Mórmon para o português foi essencial nesse período, havia sido proibida qualquer reunião, ou circulação de materiais em alemão. O governo brasileiro estava atento a possíveis espões em seu território e isso limitou a ação da igreja tendo em vista que todo o trabalho feito até então era com alemães e seus descendentes dentro do território brasileiro. O pedido de tradução feito ao irmão Shupe certamente teve sua eficiência e rapidez afetada pela ajuda que recebeu.

No que diz respeito ao período em que residiu no Brasil, Shupe aborda o governo de Getúlio Vargas, mencionando como foi detido pela polícia após publicar em sua coluna a respeito do possível assassinato de um cidadão estadunidense, inicialmente divulgado como suicídio. Na entrevista, Shupe comenta sobre Getúlio Vargas e Carlos Prestes, destacando as tensões no país no combate ao comunismo. O episódio envolvendo Victor Baron, apresentado a Shupe por um amigo da polícia, revela suspeitas sobre suas atividades e suas ligações com Carlos Prestes. Após a intervenção da embaixada dos Estados Unidos para libertar Victor Baron, Shupe alega que ocorreu um acordo, no qual Baron revelaria o paradeiro de Carlos Prestes, mas acabou sendo empurrado e morto no pátio central do edifício em que estava, segundo

²⁶ Transcrição original: I: I noticed on the inside it lists you as the translator, and it lists Williams Lane as the translator, but it doesn't list your wife. Is there any reason why she didn't get credit for her work? S: I don't know. They really should have put her name in there, I Guess. Rulon Howells didn't mention whether she asked him not to. It wasn't discussed.

o relato de Shupe, testemunhado pelo sogro, embora no Brasil não houvesse pena de morte.

Figura 27: Coluna de Daniel Shupe no jornal Diário de Notícias



Disponível em

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=victor%20baron&pagfis=26087.

Com base nessa informação, Shupe optou por publicar, no interior de sua coluna no “Diário de Notícias”, escrita em inglês, detalhes sobre o episódio. No dia seguinte, recebeu um telefonema da embaixada dos Estados Unidos ordenando retratação, e duas noites depois, foi detido. Agda, ao tomar conhecimento da situação, entrou em contato com uma amiga que possuía parentesco com Getúlio Vargas e, juntas, dirigiram-se à embaixada, pleiteando sua libertação. Elas empreenderam diversos esforços, culminando na soltura de Shupe, contudo, acompanhado de um alerta sobre as consequências caso voltasse a criticar o governo brasileiro, sendo mencionada a ameaça de enfrentar um desfecho similar ao de Victor Baron. Ao contar essa história Daniel Shupe mostra que Agda era uma mulher que agia diante das situações e que, através de seus contatos, conseguiu libertar ele da prisão.

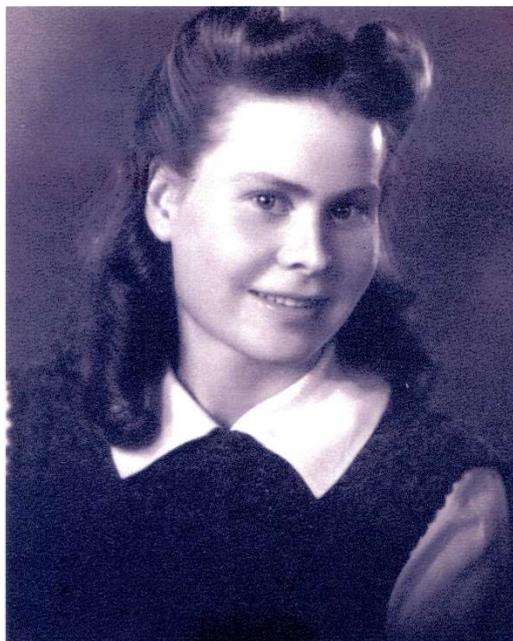
Ao longo dessa entrevista, que abarca diversos anos da vida de Daniel Shupe, emerge a participação de Agda e Maria em diversas situações durante sua permanência no Brasil. O destacado papel delas na tradução do Livro de Mórmon é

notável, contudo, não é devidamente reconhecido. A falta de registros dessas mulheres nesse trabalho, e a ausência de fotos e outros relatos corroboram para o entendimento de que o trabalho dessas mulheres não era visto como algo relevante no período. Esse registro feito na entrevista aconteceu em 1973, quase 40 anos depois da tradução, quando Daniel Shupe já havia voltado a morar nos Estados Unidos da América e se casado com outra mulher. Ele relata que Agda e sua sogra nunca chegaram a se batizar na igreja e que um pouco antes de voltar para o seu país de origem seu casamento com Agda terminou. Ele voltou para os Estados Unidos em 1940 e comenta que não tinha mais notícias de Agda, apenas que ouviu falar que ela morava em São Paulo no ano da entrevista.

Outra mulher que surgiu em minha pesquisa, após uma palestra assistida em 2023, foi Roberta McKnight Hunt. Ela realizou a tradução de uma das escrituras da igreja, Doutrina e Convênios, e sua história foi parcialmente documentada por David Stodard Judd em um breve texto que aborda sua conversão, além de uma autobiografia, cuja autoria não é explicitamente atribuída, mas aparenta ser do mesmo autor. Esse documento tem vários erros cronológicos, não apresenta a data em que foi redigido e não deixa claro quem é o autor em algumas partes. Obtive esse material por meio de meu contato no escritório da igreja em Salt Lake City, Jeremy Talmage. Durante uma palestra online que participei em 2023, o nome de Roberta foi mencionado rapidamente enquanto exibiam a sala que abriga documentos da igreja em São Paulo. Os materiais, que foram enviados por e-mail sobre Roberta, incluem duas fotografias e o PDF escrito por Judd. Em minhas pesquisas, localizei a certidão de casamento, uma fotografia da família e o obituário de Roberta, publicado em um jornal.

Possivelmente, sua associação à igreja despertou o interesse em documentar essa trajetória, ao contrário do que ocorreu com Agda Vieira Soares, que de acordo com os relatos do ex-marido, nunca se vinculou à igreja e, talvez por essa razão, não temos sua história documentada. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possui uma cultura robusta em relação à história familiar, frequentemente levando os descendentes a registrarem a vida de seus antepassados, especialmente quando estes participam de eventos históricos. Esses escritos fornecem um panorama enriquecedor de sua vida.

Figura 28: Roberta McKnight tradutora oficial do Livro de Doutrina e Convênios para o Português



Acervo disponibilizado por Jeremy Talmage.

Roberta McKnight Hunt nasceu em fevereiro de 1920, nas proximidades de Santa Bárbara, interior do estado de São Paulo. Descendente de estadunidenses escravocratas que imigraram para o Brasil após a Guerra Civil, aos quatro anos, transferiu-se para uma localidade mais próxima das escolas e da Igreja Presbiteriana, situadas em Santa Bárbara. Aos doze anos, ingressou no Colégio Piracicabano, dirigido pelos Metodistas, em Piracicaba, para dar continuidade aos estudos, onde sua irmã mais velha já frequentava. Este estabelecimento de ensino, fundado por Martha Watts e mencionado anteriormente neste trabalho, também foi local onde Flora, cozinheira referida no capítulo precedente, trabalhou.

Posteriormente, Roberta ingressou na Universidade de São Paulo (USP), onde cursou línguas estrangeiras. Durante seus estudos universitários, compartilhou residência com seu irmão. Entretanto, no último ano de seu curso, ele e sua família foram transferidos para o sul do país, levando Roberta a residir em pensões até obter emprego no Colégio Batista, onde recebeu moradia e alimentação em troca de serviços. Coincidentemente, ela já conhecia a diretora da instituição, que havia estudado em Piracicaba. Foi nesse contexto, durante sua estadia no Colégio Batista, que Roberta teve o primeiro contato com os missionários mórmons.

Roberta recebeu os missionários em outubro de 1942 e compareceu à igreja pela primeira vez em 3 de abril de 1943, após um extenso período de pesquisa e participação nas atividades da igreja. Dúvidas sobre sua decisão de ser batizada permearam esse processo, e ela utilizou as visitas dos missionários e a interação com outros membros para esclarecer suas inquietações. No dia 10 de abril de 1943, em um sábado, Roberta foi batizada no Rio Tietê, em São Paulo.

Figura 29: Roberta Mcknight Hunt em seu batismo



Acervo disponibilizado por Jeremy Talmage

Roberta ajudava o quanto podia no Ramo. Levava flores para o púlpito todos os domingos. Tocava o órgão. Fazia a tradução do Presidente Seegmiller para os membros. Traduzia peças para as apresentações da Sociedade dos Jovens. Visitava com os élderes quando lhe pediam (Judd, p. 7).

Seu envolvimento dentro da instituição foi significativo, culminando em setembro de 1943, quando recebeu uma proposta de casamento por meio de uma carta enviada por Jay B. Hunt, um ex-missionário que serviu no Brasil e havia conhecido Roberta durante sua missão. Em maio do ano subsequente, ela mudou-se para os Estados Unidos. Vale ressaltar que esse período coincidiu com a Segunda Guerra Mundial, e, à sua chegada aos Estados Unidos, Jay encontrava-se servindo

nas forças armadas. Após a longa jornada, o casamento foi celebrado, marcando o início de sua adaptação ao novo país e à cultura.

É importante destacar que por esse acontecimento ter ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, o envolvimento global no conflito contra o nazismo gerou um sentimento antialemão em diversas nações. O uso da língua alemã dentro da igreja no Brasil persistia, causando desconforto. Tais circunstâncias aceleraram o movimento de tradução das escrituras para o português.

Figura 30: Certidão de Casamento Roberta e Jay

Clerk of Courts to fill this blank

SOUTH DAKOTA STATE BOARD OF HEALTH
DIVISION OF VITAL STATISTICS

County Minnehaha. Registered No. 71-109

Record of Marriage

(Where Solemnized) Postoffice Sioux Falls, So. Dak.
County Minnehaha.

Date of Marriage... JUNE, 10th ... 1944.
(Month) (Day)

HUSBAND		WIFE	
Name	<u>JAY BYRON HUNT,</u>	Name	<u>ROBERTA ELIZABETH MacKNIGHT,</u>
Residence	<u>Salina, Utah. Sivilier, County</u>	Residence	<u>Santa Barbara, Brazil, Sao Paulo.</u>
Age	<u>23</u>	Age	<u>24</u>
Nationality	<u>Nat-white.</u>	Nationality	<u>Brazil-White.</u>
Bachelor	XXXXXX	Maiden	XXXXXX
Name of Clergyman or Officer Officiating	<u>Carl E. Lindstrom,</u>	Official Character	<u>An Army Chaplain.</u>

MARGIN RESERVED FOR BINNING—NO MUTILATED CERTIFICATE WILL BE RECEIVED. Permanent record. Write plainly with ink. Use this blank for each Marriage.

Disponível em: https://www.familysearch.org/photos/artifacts/51457148?cid=mem_copy

No inverno subsequente ao selamento de Roberta e Jay, ocorrido em 1944, ela recebeu uma carta do Presidente Howells, o mesmo que convidou Daniel Shupe para traduzir o Livro de Mórmon. Nessa correspondência, o presidente inquiriu se ela estaria disposta a traduzir o Livro de Doutrina e Convênios. Após algum tempo de casada, Roberta mudou-se para Utah, aproximando-se de familiares e amigos, enquanto seu esposo tornava-se interrogador²⁷ na Alemanha, por volta de 1945. Nesse período, grávida e atuando como professora do sexto ano na Escola Salina, Roberta oficializou seu trabalho de tradução para o português. Em janeiro de 1946, após o nascimento de sua filha, iniciou o processo de tradução em um porão

²⁷ Na biografia de Roberta ela cita que o marido foi chamado como “interrogador de prisioneiros de guerra na Alemanha” (p. 8). Não existe uma explicação maior sobre a função que o marido assumiu, ela apenas é citada ao longo do relato.

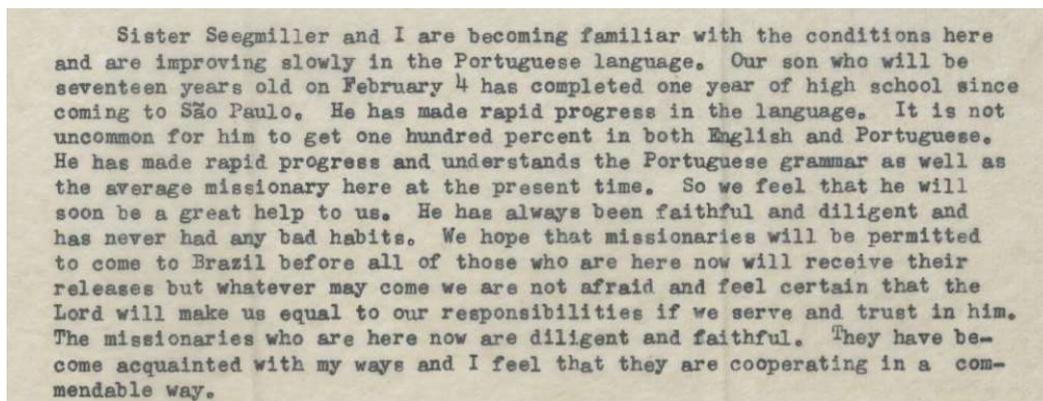
localizado a duas quadras de sua residência, recebendo uma ajuda de custo mensal de 15 dólares.

Segundo o relato, embora desafiador, o trabalho progrediu com a prática, e ao receber a notícia de que seu marido retornaria em maio do mesmo ano, Roberta calculou a quantidade de páginas que precisava traduzir diariamente para concluir antes de sua chegada. Em 16 de maio de 1946, ela concluiu a tradução, dando início a encontros com outras pessoas para revisão. Durante esse período, sua filha, Roberta Lew, com nove meses, acompanhava-a nas reuniões, sendo colocada em um cercado próximo a Roberta, onde brincava, caminhava e dormia. Esse contexto ressalta os desafios enfrentados por Roberta, uma mãe que conciliava o trabalho de tradução com as responsabilidades maternas, sendo ainda surpreendida com uma nova gravidez.

Além do desafio de ser mãe e trabalhar na tradução, ocorreram discordâncias em relação a algumas palavras e expressões durante o processo. Segundo os registros disponíveis, houve desacordos durante a revisão, envolvendo o Presidente William W. Seegmiller, Élder B. Richard Platt, Élder Robert e Sister Seegmiller. O Presidente Seegmiller liderou as reuniões de revisão, e quando Roberta solicitou uma última leitura ao Presidente McKay, líder geral da igreja na época, ele a aconselhou a contatar Seegmiller, que recusou a nova revisão. O registro sugere uma discordância entre Roberta e Seegmiller.

Na estrutura eclesiástica, por ser o presidente do grupo de traduções e portador do sacerdócio, a opinião de Seegmiller tinha mais peso para a liderança geral do que o que Roberta, mesmo sendo uma nativa da língua portuguesa. Seegmiller havia sido presidente da missão no Brasil pouco tempo antes, como mostra algumas correspondências da missão brasileira. Em 1943 ele escreveu uma carta onde afirma que ele e a esposa estão lentamente aprendendo a língua portuguesa e que seu filho, que na época tinha 17 anos, tem mais facilidade com o idioma e os ajudava no que precisavam.

Figura 31: Trecho da carta do presidente da missão brasileira para a primeira presidência da igreja em 1943



Sister Seegmiller and I are becoming familiar with the conditions here and are improving slowly in the Portuguese language. Our son who will be seventeen years old on February 4 has completed one year of high school since coming to São Paulo. He has made rapid progress in the language. It is not uncommon for him to get one hundred percent in both English and Portuguese. He has made rapid progress and understands the Portuguese grammar as well as the average missionary here at the present time. So we feel that he will soon be a great help to us. He has always been faithful and diligent and has never had any bad habits. We hope that missionaries will be permitted to come to Brazil before all of those who are here now will receive their releases but whatever may come we are not afraid and feel certain that the Lord will make us equal to our responsibilities if we serve and trust in him. The missionaries who are here now are diligent and faithful. They have become acquainted with my ways and I feel that they are cooperating in a commendable way.

Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/record/ebf18c7f-6e2c-4545-ae2-522adccc3da0/0?view=browse&lang=eng>>.

Com toda essa tensão dentro do grupo de tradução, Roberta ainda estava preocupada e querendo fazer uma nova revisão da tradução. Por coincidência, um casal amigo do Brasil, Clarice e Alfredo Lima Vaz, visitou Roberta. Nessa visita informaram que conheceram um professor da Universidade Brigham Young quando ele fazia intercâmbio no Brasil. Esse professor, Dr. Guerrit De Young, recebeu o encargo de encontrar alguém para fazer a releitura da tradução de Doutrina e Convênios.

De Young dirigindo-se à Roberta disse: “Vou indicar que seja você a fazer essa leitura”. O alívio que se apoderou dela foi indescritível! Estando com Alfredo, pediu a ele se ele poderia ajudá-la. Ele aprovou a ideia. “Ter finalmente outro brasileiro, outro nativo da língua, com ela foi mesmo gratificante” (Judd, p. 11).

Assim, uma releitura da tradução foi feita, e Roberta sugeriu a participação de Alfredo Lima Vaz, outro nativo da língua portuguesa. Foi necessária a intervenção de outra autoridade, dessa vez acadêmica, para Roberta conseguir a fazer a releitura do texto. Eles trabalharam oito horas diárias durante as férias de Natal. Após essa revisão, Eduardo Balderas, certificado pelas autoridades da igreja e responsável pela tradução de Doutrina e Convênios para o espanhol, realizou uma revisão doutrinária. Posteriormente, o Presidente Howells, o primeiro a contatar Roberta, buscou a versão final da tradução. Ele tornou-se presidente da missão brasileira, novamente, utilizando

agora o português. As notas de rodapé e o índice foram finalizados no Brasil, e o livro foi publicado em 1950.

Figura 32: Família de Roberta e Jay



Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/7480717?cid=mem_copy>.

Roberta, embora tenha tido seu nome divulgado como tradutora, enfrentou obstáculos que impactaram sua competência e autonomia durante o processo, apesar de algum reconhecimento de seu trabalho. Seu papel nesse espaço foi subordinado ao de uma pessoa que não tinha tanto conhecimento do português.

Durante os anos de tradução Roberta chegou a fazer um mestrado em francês e Ciências Políticas e ministrou algumas aulas de Literatura Portuguesa no departamento de línguas da Universidade de Utah. Porém, mesmo com todo esse conhecimento e experiência, a revisão da tradução, que ela achava necessária e foi atrás das autoridades para conseguir, só foi autorizada, e ela pôde participar, por autorização de um outro homem, o professor Dr. Guerit De Young.

4. MULHERES LÍDERES NO BRASIL

Após examinar o papel das mulheres nas religiões reformadas durante o período republicano no Brasil e analisar a função desempenhada por algumas delas na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, procederei a esclarecer os distintos papéis que as mulheres assumiram dentro dessa instituição e como suas ações contribuíram para o crescimento e fortalecimento da mesma no contexto brasileiro. Nesse ponto, é crucial compreender a organização da igreja desde o seu início, durante a sua chegada ao Brasil e sua configuração atual.

4.1 A Fundação da Sociedade de Socorro

Desde a fundação de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em 1830, as mulheres desempenharam papéis significativos em sua história. Lucy Smith, mãe de Joseph Smith, foi a primeira a receber informações sobre suas visões e encorajou o filho. Durante o processo de tradução do Livro de Mórmon, Emma, esposa de Joseph, esteve ao seu lado e, em determinado momento, assumiu a escrita enquanto Joseph se dedicava à tradução. Além disso, ela compilou os hinos utilizados nas reuniões da igreja.

A Sociedade de Socorro, uma organização feminina estabelecida em 1842, tinha como objetivo principal auxiliar os necessitados, e em 1913, adotou o lema “A caridade nunca falha”. Iniciada por mulheres que contribuíram para a construção do templo de Nauvoo²⁸, a Sociedade de Socorro foi formalmente estabelecida em todas as alas por Brigham Young em 1867. A criação da organização das moças ocorreu

²⁸ Em meados do século 19, os conversos à Igreja foram incentivados a se reunirem com os santos na América. Hordas de imigrantes, com origem na Europa e no leste dos Estados Unidos, rapidamente criaram uma situação propícia para uma crescente oposição. Para escapar do tumulto crescente, a sede da Igreja mudou-se primeiro de Nova Iorque para Ohio, depois para o Missouri e finalmente para o estado do Illinois. Em 1839, os santos dos últimos dias estabeleceram a comunidade de Nauvoo, Illinois, num local que era um pântano inóspito na fronteira com o Rio Mississippi. Sob a liderança de Joseph Smith, começaram a drenar as terras pantanosas, erguendo uma cidade [...] e construíram também um templo na cidade. Em 1844, Nauvoo rivalizava já com a cidade de Chicago, em termos de população. Mas a crescente suspeita e ansiedade por parte das comunidades vizinhas alimentaram a criação de uma atmosfera de extrema agitação e desconfiança. Os jornais que se publicam nas cidades vizinhas começaram a exigir que se exterminassem o povo ‘santo dos últimos dias’.

Disponível em: <<https://noticias-pt.igrejajesuschristo.org/multimedia/file/ChurchHistoryPT.pdf>>. Acesso em: 21/12/2023.

em 1870, chamada de Associação Sênior e Júnior de Resguardo Mútuo, destinada a moças entre 12 e 18 anos. Em 1878, a organização da Primária foi fundada, ambas com lideranças femininas.

Apesar da participação desde o início, as mulheres na história da igreja foram muitas vezes apagadas ou representadas de maneira estereotipada. Somente a partir dos anos 1970, houve esforços para resgatar as vozes femininas na história mórmon, embora fossem limitadas a determinados tópicos. Essa ausência reflete a tendência histórica de ignorar a perspectiva feminina nas narrativas.

As mulheres que aparecem são poucas e, normalmente, ligadas aos líderes, homens, do período. Nos anos de 1970 um movimento buscou encontrar essas vozes femininas na história da igreja, mas essas vozes eram pulverizadas e sobre assuntos restritos. A visão feminina foi, por muito tempo, ignorada nas narrativas dos historiadores e escritores do que era conhecido como história do mormonismo.

Elas começaram a aparecer quando alguns livros foram elaborados especificamente sobre grandes mulheres da religião, focados na história das mulheres mórmons. Entretanto, dentro dos livros que contavam histórias, como um todo, elas mal apareciam, às vezes um subtópico do livro era designado para esse assunto. Algo que sempre chama atenção na historiografia é que, quando falamos de mulheres, chamam o que é escrito de história das mulheres, quando elas não aparecem é chamado simplesmente de história. A neutralidade e imparcialidade defendida no fazer histórico pode ser facilmente derrubada.

Portanto, desde sua origem as mulheres estiveram presentes e ainda no início tiveram algumas posições de liderança, sempre sob a autoridade do sacerdócio presidente que os homens possuem. Muitas mulheres se destacaram a partir desse início. Irei destacar duas mulheres que tiveram papéis importantes para a história como um todo, mas especialmente dentro da história Mórmon. Apesar de não estar na liderança da Sociedade de Socorro em sua fundação destacarei o papel de Emmeline B. Wells.

Atualmente existe toda uma pesquisa e trabalho para divulgar seu legado, com livros e um projeto chamado *The Diaries of Emmeline B. Wells*²⁹, no qual seus diários que foram escritos entre 1840 e 1920 (com algumas lacunas de registro) foram digitalizados e servem de fonte para estudar as mulheres da igreja nesse período. Emmeline, que foi a quinta presidente geral da Sociedade de Socorro, em 1910, era ativa em diversas lutas femininas do período, especialmente na luta pelo sufrágio, e chegou a representar o conselho nacional das mulheres dos Estados Unidos em uma Congresso Internacional de Mulheres que aconteceu em Londres no ano de 1899. Nesse período lideranças femininas importantes apareceram e ajudaram a estruturar as organizações que eram lideradas por mulheres que existem até o presente

No início da igreja, nos Estados Unidos, na virada do século XIX para o século XX, surgiram revistas dirigidas por mulheres, como a *Woman's Exponent*, e a Sociedade de Socorro se envolveu em serviços sociais e ajuda humanitária. O discurso das líderes passou a enfatizar a autonomia feminina em relação à própria salvação, desafiando a ideia de que a salvação seria alcançada por meio das ações do marido. Foi a Sociedade de Socorro que patrocinou a primeira publicação do jornal *Woman's Exponent*, em 1872.

O discurso das líderes da igreja começou a enfatizar o papel das mulheres na sua própria salvação, salientando a autonomia dela em relação à sua própria vida. Eliza R. Snow, primeira secretária geral da Sociedade de Socorro e segunda presidente geral da organização, foi protagonista de um artigo de Brooke R. LeFevre (2021) onde ela destaca alguns de seus discursos falando sobre a importância de as mulheres agirem e o poder que elas tinham sobre seu próprio arbítrio para fazer o que era necessário para alcançar seus objetivos, que no caso de seus discursos era voltar a viver com Deus. Existia uma ideia, muito difundida entre os membros da igreja no período, de que a salvação viria através das ações do marido, já que ele era o portador do sacerdócio e o presidente do lar. Entretanto, esse discurso de que ele era a

²⁹ Disponível em: <<https://www.churchhistorianspress.org/emmeline-b-wells?lang=eng>>. Acesso em: 23/09/2022.

autoridade e o responsável por isso, era refutado por Eliza, que reforçava que as mulheres tinham uma responsabilidade individual por sua salvação.

Dessa forma conseguimos vislumbrar que, desde a fundação, as mulheres têm desempenhado papéis importantes na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, contribuindo para seu crescimento e desenvolvimento, embora tenham enfrentado desafios em sua representação histórica e participação nos relatos oficiais.

É crucial compreender as organizações e lideranças da igreja para contextualizar a atuação das mulheres. As presidências da Sociedade de Socorro, Moças e Primária são formadas por mulheres, sendo responsáveis pela condução e treinamento dessas organizações. A estrutura organizacional é replicada em níveis locais, estacas e áreas, com presidências específicas para cada organização. Toda essa estrutura foi explicada no capítulo 1 no subtópico 1.3.

4.2 A organização feminina no Brasil

Figura 33: Membros da igreja nos anos de 1945



Martha Toni é a segunda da esquerda para a direita. Acervo pessoal de Dorly Biscaia

No contexto brasileiro, é possível identificar o papel de liderança desempenhado por algumas mulheres desde os estágios iniciais da disseminação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mesmo que de forma não oficial. Tal liderança não oficial é uma constante ao longo da história, na qual mulheres frequentemente assumem a tomada de decisões e resolvem situações, mesmo sem serem oficialmente designadas ou reconhecidas para tais funções. Essas mulheres são agentes do sagrado dentro de suas instituições e desenvolvem papéis para os quais não existe um cargo oficial, mas que são de extrema importância.

Auguste Kulmman Lippelt, conforme relatos de seus filhos e o registro da missão Sul-americana, envolveu-se ativamente na divulgação do evangelho para os vizinhos e conduziu estudos das escrituras em sua residência na ausência de seu marido, especialmente em um período no qual não havia trabalhos missionários oficiais estabelecidos no país. Quando os missionários finalmente entraram em contato com sua família em Rio Preto, as reuniões religiosas ocorriam em sua casa, atraindo uma frequência notável de até 35 pessoas em um pequeno vilarejo. Essas atividades evidenciam a contribuição significativa de mulheres, como Auguste, para a expansão e consolidação da igreja no Brasil, mesmo em contextos informais de liderança.³⁰

³⁰ South American Mission, compiled by Andrew Jenson, p. 120.

Figura 34: Bertha Johanna Auguste Just Sell



Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/assets/ec103b6b-1a2a-4286-8a2a-0da3ea5ed003/0/14?lang=eng>>.

Antes das reuniões oficiais em Rio Preto acontecerem, uma mulher que morava em Joinville, chamada Bertha Sell, teve seu primeiro contato com A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e foi integrante do primeiro grupo de indivíduos batizados no Brasil. Sabemos um pouco sobre sua história através do registro da missão e do livro Santos, volume 3, nas páginas 296 a 299. Esse encontro ocorreu quando participou de uma palestra ministrada pelos missionários, evento do qual tomou conhecimento por meio de um anúncio no jornal local. Pertencente à segunda geração de sua família no Brasil, Bertha, então com 28 anos, decidiu participar da reunião mencionada no jornal, após um dia fatigante com sua família. Após a reunião, experimentou uma crise de asma, sendo aliviada após receber uma bênção de saúde. Esse episódio motivou sua busca mais aprofundada sobre a igreja, culminando em sua decisão de ser batizada algumas semanas depois, em 14 de abril de 1929. Esse dia marcou os primeiros batismos no Brasil, realizados nas águas do rio Cachoeira. Bertha não reteve seu testemunho apenas para si, e vários de seus vizinhos foram influenciados a visitar a igreja, resultando no batismo de alguns deles. Seu nome é recorrente em relatos e fotografias, revelando sua significativa influência no cenário religioso em Joinville.

Figura 35: *Batismo de Bertha Sell em 14 de abril de 1929*



Esse foi o primeiro batismo da missão no Brasil. Acervo pessoal de James Harvey Clark

Figura 36: Família Sell em 1929



Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/163634171?cid=mem_copy>.

Figura 37: Primeira presidência da Sociedade de Socorro na América do Sul



Pres. Toni Barch (esquerda) - 1ª Cons Martha Otto (direita) - 2ª Cons Margareta Buchli (centro). Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/15876224?cid=mem_copy>.

A primeira Sociedade de Socorro estabelecida no Brasil teve Martha Toni (Merz) Barsch³¹ como presidente, contando com Martha Johanna Otto³² e Margarete Charlotte Louise (Kerger) Buechli como conselheiras. A primeira organização da

³¹ Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/sources/KWJN-555>>. Acesso em: 26/09/2023.

³² Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/memories/KWZ5-GDN>>. Acesso em: 26/09/2023.

Sociedade de Socorro na América do Sul, ocorreu em 11 de outubro de 1933 na ala Joinville³³. A ala Joinville foi oficialmente estabelecida em 6 de julho de 1930³⁴, e, até aquele momento, as reuniões da Sociedade de Socorro, bem como outras classes denominadas auxiliares, não ocorriam de maneira oficial.

Embora os trabalhos missionários tenham se iniciado em Buenos Aires, os registros deixam claro que a primeira reunião da Sociedade de Socorro na América do Sul ocorreu no Brasil. A presidente dessa organização, Martha Toni Barsch, foi batizada em 28 de agosto de 1933³⁵, pelos missionários J. Reed Burgener e Reed E. Bayles, menos de dois meses antes de ser designada para liderar as mulheres de sua ala. Dorly Biscaia, neta de Martha Toni com quem entrei em contato, conta um pouco da história da sua avó, primeira presidente da Sociedade de Socorro na América do Sul.

Figura 38: Família Barsch, 1935



Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/assets/099673f0-f648-4be0-8679-89e14ed12781/0/6?lang=eng>>.

³³ South American Mission, compiled by Andrew Jenson, p. 147.

³⁴ South American Mission, compiled by Andrew Jenson, p. 119.

³⁵ South American Mission, compiled by Andrew Jenson, p. 145.

Toni Martha Barsh, nasceu na Alemanha e aos oito anos de idade ela e sua família vieram para o Brasil. Se estabeleceram em Joinville, onde passaram algumas dificuldades, eram de uma família humilde e simples. Em 1933, quando já era casada, conheceu a Igreja. Na ocasião se batizaram ela, o marido, Alvin Heinrich Nicolaus Barsch, e uma filha, Dora Barsch, que na ocasião tinha 10 anos de idade. Depois os outros filhos foram sendo batizados ao atingir a idade de oito anos, considerada como a idade que a ordenança deve ser feita dentro da instituição.

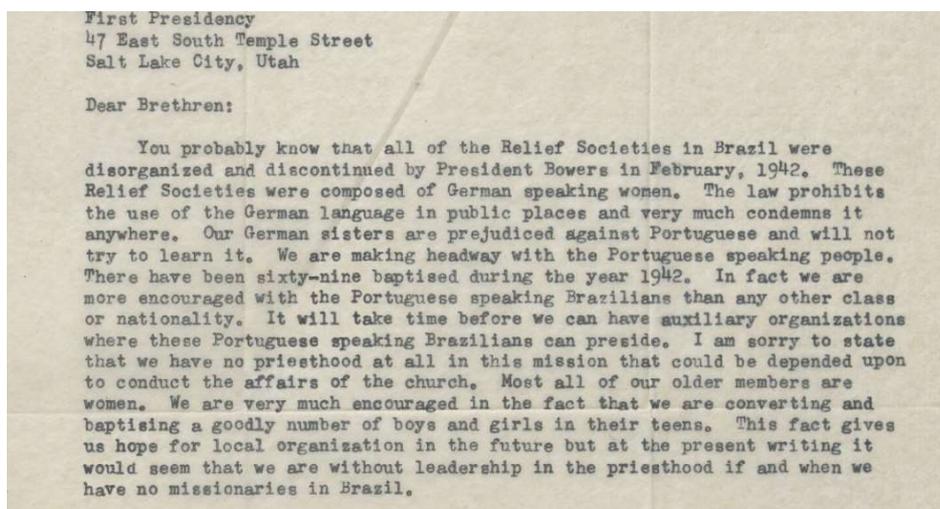
Figura 39: Família Barsch



Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/172651191?cid=mem_copy>.

Dorly fala sobre o momento em que houve muitas mudanças nas organizações da igreja, entre o ano de 1942 e 1948. A Segunda Guerra Mundial fez com que o governo brasileiro, presidido por Getúlio Vargas no momento, proibisse reuniões e publicações em alemão, entre outros idiomas. Nesse momento a Sociedade de Socorro foi descontinuada, já que a maioria das irmãs, inclusive a presidência, só se comunicavam em alemão. Sobre esse período gostaria de destacar uma parte da carta que o presidente da missão brasileira, William W. Seegmiller, enviou para a primeira presidência.

Figura 40: Carta do presidente da missão brasileira para a primeira presidência da igreja em 1943



First Presidency
47 East South Temple Street
Salt Lake City, Utah

Dear Brethren:

You probably know that all of the Relief Societies in Brazil were disorganized and discontinued by President Bowers in February, 1942. These Relief Societies were composed of German speaking women. The law prohibits the use of the German language in public places and very much condemns it anywhere. Our German sisters are prejudiced against Portuguese and will not try to learn it. We are making headway with the Portuguese speaking people. There have been sixty-nine baptised during the year 1942. In fact we are more encouraged with the Portuguese speaking Brazilians than any other class or nationality. It will take time before we can have auxiliary organizations where these Portuguese speaking Brazilians can preside. I am sorry to state that we have no priesthood at all in this mission that could be depended upon to conduct the affairs of the church. Most all of our older members are women. We are very much encouraged in the fact that we are converting and baptising a goodly number of boys and girls in their teens. This fact gives us hope for local organization in the future but at the present writing it would seem that we are without leadership in the priesthood if and when we have no missionaries in Brazil.

Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/record/ebf18c7f-6e2c-4545-ae2-522adccc3da0/0?view=browse&lang=eng>>.

Nesse recorte, o presidente Seegmiller explica sobre a suspensão da Sociedade de Socorro após a proibição das reuniões em alemão. Ele salienta o fato delas (as mulheres que trabalhavam na organização) terem dificuldade em aprender o novo idioma e de a maioria dos membros mais antigos no Brasil serem mulheres. Destaca a falta de portadores do sacerdócio, que é dado somente para os homens, e que isso dificulta a organização de uma liderança da igreja local. Os missionários normalmente ficam responsáveis pela maioria dos cargos das organizações, nesse momento muitos deles estavam voltando para o país de origem por causa da convocação para guerra. Outro ponto trazido na carta é o esforço que eles, o presidente Seegmiller, a esposa e os missionários, estão fazendo para aprender português e encontrar conversos que falem português, mas que isso vai levar algum tempo, colocando assim a esperança nos jovens que estão sendo batizados, como futura liderança do país.

Em 1949, segundo as memórias de Dorly, a sociedade de socorro foi reorganizada e sua avó e Gerda Siedchlag, de quem irei falar mais posteriormente, voltaram a trabalhar na organização. Martha Toni não deixou cartas, ou diários, registrando esse período, e tudo que se sabe são histórias passadas de geração em geração. Os descendentes dela parecem se orgulhar e buscar continuar o trabalho feito por ela nesse início da igreja no país. Dorly conviveu pouco tempo com a avó,

que faleceu aos 60 anos de idade, em 26 de agosto de 1962, apesar de, para a lembrança de Dorly da época, ela parecer ser muito mais velha.

Figura 41: Martha Toni, seu marido e filha, Gisela



Acervo pessoal de Dorly Biscaia

Martha Johanna Otto e Margarete Charlotte Louise (Kerger) Buechli, chamadas como conselheiras, tinham alguns anos como membros, foram batizadas no mesmo dia, 9 de janeiro de 1930³⁶, pelo missionário Emil A. J. Schindler.

Martha Johanna Kasten morou sua vida toda em Joinville, onde se casou com Carl Otto em março de 1913. Somente muitos anos depois ela e sua família conheceram os missionários e se batizaram. Antes disso eles eram luteranos e ao se converterem para essa nova denominação que havia chegado a pouco tempo na região, em 1930, passaram a sofrer perseguição do seu antigo líder religioso. Todas as histórias que tive acesso sobre sua vida vem dos relatos de seus descendentes, como o de sua bisneta, Denise Rieper, que foi disponibilizado no site Family Search.

³⁶ South American Mission, compiled by Andrew Jenson, p. 115.

Figura 42: Família Otto



Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/assets/099673f0-f648-4be0-8679-89e14ed12781/0/6?lang=eng>>.

Seis meses depois de seu batismo, Carl Otto faleceu, o pastor luterano da igreja que eles faziam parte afirmou para Martha que ele havia morrido por ter se batizado na igreja mórmon. No relato³⁷ da bisneta de Martha, Denise, podemos ver que sua vida foi desafiadora. O marido faleceu quando ela tinha 43 anos, deixando-a sozinha com os quatro filhos adolescentes e uma série de compromissos financeiros para cumprir. Ela precisou trabalhar durante o dia, em uma fábrica de velas (Weltzel), e à noite limpava a igreja luterana para complementar a renda familiar.

³⁷Disponível em: <[https://www.familysearch.org/photos/artifacts/117751896?p=34136118&returnLabel=Martha%20Johanna%20Kasten%20\(KWZ5-GDN\)&returnUrl=https%3A%2F%2Fwww.familysearch.org%2Ftree%2Fperson%2Fmemories%2FKWZ5-GDN](https://www.familysearch.org/photos/artifacts/117751896?p=34136118&returnLabel=Martha%20Johanna%20Kasten%20(KWZ5-GDN)&returnUrl=https%3A%2F%2Fwww.familysearch.org%2Ftree%2Fperson%2Fmemories%2FKWZ5-GDN)>. Acesso em: 26/09/2023.

Figura 43: Família indo para igreja



Acervo da família Rieper Silva. Martha Joanna Kasten Otto é a mulher de cabelos brancos na carroça. Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/15873468?cid=mem_copy>.

Quando foi chamada como secretária da Sociedade de Socorro já era viúva e trabalhava para manter sua família. Apesar dessa grande carga servia em seu chamado com dedicação. Sua bisneta cita uma conversa que teve com uma amiga e companheira de visitas³⁸ de Martha Otto na organização das mulheres, Gerda Siedchlag, que afirma que mesmo durante o câncer de mama, doença que Martha enfrentou e causou sua morte aos 76 anos, ela fazia seu trabalho e andava em sua bicicleta para visitar as irmãs da igreja.

Certamente podemos considerar Martha Otto uma agente importante em sua comunidade. A sua religiosidade serviu para além do transcendental, mas como um apoio para padrões morais que ela acreditava e como auxílio na criação dos filhos. Além disso, seu legado familiar tem importante repercussão quando conseguimos ver os relatos divulgados por seus descendentes, além das fotos compartilhadas contando um pouco de sua vida.

³⁸ A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias tem um programa, dentro da organização da Sociedade de Socorro, que era conhecida como professoras visitantes e hoje recebe o nome de ministradoras. Nesse programa duplas de mulheres ficam responsáveis por algumas outras, e durante o mês devem entrar em contato e procurar deixar uma mensagem ou ajudar aquela irmã com suas necessidades.

Figura 44: Gerda Maria Olga Siedschlag



Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/15876541?cid=mem_copy>.

Gerda, que já foi citada por outros descendentes dessas pioneiras, morreu recentemente, em 26 de junho de 2023, aos 100 anos de idade. Consegui o contato do filho dela, mas ele disse não ter nada para contribuir com o registro. Encontrei fotos dela no site do FamilySearch. Segundo Denise, bisneta de Martha Otto, em 2020 Gerda continuava viva, lúcida e fiel ao evangelho. Ela e seu marido foram os primeiros a ter sua cerimônia de casamento celebrada na capela de Joinville, sendo essa a primeira capela da igreja na América do Sul. Fora essas poucas informações que consegui obter sobre sua vida, não conseguindo saber sobre chamados e experiências que teve ao longo de sua participação na igreja.

Figura 45: Gerda, Guilherme e seu filho



Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/person/memories/GK2V-CFG>>.

Figura 46: Elders Rex Cluff, Melvin Cannon, Reed Bayles, J. Peter Loscher with Buchli family in Joinville



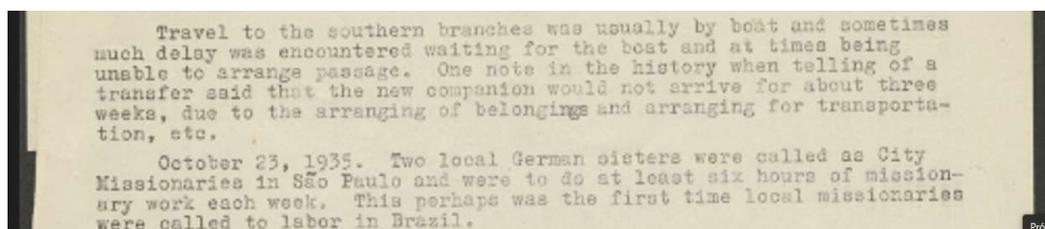
Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/assets/099673f0-f648-4be0-8679-89e14ed12781/0/6?lang=eng>>.

Margarete Charlotte Louise (Kerger) Buechli, a segunda conselheira da primeira presidência da Sociedade de Socorro da América do Sul, aparece nos registros da igreja, tanto no manuscrito como no datilografado, só citando seu nome e batismo, entretanto, não encontrei nada sobre ela além desses registros. Essa foto acima, disponível no site Church History Catalog, mostra os missionários com a família Buechli (Buchli), que acredito ser a família de Margarete, entretanto, não aparece o nome das pessoas que estão na foto, fora os missionários, na legenda de descrição.

Não encontrei registros familiares, nem nenhum documento sobre ela. Como estou afirmando ao longo desse trabalho, esses apagamentos são muitos, e muitas histórias e contribuições foram perdidas por não existir o cuidado de se fazer o registro no período próximo aos acontecimentos. Margarete Büechli tem seu nome registrado, mas não sabemos mais nada sobre sua jornada dentro da instituição.

Em 23 de outubro de 1935, duas mulheres alemãs, então residentes em São Paulo, Irmãs Elisabeth Guilhermina Anna Busse (Tia Lili) e Erna Augusta Siedschlag (Forster) foram chamadas como Missionárias Urbanas e nessa designação deveriam dedicar 6 horas semanais à obra missionária.

Figura 47: Trecho do Sumário da história da igreja



Disponível no Sumário da história da igreja no Brasil página 2.

Elisabeth Guilhermina, mais conhecida como Tia Lili, nasceu na cidade de Joinville em 14 de agosto de 1909 e foi batizada em 3 de fevereiro de 1935³⁹. A princípio percebi que ela era muito querida pelos missionários da época, que chamavam ela por esse apelido carinhoso (tia Lilly), que aparece nas cartas dos missionários.

³⁹ South American Mission, compiled by Andrew Jenson, p. 158.

Figura 48: Sister Busse

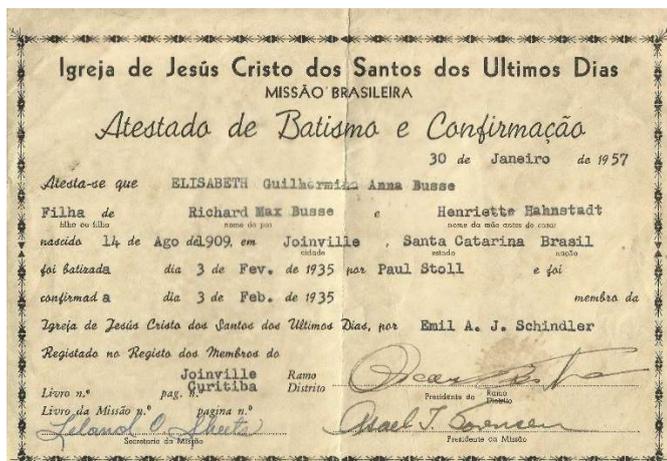


*Uma das primeiras missionárias urbanas em SP. Disponível em:
<https://www.familysearch.org/photos/artifacts/126434998?cid=mem_copy>.*

No relato do Élder Stoll é registrado que em 31 de janeiro de 1935 foi feita uma visita a Lilly Busse, que morava com seu tio em Cubadão, São Paulo, acredito que ele se referia a cidade de Cubatão e que o Élder Stoll se enganou na escrita. Nessa ocasião ficou tudo combinado para seu batismo no domingo seguinte. Elder Stoll batizou Lilly e Elder Schindler a confirmou⁴⁰ como membro da igreja. Entretanto, fora algumas fotos, breves citações e datas, não existia nenhuma história ou experiência da irmã Busse após seu batismo e o registro de seu chamado como missionária urbana. Ela faleceu em 30 de março de 2001, aos 91 anos.

⁴⁰ A confirmação é uma ordenança dentro da igreja ministrada a todas as pessoas que se batizam. Nessa ordenança os portadores do sacerdócio colocam as mãos sobre a cabeça da pessoa e proferem uma bênção onde elas recebem a companhia do Espírito Santo e são confirmadas membros da igreja.

Figura 49: Certificado de batismo Irmã Busse



Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/126434062?cid=mem_copy>.

Durante minha busca encontrei fotos dela na sua página do FamilySearch e identifiquei quem era o responsável por disponibilizar essas fotos. Dentro da plataforma existe a possibilidade de enviar mensagens para outros usuários e utilizando essa ferramenta mandei, através de um chat, meu e-mail e telefone para o contato que aparecia lá como harveyjamesclark. Fiz isso com todas as mulheres que fizeram parte desse início da história da instituição, mas houve poucos retornos.

Figura 50: Lilly Busse com os missionários



À esquerda James Harvey Clark e à direita George Cannon Adam. Disponível em: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/121263399?cid=mem_copy>.

James Harvey Clark foi missionário no Brasil em 1963. Depois da mensagem que deixei no FamilySearch, ele entrou em contato comigo e fizemos uma chamada de vídeo onde contou um pouco o que sabia sobre Lilly e alguns outros membros da época. Além disso, mostrou algumas fotos do Brasil que ele tirou durante e depois da missão, quando voltou ao país. Durante parte desse período que viveu como missionário no Brasil, os quatro meses que serviu em Joinville, ele e seu companheiro de missão moraram no duplex que Lilly alugava para os missionários.

Figura 51: Elisabeth Guilhermina Busse



Acervo pessoal de James Harvey Clark

Na chamada de vídeo, que eu pedi autorização para gravar, ele compartilhou suas experiências na missão, e consegui entender por que os missionários pareciam ter um carinho especial por Elisabeth Busse. Ela esteve muito presente na vida deles, já que alugava uma espécie de kitnet, que ficava na sua propriedade, e ajudava os missionários quando precisavam de serviços domésticos. Descobri, depois dessa conversa, que quando James chegou em Joinville, como missionário, Elizabeth Busse estava inativa⁴¹.

⁴¹ Dentro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias, quando um dos membros para de frequentar e viver os padrões ensinados pela instituição, essa pessoa é denominada como um membro inativo.

Para explicar o motivo dela estar inativa, ele falou um pouco sobre a diferença da cultura alemã e brasileira e disse que dentro da igreja essas diferenças, algumas vezes, geram conflitos. Ele não especificou o que aconteceu, mas disse que acredita que algum tipo de conflito cultural levou Lilly a ficar inativa. Durante o período em que foi proibido o uso da língua alemã no país vários conflitos aconteceram dentro da instituição. Muitos membros não gostaram da perseguição à cultura alemã que estava acontecendo, no período em que o presidente da missão era Seegmiller foram recolhidos os materiais em alemão, alguns membros disseram que esse material foi queimado e se ofenderam com essa atitude. Tudo isso são suposições, mas o fato é que nesse período tia Lilly não estava frequentando as reuniões.

Ele afirmou que quando chegou em Joinville procurou o registro de membros da localidade e, ao olhar os registros, viu o nome dela e resolveu, junto com o companheiro, fazer uma visita à irmã Busse. Nessa visita sugeriram o aluguel do duplex (assim ele chama o lugar que alugaram) e perguntaram se ela poderia ser “empregada”⁴² deles o que ela aceitou. A partir desse momento Guilhermina começou a frequentar a igreja com eles, e foi nesse momento que James Clark descobriu que ela havia servido como umas das primeiras missionárias da igreja no Brasil.

Figura 52: Sister Schum, Sister Busse, Brother and Sister Wollenweber, and Elder Emil Schindler



São Paulo, 1935. Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/assets/099673f0-f648-4be0-8679-89e14ed12781/0/6?lang=eng>>.

⁴² Na conversa ele usa a palavra “maid” que inglês significa empregada doméstica.

De acordo com os documentos e com Clark, Lilly nunca se casou. Além disso, ela esteve ativa na igreja até seu falecimento em 2001. Nessa parte da história James se emocionou ao contar que veio ao Brasil em 2001 e entrou em contato com os membros de Joinville. Quando pediu para combinar um encontro com Lilly descobriu que ela havia falecido fazia três meses. Ele destaca que após o fim de sua missão os outros missionários continuaram morando no duplex da tia Lilly durante décadas e que ela chegou a ser diretora do coral da ala que fazia parte. Ele também falou sobre uma festa feita na capela em comemoração aos seus 90 anos, o que demonstra sua importância dentro daquela congregação até os últimos dias de sua vida.

Figura 53: Elisabeth Busse aos 90 anos



Acervo Pessoal James Harvey Clark

A outra missionária que foi chamada junto com Guilhermina foi Erna Augusta Siedschlag, que nasceu em 28 de agosto de 1911⁴³, e se batizou em 3 de setembro de 1930.⁴⁴ Assim como aconteceu com algumas outras mulheres desse período, não encontrei nada além da breve citação do seu chamado como missionária e seu registro de batismo. Ela era irmã do marido de Gerda, pelo que está disponível na árvore genealógica das duas. Os registros disponíveis no FamilySearch, como datas e fotos, são disponibilizados por familiares ou pesquisadores e no caso da Erna encontrei o contato de um sobrinho dela. Ao mandar um e-mail para o endereço

43 South American Mission manuscript, p. 66.

44 South American Mission, compiled by Andrew Jenson, p. 121.

disponibilizado no FamilySearch, fui respondida com uma mensagem dizendo que ele conhecia histórias e possuía fotos de Erna. Afirmou que a tia havia se afastado da igreja depois de alguns anos como membro. Respondi o e-mail perguntando se seria possível disponibilizar as fotos e documentos que ele tinha e se ele estaria disposto a conversar, entretanto ele parou de responder os e-mails e não enviou nenhum dos documentos que disse possuir. Esse tipo de desafio é comum dentro desse tipo de pesquisa.

Figura 54: Erma and Helena Siedschlag and Sister Pollack, Curitiba



Disponível em: <<https://catalog.churchofjesuschrist.org/record/c276afab-58c8-4b0e-a32e-3e402e078f54/0?view=browse&lang=eng>>.

O registro sobre essas mulheres e de como viviam nesse período é escasso. Enfrentamos desafios como pesquisadoras ao tentar saber mais sobre suas histórias, dependemos da conservação de fotos, diários e cartas feita pelos familiares dessas mulheres, que muitas vezes não veem importância nesses documentos. Frases pequenas e sem detalhes é o que conseguimos através do registro da missão, ou em relatos rápidos dos missionários que aqui estiveram. O processo de mostrar essas mulheres que foram silenciadas ou apagadas da história se torna quase impossível, a falta de documentos e escritos feitos por elas dificulta entender o papel que desempenharam dentro da instituição e sua visão sobre todo o trabalho realizado.

Na contemporaneidade, é possível, e até mesmo comum, observar a participação ativa de mulheres em conferências gerais, liderança e tomada de decisões dentro da instituição conhecida como igreja dos Mórmons. Este fenômeno marca uma transformação significativa em comparação a períodos anteriores, indicando uma evolução na abertura de espaços e oportunidades para as mulheres dentro das estruturas eclesiais. Mas mesmo com essa participação, vemos a diferença de representatividade dentro desses lugares de poder.

Ao pensar nessa mudança que parece estar acontecendo, será que elas estão presentes nos registros, não só como personagens, mas como agentes, fazendo esses registros? A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias tem se esforçado em construir um compilado da história da igreja desde seus primeiros anos. Investe muito dinheiro em digitalização e armazenamento de documentos. Quantas mulheres estão presentes nessas equipes de conservação e seleção, quantas têm poder de decidir o que será apresentado? A representatividade tem um peso grande na decisão do que será guardado, do que é importante, do que merece prioridade na digitalização etc.

Entre os colaboradores de Santos, livro que conta a história da igreja desde 1815, não existe nenhuma mulher. Entre os editores gerais, escritores e editores do volume 1 são 4 mulheres, no volume 2 são 7 mulheres. Tendo uma visão otimista, conseguimos ver que com o passar dos volumes o número de mulheres na equipe técnica foi aumentando. No volume 3, que contabilizam 16 pessoas na área técnica, de editores e escritores, 9 são mulheres. Existe um movimento de mudança dentro da instituição, mas é algo que está acontecendo lentamente e que precisa ser transformado em mudança nesses registros. Dentro do volume 3 de Santos a única história de mulher brasileira que aparece é a de Bertha Sell, que ocupa três páginas.

Tendo em vista que o livro busca englobar a história da igreja em todo o mundo, é compreensível não falar de todas essas mulheres, mas o fato da primeira organização da sociedade de socorro na América do Sul ter ficado de fora mostra que esse tipo de organização e visão da história da instituição no Brasil foi colocada como secundária. Assim como a participação de Roberta na tradução de Doutrina e Convênios. Esses fatos reforçam a importância de uma maior participação de

mulheres no fazer desses registros, suas ações contribuíram para o estabelecimento da instituição no país, e essas ações precisam estar presentes nos registros históricos da instituição. Todo material usado no proselitismo da instituição é produzido por ela mesma, qual o peso das mulheres nesse espaço? Desde o primeiro livro traduzido, O Livro de Mórmon, temos uma mulher, Emma Smith, trabalhando para que essa tradução aconteça. Muitos hinos e outros materiais didáticos tiveram mulheres envolvidas na escrita e tradução. É preciso registrar essas presenças, fazer com que elas façam parte da narrativa histórica da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Reforma Protestante está repleta de mulheres que, de variadas formas, influenciaram e sustentaram sua propagação e permanência ao longo do tempo. Entretanto, ao examinarmos os registros históricos, constatamos que a contribuição feminina foi sistematicamente apagada e silenciada por séculos nos registros oficiais. Esta prática de silenciamento não se restringiu ao âmbito religioso, sendo aplicada de maneira mais ampla na história da sociedade como um todo. Conforme salientado por Bourdieu, a naturalização da submissão e inferiorização das mulheres foi concretizada com o respaldo de diversas instituições e agentes de poder. O contexto religioso emergiu como um espaço no qual esses mecanismos de reprodução da opressão foram fortalecidos e legitimados, distante por muito tempo dos discursos de liberdade e igualdade.

É essencial analisar cada evento à luz de seu contexto, conforme proposto por Fernanda Henriques (2021) ao discutir Elisabeth Schussler Fiorenza. A atualização dessas interpretações visa resgatar a história e o papel desempenhado por essas mulheres, desafiando a narrativa tradicional. A compreensão de que durante a Reforma houve rupturas com as normas sociais estabelecidas e que a naturalização da submissão foi questionada, por algumas das agentes religiosas da época, fortalece as atuais discussões sobre a desconstrução da dominação masculina. Trabalhos contemporâneos, como o livro de Rute Salviano de Almeida e Jaqueline Pinheiro, buscam reconfigurar a representação das mulheres em movimentos religiosos, destacando a importância de reinterpretar produções históricas sob a influência de um *habitus* social predominantemente masculino.

Por isso, as traduções, os registros e as interpretações têm um viés masculino. Como defendia Fiorenza, a hermenêutica da suspeita se aplica nessa nova jornada de encontrar essas mulheres, não existe essa neutralidade que por muito tempo foi defendida na hermenêutica dos textos bíblicos, não existe neutralidade na produção de qualquer trabalho. O passado está em constante transformação, pois, agora temos novos olhares sobre o que aconteceu.

A introdução de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Brasil, especialmente em Joinville e arredores, impactou a estrutura social da região.

A presença de missionários resultou em novas conversões e, apesar da resistência de líderes de outras denominações, a igreja gradualmente estabeleceu-se como uma força significativa nesse campo. Uma questão importante, e que não foi abordada nesse trabalho, é pensar o porquê da escolha dessa localidade. Algumas possibilidades foram levantadas, como o fato de maioria alemã, o que possibilitava a fuga da questão do sacerdócio, que não era concedido aos afrodescendentes. A questão da língua, já que as escrituras e outros materiais da igreja não haviam sido traduzidos para o português, mas já estavam disponíveis no alemão. Além da abertura dos povos alemães para religiões não católicas e a proximidade maior com a sede da missão que na época ficava na Argentina.

Auguste Lippelt desempenhou um papel crucial na quebra do *habitus* existente em relação ao papel das mulheres na sociedade e nas famílias. Mesmo enfrentando resistências, ela introduziu o Livro de Mórmon na região, promovendo o evangelho entre seus vizinhos. Esse contexto evidencia a influência significativa de Auguste no *habitus* religioso do interior de Santa Catarina, contribuindo para a redefinição do papel das mulheres na sociedade da época e destacando seu desempenho como agente social do sagrado em sua localidade.

A resistência encontrada por Auguste, notadamente por seu marido e líderes religiosos locais, demonstra a forte oposição ao novo *habitus* que ela representava. A atitude decidida de Auguste em propagar suas crenças e sua contribuição para a estruturação da igreja no Brasil destaca-se como uma peça importante na história do movimento religioso no país. O impacto de mulheres como Auguste Lippelt, Martha Otto, Elisabeth Guilhermina Anna Busse, Erna Augusta Siedschlag, entre outras, é inegável na desconstrução de normas sociais estabelecidas, especialmente em relação às mulheres.

Além da influência nas vidas das mulheres mais próximas, como suas filhas, vemos que nesse momento histórico, junto com ela, diversas mulheres ao redor do mundo estavam dando sua contribuição em áreas diversas para que o que se acreditava ser o natural para o sexo feminino fosse visto como uma imposição social. Outras mulheres contribuíram para o desenvolvimento e estabelecimento da instituição no Brasil, dentre os registros que encontramos, vemos elas participando em diversas áreas dentro da instituição religiosa.

Os movimentos feministas ao redor do mundo tiveram focos diferentes em épocas diferentes, em alguns locais as mudanças vieram através da atitude de uma pessoa e essa atitude nem recebeu o nome de feminismo. Muitas vezes as lutas não englobavam todos os problemas enfrentados por essas mulheres, porém, cada uma dessas conquistas foi importante para o cenário atual.

Ao encontrar a matriarca da família Lippelt busquei quem eram essas mulheres no início da igreja no Brasil, e encontrei muitas delas, que não são conhecidas, mas contribuíram de maneira expressiva para o estabelecimento em solo brasileiro. Ao olhar os registros do período, conseguimos ver que os primeiros membros, em sua maioria, eram mulheres com seus filhos e filhas e que muitos dos seus maridos dessas mulheres levaram algum tempo para se converter, quando isso acontecia.

Elas sediam suas casas como lugar de encontro, falavam com vizinhos e amigos e ajudavam como podiam nas reuniões. Entretanto, sendo uma organização patriarcal, somente com os missionários e quando os primeiros homens começaram a ser batizados na igreja é que a maioria das organizações e programas começaram a funcionar. Em 1935 havia 25 homens batizados, entre os quais 15 tinham o sacerdócio Aarônico, e 66 mulheres. Um dos missionários, Elder Stoll, comenta em seu registro que as mulheres eram muito mais abertas a receber o evangelho do que os homens.

Outro ponto importante dentro das religiões e que ganha destaque também dentro da igreja “mórmon” é a escrita. Podemos ver as mulheres empenhadas na escrita e criação de material dentro da religião há muitos séculos, especialmente nos livros de Rute Salviano de Almeida sobre a reforma protestante. Vemos diversas mulheres envolvidas em fazer panfletos, escrever letras de músicas e trocar correspondências nesse princípio. Aqui no Brasil, elas estavam envolvidas nesse processo e foram importantes, dentro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, no processo de tradução das obras padrão da igreja. Esse aspecto literário da instituição, e o envolvimento feminino seria material para toda uma nova pesquisa.

Após todas essas reflexões é importante entendermos que mesmo essas pessoas tendo desafiado certos aspectos da sociedade de sua época isso não as

torna perfeitas ou defensoras de todos os direitos que hoje vemos como justos e óbvios para todos os seres humanos. Como disse na introdução, a vida de uma pessoa é cheia de subjetividades e contradições. Dentro das religiões cristãs, patriarcais, existe um preconceito com o termo feminismo, que muitas vezes é visto de maneira pejorativa e é evitado pelas próprias mulheres que estão rompendo com padrões repressores e limitadores. Muitos dos valores de dominação masculina são reproduzidos pelas próprias mulheres.

A interseccionalidade ganha papel importante ao pesquisarmos sobre todas essas mulheres. Um dos maiores desafios que encontrei nessa pesquisa foi a falta de registro feito por elas, e ao refletir sobre isso e analisar os documentos que estavam disponíveis uma coisa ficou óbvia, a falta de acesso à educação. Todos os missionários e líderes que registraram sua experiência no Brasil falam sobre a humildade e pobreza que encontraram no país.

Existem descrições detalhadas das moradias, tipos de comida e aparência, e os próprios descendentes contam as histórias que ouviram e destacam como eram humildes e simples as condições em que viviam. Em uma situação como essa, papel, tinta e caneta era um recurso “supérfluo” e desnecessário. O registro que temos foi feito pelos estrangeiros que vieram servir no Brasil. O único registro feito por uma mulher que temos foi de Georgine, ele foi feito por ela muitos anos depois dos acontecimentos narrados, quando já era mais velha e existia uma maior facilidade de acesso a esse material de registro. A história de Roberta McKnight foi registrada depois de sua mudança para os Estados Unidos, onde existe uma riqueza de documentos, diários e registros da história de diversas pessoas que fizeram parte de eventos importantes dentro da instituição. Todas as outras histórias que tive acesso e estão aqui neste trabalho foram passadas oralmente de geração em geração e registradas de alguma forma por esses descendentes.

Ao comparar com as mulheres desse período na igreja dos Estados Unidos, até de décadas anteriores, existe uma riqueza muito maior de registro e fotos. Vemos nesse caso o recorte de classe, gênero e origem muito bem definido. A maioria das mulheres desse período no Brasil não eram sequer alfabetizadas, quem dirá capazes de manter um registro. Os missionários eram os detentores da narrativa desse

período. Se a oralidade não fosse levada em consideração, muitas dessas histórias estariam perdidas.

As trajetórias dessas mulheres, embora permeadas por subjetividades e contradições, representam uma resistência significativa à estrutura religiosa preexistente. Seus esforços desafiaram não apenas as normas regionais, mas também questionaram categorias abstratas e ideais universais que eram impostos às mulheres. Martha, Flora, Jacobina, Agda, Emmeline, Roberta, Eliza, Auguste, e outras protagonizaram uma ruptura essencial na estrutura religiosa estabelecida em sua região. Seus feitos merecem destaque na história das religiões no Brasil, destacando o papel fundamental das mulheres na transformação e construção de identidades religiosas e na necessidade de ganhar espaço nos registros históricos para preencher esse mar de silêncios com muitas vozes.

Reconhecer essas mulheres como agentes sociais do sagrado e manter um registro de suas ações e buscar cada vez mais documentos para basear esses registros é uma forma de romper com esses mecanismos que perpetuam a dominação em relação ao corpo e às escolhas das mulheres. Romper com o apagamento e criar uma fonte de construção da história onde o agir feminino está presente e é origem de transformação social. Seria uma nova naturalização, mas dessa vez a naturalização da agência feminina dentro das religiões.

6. REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. **Caras e modos dos migrantes e imigrantes**. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). História da vida privada no Brasil: Império – a corte nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 291- 335.

ALMEIDA, Jane Soares. **Indícios do sistema coeducativo na formação de professores pelas escolas normais durante o regime republicano em São Paulo (1890/1930)**. Educar, Curitiba: Editora UFPR, n. 35, p. 139-152, 2009.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres, educação e religião**: as interfaces do poder numa perspectiva histórica. Revista Mandrágora, p. 52-63, 2007.

ALMEIDA, Rute Salviano; PINHEIRO, Jaqueline Sousa. **Reformadoras**: Mulheres que influenciaram a reforma e ajudaram a mudar a igreja e o mundo. Rio de Janeiro: Godbooks, 2021.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro**: a religiosidade, o papel feminino, as denominações e suas pioneiras. Viçosa: Ultimato, 2022.

AMARAL, Walter Valdevino; MARQUES, Luiz Carlos Luz. Modernas... Mas Conservadoras: Associações católicas e o papel do laicato na Igreja Católica no Recife durante a Primeira República. **Revista de Teologia e Ciência das Religiões**, UNICAP, v. 3, n. 1, p. 283-305, dez. 2013.

ARONOVICH, Lola. Prefácio. In: LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: História da Opressão das Mulheres Pelos Homens. São Paulo: Cultrix, 2019, 22-30.

BLIND, Georgina Lippelt. **Historical Stories of My Life**: Resume of Historical Stories of Events That Happened in My Life. Ipoméia, 1989.

BLIND, Georgina Lippelt. **Manuscrito** em caderno da Xuxa. Aproximadamente 1990.

BLIND, Henrique João. **Ipoméia**: Parte da história da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Brasil. Videira: Êxito, 2012.

BOARINI, Maria Lúcia; YAMAMOTO, Oswaldo H. Higienismo e Eugenia: Discursos que não envelhecem. **Psicologia Revista**, v. 12, n. 1, p. 59-72, São Paulo: Educ, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**: A condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Organização: Sergio Miceli. São Paulo: Perspectivas, 2007.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 29-62.

CUNHA, Christina Vital da; MENEZES, Renata de Castro (org.). Religiões em conexão: números, direitos, pessoas. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, n. 69, p. 8-17, set. 2014. Disponível em: <https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Comunicacoes_ISER_n69.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

CHARTIER, Roger; LOPES, José Sérgio Leite. Debate: Pierre Bourdieu e a História. **Topoi: Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 139-182, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n4/2237-101X-topoi-3-04-00139.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2019.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHURCH HISTORY CATALOG. **Church Members in Brazil, 1932-1936**. Inventory. Joinville Sunday School. Church History Library. Disponível em: <<https://catalog.lds.org/assets/29ed1600-b2dd-4eef-a5e0-cbb3cea6a45b/0/1>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COPE, Rachel; EASTON-FLAKE, Amy; EREKSON, Keith A.; TAIT, Lisa Olsen (org.). **Mormon Women's History: Beyond Biography**. Lanham, Maryland: Fairleigh Dickinson University Press, 2017.

CORNWALL, Marie. **The Institutional Role of Mormon women**. In: CORNWALL, Marie; HEATON, Tim B.; YOUNG, Lawrence A. (org.). **Contemporary Mormonism: Social Science Perspectives**. Chicago: University Of Illinois Press, 1994, p. 239-263.

DA SILVA, Rubens Lima. **Os Mórmons em Santa Catarina: Origens, conflitos e desenvolvimento**. Dissertação (Mestrado), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2008.

DIAS, Maria Odila da Silva. **Teoria e Método dos Estudos Feministas**. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (ed.). **Uma Questão de Gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Rosa dos Tempos, 1992.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. v. II. Porto: Edições Afrontamentos, 1993.

ECCO, Clóvis; MARINHO, Thaís Alves; ARAÚJO, Claudete Ribeiro de. Religião e Gênero: Uma investigação do estado da arte dos estudos de gênero nos programas de pós-graduação em ciências da religião no Brasil. **Revista Mandrágora**, v. 24, n. 1, p. 5-37, 2018.

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. Concepções e objetivos da política imigratória brasileira, 1850-1889. **Revista Diálogos**, Maringá-PR, v. 26, n. 3, p. 156-184, set./dez. 2022.

Filhas em Meu Reino: A história e o trabalho da Sociedade de Socorro. Salt Lake City, Utah: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2011.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder: Ensaio feminista**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GYASI, Yaa. **O Caminho de Casa**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2018.

HENRIQUES, Fernanda. Elisabeth Schüssler Fiorenza: uma hermenêutica feminista crítica. **Revista Pistis & Praxis** 13, 2021.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**. Ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Hoje**: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

IRVING, Gordon. **Daniel Gay Shupe Interview**. The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints Oral History Program. Ogden, Utah. Transcribed by Patricia Javis. Reviewed by Gordon Irving and Daniel Shupe. Final typing by Laura Castano. 22 feb. 1973.

JUDD, David Stodard. **Roberta Mac Knight Hunt: Pioneira brasileira**. Relato feito por missionário que serviu no Brasil em 1940. Documento não datado.

KLEIN, Herberto Morôni. **Estandarte para as Nações**: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na América do Sul (1925-1973). Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2003.

LEFEVRE, Brooke R. "I Would Not Risk My Salvation to Any Man": Eliza R. Snow's Challenge to Salvific Coverture. **Journal of Mormon History**, v. 47, n. 2, p. 48-74, apr. 2021. Disponível em:

<<https://www.jstor.org/stable/10.5406/jmormhist.47.2.0048>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

LIPPELT, George Franz. Quarenta anos depois: Segundo a narrativa de George Franz Lippelt. Revista **A Liahona**, março, 1968, p. 58-59.

LOPES, Norberto; LOPES, Rosângela. **Linha Cronológica da Igreja no Brasil, 1928-2008**. [S.l.: s.n.], [s.d.].

MADSEN, Carol Cornwall. **“The Power of Combination”**: Emmeline B. Wells and the National and International Councils of Women. *BYU Studies Quarterly*, v. 33, n. 4, art. 2. Disponível em: <<https://scholarsarchive.byu.edu/byusq/vol33/iss4/2>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. **Operadores sociais do sagrado**: Direito e deveres civis. *Revista de Teologia e Ciências da Religião, UNICAP*, v. 1, n. 1, p. 217-226, dez. 2012.

MEYRER, Marlise Regina; GEVEHR, Daniel Luciano. **Mas de que não é capaz uma mulher, quando sabe desenfrear as paixões dos homens, e até imprimir ao crime o selo da religião e da piedade?** Gênero e narrativa na imigração alemã no Rio Grande do Sul. Dossiê *Relações entre Crime e Gênero: um balanço*. *Revista História (São Paulo)*, v.38, 2019.

NAKANISHI, Victor Mitsukazu. **Gênero, escravidão e religião**: a liberdade de Flora Blumer sob a perspectiva da missionária norte-americana Martha Watts (1881-1892). *Revista Tempo, Niterói*, vol. 29, n. 1, jan./abr. 2023, p. 235-255.

OLIVEIRA, Amurabi. **Bourdieu, Chartier e os Diálogos entre a Sociologia e a História**. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 5, nº 9, jul. 2013.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres do Sul*. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 278-321.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PETERSON, John DeLon. **History of the Mormon Missionary Movement in South America to 1940**. A thesis submitted to the faculty of the University of Utah in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master Of Arts, November 1961.

PINHEIRO, Fernando. **Considerations for an apology for afrodescendants in Brazil**. The Dialogue Journal. Articles/Essays – Volume 57, No. 1, 2024. Disponível em: <<https://www.dialoguejournal.com/articles/considerations-for-an-apology-for-afrodescendants-in-brazil/#>>. Acesso em: 11 abr. 2024.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social e outros escritos**. São Paulo: Cultrix, 1979.

RUBIN, Gayle. **The Traffic in Women: Notes on the “Political Economy” of Sex**. In: REITER, Rayna R. (ed.), *Toward an Anthropology of Women*. Monthly Review Press. 1975, pp. 157--210.

SANTOS, Odja Barros; MUSSKOPF, André Sidnei. **Raízes patriarcais da interpretação bíblica e leituras feministas**. *Interações*, v. 13, n. 24, p. 334-354, 31 dez. 2018.

Santos (1983-1955): Com coragem, nobreza e independência. Vol. 3. Salt Lake City, Utah, 2022.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SCOTT, Joan. *Gender: A Useful Category of Historical Analyses*. In: SCOTT, Joan. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1989.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-96.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª Ed., revisada e ampliada, São Paulo: Cortez, 2000.

SHAPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 29-62.

SILVA, Janine Gomes da. **Tensões, Trabalhos e Sociabilidades**: História de Mulheres em Joinville no Século XIX. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

SILBERMAN, Niel Asher; FINKELSTEIN, Israel. **A Bíblia Desenterrada: A Nova Visão Arqueológica do Antigo Israel e das Origens dos seus Textos Sagrados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SMITH, Darron. **The Persistence of racialized discourse in Mormonism**. Sunstone, v. 126, p. 31–33, 2003. Disponível em: <<https://sunstone.org/wp-content/uploads/sbi/articles/126-31-33.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SOUTH AMERICA MISSION compiled by Andrew Jenson. **Branch History of the South America Mission in the Districts of Argentina and Brazil**, 1925 to 1935.

SOUZA, Sandra Duarte. **Educação, trabalho e socialização de gênero**: quando ser mulher pesa mais na balança da desigualdade social. Revista Educação & Linguagem, ano 11, nº 18, jul./dez. 2008, p. 170-185. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/113/123>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Organização de Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

UC Berkeley Events. **Conversations with History** - Joan Wallach Scott. Youtube, 9 mar. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MrknwNI818Y&t=2847s>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

WOOLF, Virginia. **Three Guineas**. Annotated with an Introduction by Jane Marcus. Gen. ed. Mark Hussey. New York: Harcourt, 2006.

XAVIER, Liniker Henrique. **Marginalizadas e Transgressoras**: Um Estudo da Genealogia de Jesus Segundo Mateus a partir das Personagens Femininas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia, 2018.